



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

NADJA CECÍLIA BESERRA DE SENA

O AMOR NA PSICANÁLISE FREUDIANA: NEUROSE, SINTOMA E FANTASIA

FORTALEZA

2018

NADJA CECÍLIA BESERRA DE SENA

O AMOR NA PSICANÁLISE FREUDIANA: NEUROSE, SINTOMA E FANTASIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Ênfase: Psicanálise e Práticas Clínicas.

Orientadora: Profa. Dra. Laéria Beserra Fontenele.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S477a Sena, Nadja Cecília Beserra de.
O amor na psicanálise freudiana: neurose, sintoma e fantasia / Nadja Cecília Beserra de Sena. – 2018.
106 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Laéria Beserra Fontenele.
1. Psicanálise. 2. Amor. 3. Freud. 4. Sintoma. I. Título.

CDD 150

NADJA CECÍLIA BESERRA DE SENA

O AMOR NA PSICANÁLISE FREUDIANA: NEUROSE, SINTOMA E FANTASIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.
Ênfase: Psicanálise e Práticas Clínicas.

Aprovada em ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Laéria Beserra Fontenele (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Karla Patrícia Holanda Martins
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Osterne Nonato Maia Filho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Ao Paulo e ao João Rafael.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa auxílio.

À professora Laéria Fontenele, minha orientadora, por ter me aceitado como orientanda e por ter contribuído muito para o meu crescimento nessa caminhada. A Laéria é tão grande e tão generosa que nos estende a mão e nos ajuda a crescer.

À professora Karla Patrícia Martins a quem eu tive a honra de ter na minha banca e a sorte de ter como supervisora nos meus estágios clínicos na graduação. A Karla é uma referência e uma inspiração para mim, a voz dela ecoa como um guia na minha caminhada profissional.

Ao professor Osterne, também membro da minha banca e meu professor na graduação, com quem eu tive o primeiro contato com a teoria psicanalítica.

Ao Laboratório de Psicanálise da UFC, em especial ao Miguel pela acolhida.

Ao Elder e a Eveline da Coordenação da Pós-graduação em Psicologia da UFC, sempre muito atenciosos, prestativos e gentis.

Ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise- sessão Fortaleza, escola da minha formação e que contribuiu com a minha bagagem teórica para que eu chegasse aqui. Em especial, ao Antônio Secundo, um mestre e amigo que muito me ajudou no desenvolvimento deste projeto.

Ao meu amigo Bibi, perto dele meus dias são melhores.

Ao meu amigo Leozão, parceiro das baladas e responsável por muitas das minhas risadas.

Aos amigos da cuíca: Soraya, Kita, João Theophilo, Antônio Carlos e Viana, amigos do samba para a vida.

Ao meu amigo Mauro Reis por todo auxílio e companheirismo nessa jornada.

Aos meus avós Alzira e Petrônio (in memorian), de quem eu mais recebi amor na vida.

A minha tia e parceira Alice Niêdja (in memorian), minha melhor amiga nessa existência.

Aos meus pais Nádia e Sena, sem o apoio deles, nada seria possível.

As minhas irmãs Naiara, Desirée, Bruna e Nara, por todo apoio, principalmente a Bruna e a Nara que se dedicam tanto aos cuidados com o meu filho.

Ao meu sobrinho Théó, eu nem sabia que tia amava tanto!

Ao meu filho João Rafael, pela paciência e compreensão. Tudo que eu possa escrever sobre o amor jamais abarcará o amor que sinto por ele.

Ao Paulo, meu ex-marido, que muito me ajudou para a realização deste sonho.

E a Deus, a quem eu ofereço a minha maior gratidão.

"O amor como acontecimento deixa marcas e lembranças em nossas vidas. No instante em que acontece o amor, simplesmente amamos... Amar significa inventar sentidos para tudo o que nos cerca. Ama-se o outro por um sorriso, uma voz, um olhar... Ama-se para colocar em cena o desejo ou para aprisioná-lo na doce ilusão amarga de que o outro a quem se ama tem o que nos falta..." (Nadiá Paulo Ferreira).

RESUMO

Essa dissertação relata os resultados de nossa pesquisa acerca da evolução da discussão do amor na obra de Sigmund Freud que procurou nos habilitar a refletir sobre questões surgidas no âmbito de nossa clínica com pacientes de estrutura neurótica, cujas queixas têm por objeto os infortúnios de seus laços amorosos e suas dificuldades de se desvencilharem deles. Primeiramente, a partir do estudo da primeira tópica freudiana, demonstramos como nos primórdios de suas elaborações teórico-clínicas, Freud estabeleceu o vínculo entre amor e sexualidade, de modo que em muitos momentos tais aspectos se confundem. Em seguida, detivemo-nos nas relações entre a pulsão, o amor e a sexualidade, bem como na dimensão narcísica do amor implicada na relação do eu com os investimentos libidinais. Tratamos, ainda, da relação entre a clínica psicanalítica e o amor, mediante o conceito de transferência e sua dimensão clínica, a qual nos permitiu sinalizar o liame entre sintoma e amor de transferência. Em sequência, tratamos de detectar os impactos da introdução do novo dualismo pulsional, que caracteriza a segunda tópica freudiana, na concepção freudiana de amor. Por último, realizamos a discussão sobre o modo como se dá a incidência do amor nas formas mais frequentes de neuroses que se fazem presentes na clínica psicanalítica: a histeria e a neurose obsessiva. Nesse momento, tivemos por substrato metodológico o Caso Dora e o Caso do Homem dos Ratos e, a partir disso, buscamos apreender as relações entre sintoma, amor e fantasia. Apesar de nossa pesquisa ter se dedicado à análise dos principais textos de Freud que tratam de nosso objeto de pesquisa, consideramos que tal fato não anula a sua vinculação com a clínica, na medida em que, com ela, buscamos discutir achados e problemas que brotaram de nossa experiência e, com isso, a mesma contribuiu para o avanço de nossa própria trajetória para com a psicanálise e para o relançamento de nossas inquietações, não apenas acerca da dimensão imaginária do amor, mas também de suas dimensões simbólica e real. Nesse sentido, a pesquisa contribuiu para que pudéssemos nos munir dos fundamentos freudianos acerca do amor que poderão nos facilitar, futuramente, no estudo dos encaminhamentos dados por Lacan ao amor, na medida em que eles poderão nos conduzir, mais adiante, em nossos questionamentos clínicos em torno dos impasses amorosos com que se confrontam os sujeitos de estrutura neurótica.

Palavras-Chave: Psicanálise. Amor. Freud. Sintoma.

RESUMÉ

Cette thèse rapporte les résultats de nos recherches sur l'évolution de l'amour dans l'oeuvre de Sigmund Freud, qui cherchait à nous permettre de réfléchir à des questions qui se posent dans le contexte de notre clinique avec des patients de structure névrotique dont les plaines ont pour objet malheurs de leurs liens d'amour et leurs difficultés à s'en débarrasser. D'abord de l'étude du premier freudien d'actualité, nous montrons comment dans les premiers stades de leurs élaborations cliniques théoriques. Freud établit le lien entre l'amour et la sexualité de sorte que dans de nombreux cas, ces aspects sont confus. Ensuite, nous attardons sur les relations entre la pulsion, l'amour et la sexualité, aussi que sur la dimension narcissique de l'amour implique dans la relation de soi aux investissements libidinaux. Nous traitons également de la recherche entre la clinique psychanalytique et l'amour, la médiane le concept de transfert et sa dimension clinique, ce qui a nous permis de signaler le lien entre symptôme, amour et transfert. Dans un second temps, nous essayons de détecter les impacts de l'introduction du nouveau dualisme de pulsion, qui caractérise la seconde actualité freudienne, dans la conception freudienne de l'amour. Enfin, nous discutons de la façon dont l'insidience de l'amour se produit dans les formes les plus fréquentes des névroses présentes dans la clinique psychanalytique: hystérie et névrose obsessionnelle. À ce moment, nous avons eu le méthodologie Dora et L'homme des Rats et de la nous cherchons à appréhender les relations entre symptôme, amour et fantasme. Bien que nos recherches aient été consacrées à l'analyse des principaux textes de Freud traitant de notre objet de recherche, avec elle, nous avons essayé de discuter des résultats et des problèmes découlant de notre expérience et, avec cela, nous avons contribué pour l'avancement de notre propre trajectoire vers la psychanalyse et pour la relance de nos préoccupations non seulement dans la dimension imaginaire de l'amour, mais aussi de ses dimensions symboliques et réelles. En ce sens, la recherche a permis aux fondations freudienne de nous entourer d'amour qu'ils peuvent nous donner, à l'avenir, l'étude des références données par Lacan à l'amour, dans la mesure où ils peuvent nous mener plus loin dans nos questions cliniques autour des impasses d'amour avec lesquelles les sujets de la structure névrotique sont confrontés.

Mots-clés: Psychanalyse. Amour. Freud. Symptôme.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 SOBRE O AMOR NOS PRIMÓRDIOS DA PSICANÁLISE E NA PRIMEIRA TÓPICA FREUDIANA	17
2.1 Os estudos freudianos sobre a histeria: amor e sexualidade	17
2.2 A teoria da sexualidade: amor e pulsão	21
2.3 Outras contribuições de Freud à psicologia do amor	28
2.4 O amor no tratamento analítico: o amor de transferência	33
2.5 O amor na metapsicologia freudiana: o amor, o narcisismo, os destinos da pulsão e o luto do objeto	37
3. O AMOR NA SEGUNDA TÓPICA FREUDIANA: AMOR, PULSÃO DE MORTE E REPETIÇÃO	46
3.1 O amor, a repetição e o masoquismo	47
3.2 Identificação, amor e paixão	54
3.3 O amor, a cultura e a busca por ser feliz	59
4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR NA HISTERIA E NA NEUROSE OBSESSIVA	66
4.1 O sintoma neurótico	66
4.2 Dora: amor, sintoma e fantasia na histeria	68
4.3 O Homem dos ratos: amor, sintoma e fantasia na neurose obsessiva	80
4.4 Fantasia, neurose e amor	90
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	103

1 INTRODUÇÃO

Para além de um simples tema de interesse ou provocador de estranhamento, o amor é identificado por Freud como sendo um elemento nuclear da experiência psicanalítica e, ao mesmo tempo, como aquilo que fornece as condições para o trabalho do analista. Precisamente, quanto a isso, no dia 30 de janeiro de 1907, em uma das famosas reuniões das quartas-feiras – ocasiões em que se encontrava com seus primeiros pares analistas para o debate teórico-clínico em torno da nascente prática psicanalítica – referiu-se à Psicanálise como um “tratamento pelo amor”, na medida em que descobriu na transferência aquilo que fornece o poder ao analista, no sentido de levar o neurótico a renunciar às suas resistências pelo amor que lhe dirige (VILTARD, 1996). Por outro lado, Freud reconheceu que os neuróticos não encontram na realidade a satisfação da totalidade de sua necessidade de amor, havendo por isso, o estabelecimento de uma dinâmica em seus vínculos de amor que consiste em dirigir para os mesmos parte de suas expectativas amorosas, o que se revela, também, fonte de idealizações e, conseqüentemente, de sofrimento. Já nesse momento, podemos depreender que Freud observou haver no adoecimento neurótico um prejuízo que afeta a sua capacidade de amar e de estabelecer laços amorosos. Em um de seus trabalhos terminais, “*O Mal Estar na Cultura*”, por sua vez, Freud (1930/2006) - ao postular a irredutibilidade do conflito entre Eros e Thanatos - evidencia o impossível em jogo no preceito ético que nos convoca a amar ao próximo com a nós mesmos, pois demonstra que o homem costuma também realizar sua necessidade de agressão em se utilizando de seu próximo. Chama-nos, Freud (1930/2006, p. 35), dessa forma, à atenção para a dimensão contraditória da resposta amorosa, na medida em que somos confrontados com um “gozo nocivo do próximo”, sempre que buscamos perseguir com nosso querer a felicidade do nosso parceiro amoroso. A força do amor não seria, pois, suficientemente poderosa para deter o ímpeto da pulsão de morte e nisso consistiria a reafirmação dos vínculos indissociáveis que a Psicanálise freudiana estabelece entre amor e sexualidade, bem como, sinalizaria a dissonância entre amor e desejo que costuma existir nos processos psicopatológicos envolvidos no adoecimento neurótico, o qual é tributário da inserção cultural dos indivíduos da espécie humana.

Esses breves aspectos do modo como o problema do amor foram tratado por Freud nos permitem aqui, pelo menos, introduzir a complexidade da manifestação do afeto do amor e os problemas clínicos que ele engendra. Por isso mesmo, o amor foi motivo de reflexão em todo o percurso de elaboração freudiana da teoria psicanalítica, notadamente em seus trabalhos de metapsicologia, na sua vinculação com os conceitos de pulsão e narcisismo,

bem como na ampliação e revisão da teoria das pulsões que culminará com sua retomada mais acabada do problema do amor em sua obra o *“Mal Estar na Cultura”*, que, consoante Fontenele (1997), fornece as bases para a edificação de uma ética da psicanálise, à qual estaria atrelada à experiência dos seres humanos para com o amor, o desejo e o gozo. Apesar de toda a extensão de sua incidência na teoria freudiana, isso não foi suficiente para dar conta dos problemas e dos enigmas do amor. Assim, muitos dos discípulos de Freud e dos psicanalistas que lhe sucederam também se ocuparam em teorizar sobre tais problemas, e, dentre eles, destacamos como notórias a importância das teorizações de Sándor Ferenczi acerca da importância do acolhimento amoroso do bebê pela mãe como forma de barrar a forte incidência nele existente da pulsão de morte, bem como o tratamento de seus impasses por Jacques Lacan e o avanço que forneceu em relação ao seu entendimento. No entanto, dada à limitação temporal de nossa pesquisa e do tempo necessário a sua dissertação, fomos obrigados a reduzir nossas pretensões iniciais em trabalhar as citadas contribuições e outras mais e nos limitamos ao seu estudo na obra freudiana.

Considerando que a pesquisa em psicanálise não pode ser dissociada nem da experiência clínica e nem da própria formação do psicanalista, faz-se agora necessário contextualizar a nossa investigação e os caminhos que fomos obrigados a trilhar, no sentido de definir nossos objetivos e alinhá-los a uma metodologia que pudesse viabilizar os seus alcances.

Ao longo de nossa experiência clínica com a prática da psicanálise, testemunhamos constantemente os problemas que o amor coloca para os pacientes, tanto a partir de suas enunciações, que se referem mais frequentemente aos infortúnios do amor do que a suas delícias, quanto pelo modo como ele se manifesta no desencadeamento e evolução da transferência para conosco. Intrigados com a dificuldade destes de porem fim em seus relacionamentos amorosos infelizes e causadores de frustrações e sofrimentos, mesmo quando seus percursos terapêuticos são significativos, foi que impeliu-nos a se lançar no estudo do amor. Assim, colocamo-nos o desafio de propor nossa pesquisa junto ao programa de Pós-graduação em Psicologia da UFC como um prolongamento de tal interesse, sob o seguinte recorte: o estudo do amor tal como o revela a experiência e a teoria psicanalítica. Nessa ocasião, nossa questão de partida foi a indagação sobre a sobrevivência do amor apesar do sofrimento a que se encontrava atrelado nas vivências pessoais dos pacientes, o que nos conduziu à necessidade de estudar a dimensão simbólica do amor, tal como a desenvolveu Jacques Lacan; a relação do amor com a fantasia e o sintoma neurótico; e, disso, resultou o interesse em estudar o amor para além de sua dimensão narcísica, a qual Freud dá bastante

ênfase em sua Metapsicologia, com isso as contribuições de Lacan se fariam fundamentais por ele ter podido avançar no estudo do amor, a partir de seu exame por intermédio dos registros do simbólico, do imaginário e do real. A face simbólica do amor parecia nos indicar os caminhos para o entendimento da duração do amor, que persiste com o tempo, apesar de tudo. Ainda nessa direção, foi que propusemos, por ocasião do exame de qualificação de nosso projeto, estudar o amor no qual o desejo não recua diante da não correspondência das demandas do eu, do amor que não escoia com o tempo e que é movido pelo o que Lacan (s/a., s/p. *apud* RECALCATI, 2016, p. 9) chama “o duro desejo de durar”. Dessa forma, o que nos convocava à pesquisa era o desejo de compreender o que estaria em jogo quando o sujeito neurótico se mantém aprisionado a um objeto de amor que, em suas próprias palavras, não se faz merecedor dos seus investimentos, mas, ainda assim, este objeto “aprisiona” o seu desejo. O encaminhamento metodológico a ser adotado para dar conta dessa questão teria que compreender a análise de casos clínicos que pudessem responder pelos objetivos por nós formulados, o que implicaria num cuidadoso trabalho de construção desses casos, a partir dos elementos que pudessemos recolher de alguns deles ao longo de nossa experiência clínica e que pudessem servir à análise do problema da pesquisa. Tal empreitada se revelou impossível do ponto de vista temporal, conforme ponderou a comissão julgadora por ocasião da referida qualificação de nosso projeto. Além disso, a escolha por ampliar o entendimento dessa mesma questão a partir das contribuições de Lacan, também iria requerer de nós um esforço para dar conta do estudo de um considerável material teórico que também seria de difícil leitura no tempo restante para a conclusão da pesquisa e da escrita de seus resultados, que consistia em oito meses a partir da data da qualificação do projeto. Em face disso, foi-nos sugerido procurar realizar o percurso do tema do amor tão somente na obra de Freud, para, a partir disso, construirmos bases mais sólidas para a realização de futuras pesquisas e da retomada de reflexões futuras para as questões apontadas por nossa experiência. Assim, teríamos uma possibilidade de realizar, de forma mais pontual, a aproximação sobre o modo como se manifesta a confluência entre o amor e o sintoma neurótico. Foi nesse contexto e a partir de tais recomendações que se tornou este o nosso propósito, o que resultou no estudo realizado e nos resultados que ora apresentamos sob a forma desta dissertação.

O nosso objetivo foi, portanto, o de realizar um estudo sobre a evolução da discussão acerca do amor na obra de Sigmund Freud, o qual teria por função nos habilitar a refletir sobre as questões surgidas no âmbito de nossa clínica com pacientes de estrutura neurótica, cujas queixas se debruçam por sobre os infortúnios de seus laços amorosos e suas dificuldades de se desvencilharem deles.

Primeiramente, propusemo-nos a nos ocuparmos do estudo do amor nos primórdios da clínica freudiana – período que teve por fruto a publicação, em coautoria com Josef Breuer, dos “*Estudos sobre Histeria*” – que culminou com a formulação da etiologia sexual das neuroses e posteriormente com a descoberta do inconsciente e a sua formulação conceitual, bem como do seu estudo na primeira tópica freudiana. Pudemos, com isso, demonstrar como nos primórdios de suas elaborações teórico-clínicas Freud estabeleceu um vínculo indissociável entre amor e sexualidade, de modo que em muitos momentos tais aspectos se confundem. Em seguida, detivemo-nos em procurar discernir acerca das relações entre a pulsão, o amor e a sexualidade, bem como na dimensão narcísica do amor implicada na relação do eu com os investimentos libidinais. Tratamos, ainda, nesse momento, da relação entre a clínica psicanalítica e o amor, mediante o conceito de transferência e sua dimensão clínica, a qual nos permitiu sinalizar o liame entre sintoma e amor de transferência.

Posteriormente, tratamos de detectar os impactos da introdução do conceito de pulsão de morte, e, portanto, de um novo dualismo pulsional na concepção freudiana de amor e indagamos, ainda, se haveria um afastamento da concepção originalmente trabalhada por Freud do amor em sua dimensão geral (de *Liebe*) e chegamos a detectar não uma contradição entre esses dois momentos, mas o aprofundamento no entendimento dos paradoxos do amor em relação à sexualidade. Neste momento, destacamos a importância do conceito de identificação para o entendimento do amor, sobretudo na sua relação com o Pai.

Por último, no intuito de articularmos os estudos antes apontados com nossas preocupações clínicas que geraram nosso interesse de pesquisa, realizamos um primeiro esboço de uma discussão que pretendemos futuramente aprofundar, que consistiu em procurar mapear o modo como se dá a incidência do amor nas formas mais frequentes de neuroses que se fazem presentes na clínica psicanalítica: a histeria e a neurose obsessiva. Com esse intuito, elegemos como estratégia metodológica o estudo dessa dimensão nos casos de Dora do Homem dos Ratos. Com isso, nossa pretensão foi e a de lançarmos algumas bases para podermos buscar apreender as relações entre sintoma, amor e fantasia.

Por fim, consideramos que apesar de nossa pesquisa ter se dedicado à análise dos principais textos de Freud que tratam de nosso objeto de pesquisa, entendemos que tal não anula a sua vinculação com a clínica, na medida em que, com ela, buscamos discutir achados e problemas que brotaram de nossa experiência e, com isso, ela contribuiu para o avanço de nossa própria trajetória para com a psicanálise e para o relançamento de nossas inquietações, não apenas da dimensão imaginária do amor, mas também de suas dimensões simbólica e real. Nesse sentido, a pesquisa contribuiu para que pudéssemos nos munir dos fundamentos

freudianos, acerca do amor, para nos habilitar, futuramente, nos estudos dos encaminhamentos dados por Lacan ao amor, na medida em que eles poderão nos conduzir mais adiante em nossos questionamentos clínicos em torno dos impasses amorosos com que se confrontam os sujeitos de estrutura neurótica.

2 SOBRE O AMOR NOS PRIMÓRDIOS DA PSICANÁLISE E NA PRIMEIRA TÓPICA FREUDIANA

Com este capítulo, buscamos contribuir para traçar o percurso da concepção de amor tal como foi sendo delineada no que se convencionou chamar de “primeira tópica” da obra de Freud. Concebe-se tal tópica como sendo composta por um conjunto de textos que abarcam desde a formulação freudiana do modelo do aparelho psíquico, e com isso, a sua descoberta de que a totalidade dos atos psíquicos não se reduz à consciência, até o desenvolvimento da sua metapsicologia, a qual tem por nuclear o conceito de pulsão como aquilo que do corpo se faz representar no inconsciente. Nesta tópica, o aparelho psíquico é descrito como sendo organizado em três sistemas distintos: o Inconsciente, o Pré-Consciente e o Consciente e o estudo destes requerer uma descrição tópica, dinâmica e econômica. Nela, tem lugar a classificação das pulsões em duas espécies – as pulsões do eu e as pulsões sexuais – e o desenvolvimento do conceito de narcisismo, concebido como sendo o núcleo constitutivo da formação do eu. Para viabilizarmos esta pretensão, faz-se necessário, no entanto, recuarmos um pouco e situar os encaminhamentos dados por Freud às relações entre amor e sintoma no período compreendido pelos “*Estudos sobre Histeria*”.

2.1 Os estudos freudianos sobre a histeria: amor e sexualidade e formação dos sintomas.

Em suas primeiras formulações sobre a histeria, o amor não comparece como eixo central do entendimento de Freud sobre a causação da histeria, a qual lhe serve de modelo para pensar as neuroses em geral e os processos normais e patológicos de forma particular. Nos relatos de seus pacientes, destacou-se, para ele, a hipótese da existência de uma certa relação entre os sintomas histéricos e a sexualidade. No contexto dos “*Estudos sobre Histeria*”, a noção de defesa – postulada, de forma mais sistemática, por Freud (1950 [1895]/2006), alguns meses depois em seu “*Projeto para uma psicologia científica*” – em sua articulação com a tese de que o nosso psiquismo é regulado pelo princípio de prazer, foram centrais para a busca por uma explicação etiológica das neuroses, fazendo com que ele se deslocasse da psicopatologia de sua época no sentido de transcender à simples descrição, demonstração e catalogação de sintomas. Assim, em sua prática clínica com a histeria, ele viu, no sintoma, o resultado de uma operação de defesa que estaria ligada a vivências traumáticas envolvendo experiências ou desejos sexuais incompatíveis com a moral consciente. Tal operação de defesa passou a ser entendida como responsável pela cisão da consciência e por

sua duplicação. Dessa forma, levaria com que se desse a formação dos sintomas histéricos, os quais seriam marcados por uma dissociação psíquica provocadora, por exemplo, da bela indiferença histérica, dentre outras particularidades sintomáticas. Sobre isso, diz-nos Freud (1950 [1895]/2006, p. 27-28):

Mencionamos as condições que, como demonstra nossa experiência, são responsáveis pelo desenvolvimento de fenômenos histéricos provenientes de traumas psíquicos. Ao fazê-lo, já fomos obrigados a falar nos estados anormais de consciência em que surgem essas representações patogênicas e a ressaltar o fato de que a lembrança do trauma psíquico atuante não se encontra na memória normal do paciente, mas em sua memória ao ser hipnotizado. Quanto mais nos ocupamos desses fenômenos mais nos convencemos que a divisão da consciência, que é tão marcante nos casos clássicos conhecidos sob a forma de “double conscience” achase presente em grau rudimentar em toda histeria, e que a tendência a tal dissociação, e com ela ao surgimento dos estados anormais da consciência que (reuniremos sob a designação de “hipnoides”), constitui o fenômeno básico dessa neurose.

O prolongamento desses estudos em torno da constituição da histeria levou Freud a desenvolver sua tese sobre a etiologia sexual das neuroses, na qual tal dimensão passa a se associar com a do amor. Para um maior discernimento clínico disso, tomaremos como exemplo o caso de “*Elisabeth Von R*” (1895/2006). Como é sabido, o caso da paciente Elisabeth Von R foi descrito por Freud (1895/2006) nos “*Estudos sobre a histeria*” (1895/2006). Essa paciente se apresenta, em sua busca por tratamento, formulando a queixa de seu padecimento por paralisias e fortes dores nas pernas que a deixavam acamada. São curiosas e ilustrativas, quanto ao nosso tema de pesquisa, as breves palavras com que Freud (1895/2006, p. 130) descreve tal caso. Seria ele a “infeliz história” de uma

[...] moça orgulhosa com sua ânsia de amor. Incompatibilizada com seu destino, amargurada pelo fracasso de todos os seus pequenos planos para o restabelecimento das antigas glórias da família, com todos aqueles que amava mortos, distantes ou estremecidos, e desesperada para refugiar-se no amor de algum homem desconhecido [...].

Num primeiro momento do tratamento, Freud (1895/2006) foi levado a agrupar e discernir os sintomas apresentados por Elisabeth e buscar com que ela realizasse associações em torno deles. Um importante momento deste processo ocorreu quando ele pode constatar que ao pressionar uma das pernas da paciente ela parecia experimentar um prazer erótico desconhecido a ela. Tal fato o fez estabelecer uma primeira relação entre seus sintomas e a sua sexualidade. Ao levar a paciente a falar sobre suas dores, ela relata a experiência de como prestava auxílio ao pai doente e de que costumava apoiar a perna dele em sua coxa. Uma série de outras lembranças foram verbalizadas, contribuindo para o avanço de seu tratamento.

Freud (1895/2006), diante dos relatos da paciente, levanta a hipótese de que os sintomas da paciente estavam relacionados com uma paixão dela por seu cunhado e pelos desejos de morte que nutria por sua irmã, esposa dele. Com isso, ele chega à conclusão de que os sintomas histéricos de sua paciente se formaram como resposta à impossibilidade de uma relação amorosa. Somar-se-ia a isto o fato de que Elisabeth destinou um considerável período de sua existência ao cuidado dos pais enfermos, sendo obrigada a renunciar a importantes vivências de sua juventude, inclusive possíveis laços amorosos. Segundo Freud (1895/2006, p. 179), “Ela se julgara forte o bastante para poder passar sem a ajuda de um homem, mas naquele momento se via dominada pelo sentimento de fraqueza como mulher e por um anseio de amor no qual sua natureza congelada começava a derreter-se”. Tal era a sua condição quando se deu o seu progressivo adoecimento.

Elisabeth sofreu profundos desapontamentos com o casamento da sua primeira irmã, sobretudo com o modo de proceder de seu cunhado, mas foi igualmente muito afetada pelo casamento feliz de sua segunda irmã e admirava a cumplicidade que existia entre o casal, o que lhe provocou uma abertura para as expectativas quanto aos homens.

Porém, na gravidez do segundo filho, sua segunda irmã, que já padecia de anomalias cardíacas, veio a falecer. Durante o período do namoro desta irmã com seu gentil cunhado, Elisabeth fizera alguns passeios em sua companhia, passeios esses que eram recomendações médicas por servirem como coadjuvantes para o tratamento de suas dores nos membros. Durante as caminhadas que realizou com seu estimado cunhado, ambos conversavam sobre os mais diferentes assuntos, inclusive com conteúdos íntimos, e isto nutria em Elisabeth o desejo ter um marido como o da irmã. Após o casamento, quando os noivos foram morar em outra localidade, a paciente de Freud sonhou em desfrutar de uma felicidade como a da irmã e encontrar um marido que lhe soubesse cativar o coração como o cunhado. Certo dia, ao acordar, as suas dores nas pernas irromperam com tamanha força que não mais conseguira livrar-se deste tamanho incômodo.

Elisabeth e sua mãe viajaram para a cidade de Gastein para que aquela realizasse o tratamento de sua doença. Ocorre, no entanto, que elas receberam a triste notícia do agravamento da doença da irmã e foram obrigadas a voltar às pressas para visitar a enferma. Durante este deslocamento, a paciente relata que houve um intenso aumento de suas dores e, a partir da escuta disso, Freud (1895/2006) questiona a paciente se, por algum momento, ela pensou no pior que poderia acontecer com a irmã. Ela relata que evitara fortemente pensar nisto, mas que sua mãe já esperava o pior. Ao chegarem ao destino, a irmã já havia falecido e um pensamento se impôs de maneira incontrolável para Elisabeth “Agora ele está livre

novamente e posso ser sua esposa” (FREUD, 1895/2006, p.180). O psicanalista constata que sua paciente “[...] sentia pelo cunhado uma ternura cuja aceitação na consciência depara-se com a resistência de todo seu ser moral. Ela conseguiu poupar-se da dolorosa convicção de que amava o marido da irmã induzindo dores físicas em si mesma” (FREUD, 1895/2006, p.180). Freud afirma ainda que, na época que começou a atendê-la, o grupo de representações relativas a seu amor já havia sido separado de seu conhecimento, pois de outra forma, ele acredita que jamais ela teria iniciado o tratamento e isso se mostrou na resistência que ela apresentava para relatar as cenas que retratavam seu sentimento para com o seu cunhado e seus contatos com ele.

Ao examinarmos o relato desse caso, pudemos perceber que os conteúdos sexuais responsáveis pela formação do sintoma e o amor são empregados por Freud (1895/2006) de forma equivalente e que são capazes de englobar tanto a sexualidade em si como seu fator psíquico, o que o leva a desenvolver, posteriormente, o conceito de sexualidade psíquica, que, em sua vinculação com a fantasia, desembocam na concepção de realidade psíquica e no abandono da teoria do trauma como causa do sintoma. Dessa forma, o termo amor é tomado apenas no sentido de seu emprego no alemão corrente (*liebe*), de modo que amor é tomado em seu sentido geral e em paralelo com sua própria concepção de libido como força amorosa que leva a investimentos em diferentes tipos de objetos. Tal estratégia servirá, assim compreendemos, de substrato para a construção de uma verdadeira “erótica” do sintoma. Sobre isso, diz-nos Freud (1895, s/p. *apud* VILTARD, 2006, p. 28): “como Sócrates, ele não possui senão uma ciência, a da erotikè”.

Observa-se, ainda, que as dificuldades da referida paciente de se submeter ao método de tratamento usado então por Freud (1895/2006), levando-o a adotar com ela outras técnicas com o intuito de fazer com suas resistências ao tratamento cedessem, já anunciam o quanto as expectativas amorosas inconscientes se revelam no laço com o analista, colorindo-o de confiança ou desconfiança, sendo as mesmas imprescindíveis de serem reconhecidas por ele, sob pena do tratamento, como ocorrerá com sua paciente Dora e o levará a desenvolver sua reflexão posterior sobre o amor de transferência

Outro ponto que se pode deduzir da clínica da histeria praticada por Freud (1895/2006) é que o adoecimento neurótico afeta a capacidade do neurótico de estabelecer seus vínculos amorosos, sendo possível depreender a existência de um amor normal e um amor patológico que só em seus “*Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*” (1905/2006) ele irá discernir com precisão. No caso de Elisabeth não podemos deixar de apontar o quanto sua relação com o Pai concorreu para o modo como ela se coloca perante o amor. Já deixando

indicações entre o amor e a identificação.

2.2 A Teoria da sexualidade: amor e pulsão.

Os achados clínicos acerca da histeria levaram Freud (1989/2006) a estabelecer relações entre o adoecimento psíquico e vivências infantis traumáticas envolvendo a sexualidade e fizeram com que Freud (1989/2006) pudesse estabelecer seus traços comuns com outra forma de adoecimento neurótico, as então chamadas obsessões. Sobre o que pode depreender de sua própria experiência clínica, Freud (1989/1996, p. 256) afirma sobre a originalidade de suas teses sobre a etiologia das neuroses em relação aos seus pares cientistas:

O que confere um caráter distintivo a minha linha de abordagem é que elevo essas influências sexuais à categoria de causas específicas, reconheço sua atuação em todos os casos de neurose e, finalmente, traço um paralelismo regular, prova de uma relação etiológica especial, entre a natureza da influência sexual e a espécie patológica da neurose.

Tal influência sexual, nesse momento de sua teorização, coloca-se igualmente na neurose histérica e nas compulsões, neurose obsessiva, como estando ligada a uma experiência traumática de sedução por um adulto, vivida na infância. No entanto, a diferença entre ambas se daria que, na primeira, seria determinada por uma experiência sexual traumática passiva e vivenciada com desprazer e, na segunda, por uma experiência sexual traumática ativa vivida com prazer. O traço psíquico dessa vivência restaria preservado e seria reativado em momento posterior e, graças às transformações vividas por esses indivíduos por ocasião da puberdade, assumiriam um poder contemporâneo àquele de sua lembrança. Uma tal posição passiva e ativa, que posteriormente, será ampliada com a compreensão do valor da fantasia para a constituição sexual infantil, anunciam-se imprescindíveis à compreensão do modo de amar na histeria e na neurose obsessiva, marcando-os com as cores da passionalidade e da ambivalência quanto aos seus objetos de amor. Sintoma, amor e sexualidade continuam nesse momento a percorrerem caminhos paralelos.

Freud começa os *“Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”* (1905/2006) diferenciando as concepções biológicas e as concepções populares acerca da pulsão sexual daquela que é fruto de suas descobertas acerca das determinações inconscientes e pulsionais presentes na sexualidade da espécie humana.

Neste mesmo texto, Freud (1905/2006, p. 128) introduz o conceito de objeto sexual como “a pessoa de que provém a atração sexual” e alvo sexual como sendo “a ação para a qual pulsão impele” (FREUD, 1905/2006, p. 128) e chama a atenção para o fato de que a experiência demonstra que a sexualidade humana em suas manifestações é marcada por desvios tanto quanto ao objeto como quanto ao seu alvo.

Outro aspecto de relevo, presente nesse texto, é a demonstração freudiana de que o objeto sexual da pulsão é variável e de o quanto isso afasta a doutrina psicanalítica da visão mítica do amor ou da fabulação poética do amor, segundo as quais, o amor voltaria a unificar o Homem que teria sido dividido em duas metades: a parte macho e a parte fêmea. Com isso, observa-se, de forma mais evidente, o quanto, para ele, o conceito de amor e, agora, o de libido estariam interligados.

Não se adentrará no detalhamento dos desvios dos objetos e das metas sexuais que Freud (1905/2006) discute na primeira parte desse texto, visto que o que nos interessa é justamente o que se liga ao objeto, independentemente deste objeto ser “invertido” ou “normal” (FREUD, 1905/2006, p.129) ou de qualquer outra sorte. É interessante ressaltarmos que o interesse sexual, para Freud (1905/2006) seja do homem pela mulher ou dele por um homem, seja da mulher por um homem, ou dela para uma mulher não se trata de uma atração de base química, biológica, mas está ligada a uma série de fatores inapreensíveis, de natureza em parte constitucional e em parte accidental. A multiplicidade destes fatores reflete na diversidade das condutas sexuais manifestas nos seres humanos e a conduta sexual definitiva só se estabeleceria após a puberdade.

Reafirmamos que para Freud (1901/2006) a pulsão sexual independe do objeto e ainda permite uma variação deste e acrescentamos um aspecto importante por ele salientado, qual seja: este objeto pode também ser supervalorizado e esta valorização abrange todo o campo psíquico e pode se manifestar como uma cegueira, possibilitando uma total submissão da pessoa ao objeto. Freud (1905/2006) defende que isso se encontra relacionado à credulidade do amor, na medida em que este não restringe a satisfação do ato sexual ao mero encontro dos genitais, mas a amplia ao corpo como um todo. Esta credulidade, segundo ele, também será a fonte originária da “autoridade”, a qual para Freud (1905/2006) possibilita ao hipnotizado se submeter ao hipnotizador. Dessa forma, a essência da hipnose consistiria consoante essa observação, na fixação inconsciente da libido na pessoa do hipnotizador, o que se daria por meio de componentes masoquistas da pulsão sexual, portanto na assunção da posição passiva.

Neste mesmo estudo, Freud (1905/2006) denomina de sadismo e de masoquismo

as formas ativa e passiva, respectivamente, de se infligir dor ou subjugar o objeto sexual. O sadismo varia entre uma atitude ativa, violenta com o objeto sexual até uma satisfação pela execução de maus-tratos e manifestação de sofrimento e dor demonstrada pelo objeto, o que caracterizaria a perversão. O masoquismo englobaria todas as atitudes passivas perante a vida sexual e o objeto sexual, desde a submissão à satisfação ao padecimento da dor física imposta ao objeto. Freud (1905/2006) afirma que o masoquismo, na perversão, surge mediante uma transformação do sadismo que se volta contra a própria pessoa que assume o lugar de objeto sexual. É por intermédio desta ligação da libido com a crueldade que se dá a transformação do amor em ódio, das moções afetuosas em moções hostis.

A vida sexual infantil é definida por Freud (1905/2006) como sendo inicialmente auto-erótica, deslocando-se, posteriormente, do autoerotismo para o amor objetal. A libido auto-erótica encontra seu objeto no próprio corpo e as pulsões parciais são desvinculadas e independentes; uma parte caminha para a constituição da vida sexual do adulto na qual a obtenção de prazer também tem como finalidade a reprodução e as outras são organizadas e fixadas em uma zona erógena para que caminhem em busca de um alvo sexual num objeto alheio. A zona erógena é a região do corpo onde há maior afluência da libido e é em torno dessa zona que o sujeito procura resgatar o objeto que preencheria sua falta primordial e, dessa forma, estabilizaria sua excitação.

A primeira fase pré-genital é a oral, na qual a atividade sexual ainda não se separou da nutrição e o alvo sexual consiste na incorporação do objeto, o qual futuramente servirá também como base para a constituição psíquica da identificação. Essa fase é caracterizada por uma relação de dependência absoluta com a mãe, uma fase de ajustamento da criança com o meio. Para Leão (1995, p.17) “Esse ajustamento é a condição para que, num outro momento, a criança possa se dirigir a outras pessoas com a segurança de que poderá recuperar, lá fora, a mãe interna que pôde construir para si”. O bebê alucina o objeto que poderia recompor, novamente, seu estado de unidade e esse objeto que na fase oral é o seio. Por isso, o prazer alcançado durante a amamentação, é depois, novamente procurado mesmo que o bebê esteja saciado. O chuchar é um exemplo no qual a atividade sexual foi desvinculada da alimentação e renunciou ao objeto alheio em troca do objeto situado no próprio corpo. É isso que Freud (1905/2006) chama de sexualidade infantil porque, para ele, toda busca de prazer, separada do instinto de sobrevivência ou autopreservação, é uma busca do prazer sexual. Dessa forma, fica evidente a autonomia das pulsões sexuais em relação às pulsões de conservação. Freud (1905/2006) denominou de autoerotismo essa primeira fase da atividade sexual humana em que o sujeito entra em relação direta com o objeto do seu desejo,

satisfazendo automaticamente a pulsão. Para Leão (1995) a pulsão vai se deslocando de um objeto parcial para uma pessoa inteira com quem o bebê vai se relacionar e dirigir seus afetos de amor e ódio.

A segunda fase é a sádico-anal, um período de dependência relativa em que o bebê pode manifestar melhor à mãe o que deseja. Fase em que a criança pode substituir a ausência da mãe por um objeto para aliviar a ansiedade causada pela sua falta. Isso também possibilita uma certa independência em relação ao adulto, visto que a criança já se reconhece como uma pessoa separada deste. Esse momento coincide com a aquisição da linguagem e com o andar. Sem destituir a zona oral, a criança vai conferir maior importância à zona anal. Ela atingiu um maior desenvolvimento neuromuscular e a libido, que anteriormente estava ligada à sucção, passa a deslocar-se para o controle da expulsão e retenção das fezes e da urina. Os cuidados higiênicos da mãe para com esta região transformam-na em um local de grande investimento libidinal. Logo, como a atenção da mãe se desloca para ali, o interesse da criança passa também a dirigir-se para este local. Nessa fase, a criança passa a entender a diferenciação entre ativo e passivo e vivencia a atividade através do domínio da musculatura dos esfíncteres. A passividade, por sua vez, verifica-se também através da mucosa erógena do intestino. Concomitantemente, outras pulsões parciais atuam de forma auto-erótica e, já nesta fase, há uma separação entre a polaridade sexual e o objeto alheio. A libido ainda não está dirigida à região genital e isso só acontece na puberdade, ou seja, na última fase em que a organização sexual se coloca, para Freud (1905/2006), neste momento, à serviço da reprodução.

A escolha objetal acontece para Freud (1905/2006) nesse momento em dois tempos: o primeiro, entre os dois e os cinco anos de idade, período este que ele chamará de ‘Complexo de Édipo’. Essa fase é designada pela natureza infantil dos alvos sexuais. Depois, há um retrocesso da libido ao período de latência, no qual se produz uma bi-temporalidade da escolha objetal e que é essencial para a definição da escolha objetal, quando é hora da chegada à Puberdade. Os resultados da escolha objetal prolongam-se por toda a vida do sujeito e são reafirmados na puberdade ou passam por uma renovação. Porém, não aparecem com clareza como decorrentes da influência da fase edípica, pois sofrem a ação do recalçamento que atua entre as duas fases. Os alvos sexuais, especialmente os cuidadores, foram atenuados e sofrem a ação da corrente da ternura, amor, na vida sexual. O objeto sexual passa a ser investido de afeto, promovendo-se uma certa dessexualização deste. Freud (1905/2006, p. 189) ressalta que “somente a investigação psicanalítica pode demonstrar que, por trás dessa ternura, dessa veneração e respeito, ocultam-se antigas aspirações sexuais,

agora imprestáveis, das pulsões parciais infantis”. A escolha de objeto na puberdade tem que, de algum modo, renunciar a escolha dos objetos infantis, que sofreram ação do recalque, e recomeçar como uma corrente sensual. Veremos adiante, que a não confluência dessas duas correntes tem como consequência a dificuldade de se atingir um dos objetivos da vida sexual que é a convergência dos desejos em um único objeto.

Em “*Moral Sexual ‘Civilizada’ e Doença Nervosa Moderna*”, Freud (1908/2006) reflete sobre o preço pago pelos neuróticos pela entrada na civilização e do estabelecimento de uma conduta moral sexual. Discorre, ainda, sobre os prejuízos psíquicos causados na mulher e no homem pelos sacrifícios impostos à restrição da vida sexual e o estabelecimento de uma moral dupla, diante da impossibilidade de se cumprir as exigências da moral sexual civilizada. A esta ele atribui o aumento imputável da doença nervosa moderna. Isso teria se dado para que ocorresse o processo civilizatório. Houve paralelamente uma certa renúncia ao erotismo que foi incentivado pelas religiões como um sacrifício oferecido à divindade, tendo como proveito e recompensa a purificação. Freud (1908/2006) afirma que quanto maior a disposição de um indivíduo para a neurose, menos ele tolerará a abstinência sexual. A pulsão sexual inibida torna-se ainda mais indomável. A libido represada torna-se capaz de perceber os pontos fracos raramente ausentes da estrutura da vida sexual e por ali abre caminho, obtendo uma satisfação substitutiva neurótica na forma de sintomas patológicos. Freud (1908/2006, p. 179) alerta, inclusive, que “quem penetrar nos determinantes das doenças nervosas cedo ficará convencido de que o incremento dessas doenças em nossa sociedade advém da intensificação das restrições sexuais”.

A moral sexual impõe restrições, inclusive, ao casamento, pois na época da escrita do texto, pregava-se o contentamento com os atos sexuais em função da procriação. Por esse fato, as relações sexuais no casamento só seriam satisfatórias durante poucos anos. Freud (1908/2006, p.179) salienta que “o medo das consequências do ato sexual acarreta, inicialmente, o término da afeição física do casal e, mais tarde, com efeito retardado, em geral também destrói a afinidade psíquica que os unia e que deveria substituir a paixão inicial”. A questão é que, para o homem, existiria uma duplicidade da moral sexual que “consente” relações paralelas ao casamento, o que lhe proporcionaria um subterfúgio para as insatisfações sexuais matrimoniais. Já, para a mulher, não há uma tal tolerância cultural e, por isso, ao sofrerem decepções no casamento, tendiam a contrair graves neuroses que costumava perdurar por suas vidas. Na época, a educação da mulher a convocava a suprimir sua sensualidade até o casamento, além de proibi-la de ter relações sexuais. Sua castidade era valorizada e exaltada como sinônimo de dignidade. Sendo assim, ela devia fechar os olhos

para qualquer impulso amoroso que lhe invada antes do casamento e conseqüentemente não há uma preparação e um amadurecimento para que ela chegue a este casamento. Quando ela se apaixonava e o casamento era consentido, suas funções eróticas não estavam tão sexualmente amadurecidas e isto repercutia, muitas vezes, numa vida sexual infeliz com o marido, pois ela se revelava frígida e privando o companheiro de um maior prazer sexual. Essa educação, embora vivamos tempos diferentes do tempo descrito por Freud (1908/2006), ainda persiste e é valorizada em algumas famílias na atualidade. O autor desenvolverá com mais detalhes os sintomas relacionados à vida amorosa nos textos sobre a “*Psicologia do amor*” que veremos adiante.

Neste momento, é importante atentar para o uso por Freud (1905/2006) dado à palavra amor em sua relação com a libido, que foi introduzida em seus “*Três Ensaio*”. Ele chama a atenção dos seus leitores para a distinção que faz entre amor (liebe) – e paixão amorosa (verliebtheit). Notadamente ele retoma esse tema em “*Psicanálise Silvestre*” (1910/2006a), onde precisa o sentido assumido em Psicanálise pelo termo amor, demonstrando que o mesmo sofre uma considerável ampliação em relação ao seu sentido comum, uma vez que não pode ser pensado sem sua vinculação com a sexualidade. A razão disso seria o próprio sentido dado pela psicanálise à vida sexual, que é definida como abrangendo “todas as atividades dos sentimentos ternos que têm os impulsos sexuais primitivos como fonte, mesmo quando esses impulsos se tornaram inibidos com relação a seu fim sexual original, ou tiveram que trocar esse fim por outro que não é mais sexual” (FREUD, 1910/2006a, p. 234).

Desse modo, Freud (1910/2006a) afirma que o fator anímico da vida sexual não deve ser desprezado ou desconsiderado. Ele precisa, pois que o sentido que dá do termo “sexualidade” é o mesmo sentido do termo “liebe” na língua alemã que é equivalente a amar. Mais uma vez amor e sexualidade apresentam-se atados.

Nesse mesmo momento, Freud (1910/2006a) já nos apresenta um dos possíveis destinos da pulsão que é a sublimação, que, segundo Laplanche (2001, p. 495), seria o “processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual”. Os exemplos de atividades sublimatórias, citadas por Freud (1910/2006b), são, principalmente, a atividade artística e a investigação intelectual. Ele enfatiza que a pulsão é sublimada quando se dirige a uma atividade cujo objetivo não é sexual e visa a objetos socialmente valorizados. Freud (1910/2006b) apresenta um estudo da vida e da obra de

Leonardo da Vinci e faz importantes considerações a respeito dos conceitos de amor, sexualidade e sublimação em *Psicanálise*. No estudo sobre a obra e a vida de Leonardo, algo chamara a atenção de Freud (1910/2006b p. 79), era “a fria rejeição de Leonardo à sexualidade, coisa que não se deveria esperar de um artista e pintor da beleza feminina”. Freud (1910/2006b, p. 82) faz menção a uma frase de Leonardo que ele acha importante para compreender a natureza do pintor. Leonardo respondia a uma crítica dizendo que “não se tem o direito de amar ou odiar qualquer coisa da qual não se tenha conhecimento profundo”. Para Leonardo, o grande amor surge do conhecimento demasiado do objeto amado e caso o conhecimento sobre o objeto amado seja raso, o amor por ele será pouco ou nenhum. Freud (1910/2006b, p. 82) aponta os dizeres de Leonardo como inverídicos, visto que, para ele, “não é verdade que os seres humanos protelam o amor ou o ódio até adquirirem conhecimento mais profundo e maior familiaridade com objeto desses sentimentos. Ao contrário, amam impulsivamente, movidos por emoções que nada têm a ver com conhecimento e cuja ação, muito ao contrário, poderá ser amortecida pela reflexão e pela observação”. Ainda no mesmo texto, ele nos diz que os afetos de Leonardo eram submetidos à pulsão investigativa, pois ele não amava e nem odiava, apenas se perguntava acerca da gênese e da acepção daquilo que deveria amar ou odiar. Com isso, o que demonstrava era uma certa indiferença em relação ao bem e ao mal, ao belo e ao feio. Tudo se transformava em objeto de seu interesse intelectual. Freud (1910/2006b, p. 83) enfatiza, ainda, que o artista:

Não era insensível à paixão, não carecia da centelha sagrada que é direta ou indiretamente a força motora de qualquer atividade humana. Apenas convertera sua paixão em sede de conhecimento; entregava-se, então, à investigação com a persistência, constância e penetração que derivam da paixão e, ao atingir o auge de seu trabalho intelectual, isto é, a aquisição do conhecimento, permitia que o afeto há muito reprimido viesse à tona e transbordasse livremente, como se deixa a água represada de um rio, após ter sido utilizada.

Por meio de seu estudo sobre Leonardo, Freud (1910/2006b) nos oferece um exemplo de como podemos pensar a relação entre amor e sublimação das pulsões, mediante a inigualável capacidade sublimatória que ele atribui ao grande pintor. O autor acrescenta que o adiamento do amor até o seu pleno conhecimento, como pregava Leonardo, constitui um processo artificial que se transborda em uma substituição. Para ele, um homem, que chega ao nível de conhecimento do artista, não se pode dizer que ama ou odeia, mas que se situa para além do amor e do ódio. “Ele pesquisou em vez de amar, por isso, sua vida foi tão mais pobre em amor do que a de outros artistas.” (FREUD, 1910/2006b, p. 84). Isto se deu porque o artista se dedicou a pesquisa com o mesmo empenho que uma pessoa se dedicaria ao seu

amor. Ele substituiu amar por pesquisar, porém, para Freud (1910/2006b), ambas atitudes estão relacionadas à pulsão sexual, embora os destinos não coincidam, a satisfação é da ordem do sexual. E, isto é sublimação. “Esta capacidade de substituir seu objetivo imediato por outros desprovidos de caráter sexual e que possam ser mais altamente valorizados.” (FREUD, 1910/2006b, p. 86). Percebe-se, neste estudo, o quanto Freud (1910/2006b) relaciona o amor à pulsão sexual, de modo a tomar-lhes como equivalentes, pois englobam o sexual e o fator psíquico da vida sexual. Porém, ele inclui no conceito de amor, os sentimentos ternos que provém das primeiras emoções sexuais, mas cujo o fim é inibido pelo recalçamento ou substituído por um fim não-sexual.

2.3 Outras contribuições de Freud à psicologia do amor

Entre 1910 e 1912, Freud (1910/2006c; 1912/2006a) se dedicou ao estudo dos modos como o amor se manifesta na vida dos seres humanos, mais notadamente na vida dos seres de sexo masculino. A esse estudo deu o nome de “*Contribuições à psicologia do amor*”(1910/2006c). Nestes textos, ele relaciona de uma forma mais específica o sintoma e o amor, mantendo-se fiel ao liame já estabelecido entre sexualidade e amor. É importante ressaltar que, neste texto, ele retoma diversos dos postulados desenvolvidos nos seus “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” (1905/2006) e que já foram alvo de exame na presente dissertação.

Um dos pontos importantes desenvolvido em “*Contribuições à psicologia do amor*”(1910/2006c) foi, acerca da influência exercida pelos laços amorosos da pessoa ao longo da vida, no modo como as figuras parentais se relacionam aos seus objetos de amor, bem como a relação deste fator com a dificuldade que uma pessoa pode vir a encontrar, no sentido de condensar num mesmo objeto as correntes da ternura e da sexualidade.

Apreende-se, aí, o quão complexa é a experiência de amor para os neuróticos, em geral, e para o entendimento de seus vínculos afetivos culturais. De um lado, o amor é basilar para funda a civilização, formar a família e é a condição de felicidade para os seres humanos e é, de certa forma, o que possibilita a saúde psíquica destes. Por outro lado, apresenta-se como algo conflituoso, visto que o indivíduo, já muito cedo, precisa abrir mão do seu primeiro objeto de amor mediante um trabalho de luto desse objeto e da sublimação dos seus vínculos incestuosos para com ele. Freud (1910/2006c), a esse propósito, demonstra como os sentimentos de ternura pela mãe podem vir a promover uma fixação da libido nela e, com isso, desencadear uma série de sentimentos conflituosos numa pessoa, levando-a a escolha de

objetos que, de algum modo, remetem à figura materna.

A clínica psicanalítica permite a Freud (1910/2006c) perceber como os neuróticos se comportam em relação ao amor e, mais precisamente, os tipos de escolha de objeto feita pelos homens, que se impõem como condições necessárias ao amor. A primeira condição por ele apontada é que “exista uma terceira pessoa prejudicada” (FREUD, 1910/2006c, p.172). Ou seja, o referido homem a quem esta condição se impõe nunca escolherá uma mulher desimpedida ou descompromissada, sempre haverá outro homem para reclamar a posse desta e provocar sentimentos de rivalidade naquele cujo interesse se manifesta.

Em relação a esta condição, diferentemente das duas que serão descritas adiante, as condições para o amor e para eleição do objeto amado não estão diretamente relacionadas à mãe, mas ao pai. Este terceiro prejudicado do triângulo amoroso é o próprio pai, pois, para a criança, a mãe pertence ao pai e este terceiro entra como alvo de uma vingança substitutiva. Então, a satisfação não se dá pelo fato da mulher ser comprometida, mas por prejudicar o parceiro dela.

A segunda condição descrita por Freud (1910/2006c, p. 172), neste mesmo texto, enfatizada por ele como menos frequente, mas de relevância não descartada, é o que ele chama de “amor à prostituta”. Neste caso, o homem nunca se sentirá atraído por uma mulher cuja reputação seja inquestionável. Por isso se volta para mulheres casadas abertas ao flerte ou para aquelas adeptas da poligamia, e, isto, porque, nestes casos, o atrativo recai no ciúme que ele sente, não necessariamente, do marido da mulher, mas dos possíveis amantes que ela possa ter. Freud (1910/2006c) enfatiza que, em muitos destes casos, o sujeito parece se sentir muito à vontade na situação triangular e não demonstra qualquer interesse por ter um lugar de exclusividade na vida da amada. Esta situação parece paradoxal em relação a mãe, cuja pureza é uma atribuição, e se relaciona às fantasias que o menino desenvolve na puberdade. Ele descobre, então, que o que os pais fazem assemelha-se com as práticas sexuais realizadas pelas prostitutas. Logo, faz uma ligação entre a mãe e a prostituta, o que faz com que dirija, à mulher de reputação duvidosa, impulsos sexuais que outrora foram dirigidos à mãe. Nesta situação também há a hostilidade em relação ao pai e o desejo de vingança. O pai ocupa o lugar, na fantasia, do par prejudicado da infiel e os outros amantes possuem as próprias características egoicas do menino. Na vida adulta, ele atualiza suas fantasias na realidade e ocupa esse lugar de amante de uma mulher que não lhe oferece a reciprocidade fiel de seu amor.

Na terceira condição, chamada por Freud (1910/2006c, p. 173) de “amor normal”, o sujeito atribui o mais alto valor à mulher amada e sua pureza é inquestionável. Por isto, a

parcela de energia psíquica investida nela é intensa. Ela é tida como sendo a única merecedora do amor do sujeito envolvido e todo e qualquer outro interesse é excluído, pois a fidelidade é uma exigência feita pelo próprio amante a si, mesmo que, na realidade, ele possa transgredi-la. A questão é que este sujeito repete este modo de se relacionar com todas as mulheres por quem ele se apaixona. Não se trata de uma eventualidade da sua vida amorosa, mas de uma repetição que acontece todas as vezes que o sujeito deste tipo se enamora. Amantes com este perfil, “aspiram salvar a mulher amada” (FREUD, 1910/2006c, p. 175) e acham que, sem ele, ela perderá todas as suas virtudes morais e irá rebaixar-se a um nível lamentável. Portanto, ele não a abandona para salvá-la. Nos homens com tal perfil, Freud (1910/2006c) defende que a libido permaneceu direcionada à mãe por muito tempo, mesmo depois do início da puberdade e, por tal, as características maternas aparecem claramente nos objetos amorosos.

Outro sintoma que aflige a vida amorosa dos neuróticos é o que Freud (1912/2006a, p.185) chama de “impotência psíquica”, a qual define como sendo uma das principais causas que leva os neuróticos a buscar uma análise. Nela, observa-se a incapacidade do homem, sem justificativa orgânica, de consumir o ato sexual com determinadas pessoas. Alguma característica presente no objeto sexual se coloca como um obstáculo interno ao homem que a experimenta, impedindo-o de conseguir realizar o ato sexual, mesmo que ele não saiba conscientemente o que se encontra envolvido nesse obstáculo. Para Freud (1912/2006a, p. 186), a razão disso seria a existência de uma “fixação incestuosa na mãe ou na irmã, que nunca foi superada”. Ele também não descarta situações conflituosas ligadas ao desenvolvimento da sexualidade infantil, que teriam o poder de reduzir a libido do homem diante do objeto sexual feminino. Então, a origem de todas as perturbações neuróticas de ordem sexual é definida por uma inibição no percurso natural da libido antes que ela chegue à sua finalidade (FREUD, 1912/2006a).

Freud (1912/2006a) considera a união de duas correntes, a afetiva e a sensual, para assegurar o comportamento amoroso normal para o neurótico e é a falha nessa combinação que estaria presente no sintoma. A corrente afetiva é a mais arcaica das duas, sua origem está na escolha analítica do objeto, na qual a criança elegia, como objeto de amor, os cuidadores. Esta sempre foi acompanhada das pulsões sexuais que continham componentes de interesse erótico e que, no decorrer da infância, pela barreira do incesto, se desviaram dos objetivos sexuais. Só com a puberdade ela volta a se ligar à “corrente sexual” (FREUD, 1912/2006a, p. 186) que já não mais está inibida em seus objetivos e busca encontrar novos objetos que não sejam “impedidos”. Estes objetos são escolhidos, tendo como referência os

objetos infantis, que são os primeiros objetos de amor, e atrairão para si a mesma afeição que os objetos primitivos, já que eles são a primeira referência de amor para a criança.

Então, amar para o neurótico se apresenta como algo conflituoso, pois se o sujeito ama, ele não pode desejar e, se deseja o objeto não é digno de amor. Dois fatores decidirão sobre essa retração no caminho da libido: um deles é a quantidade de frustração exercida por essa nova escolha de objeto que pode ocasionar a depreciação deste, por parte do sujeito e a outra é a força de atração que os objetos infantis exercem mantendo a libido ligada a eles e impedindo a eleição de novos objetos. Isto acontece porque o obstáculo da lei do incesto inibe a libido que se transferiu para os objetos primordiais e esta permanece inconsciente. A atividade masturbatória, por sua vez, contribui para o fortalecimento dessa fixação e os objetos primeiros passam a ser substituídos por outros objetos, permitindo que a fantasia seja acessível à consciência. Caso a sexualidade de um jovem se ligue aos objetos incestuosos inconscientes ou às fantasias incestuosas, também inconscientes, pode levá-lo a impotência sexual total, podendo evoluir, inclusive, para debilidade do órgão sexual.

O que se coloca em jogo nas pessoas com impotência psíquica é o desejo de manter afastada a corrente afetiva. Cabe, então, à corrente sexual procurar objetos cujas imagens não rememorem os objetos incestuosos, mantendo, assim, essa dualidade das relações de amor.

Ressaltamos o quanto este tipo de problema se faz presente na clínica psicanalítica, pois nela observa-se que muitas pessoas mantêm relações superficiais, nas quais a finalidade sexual é o maior objetivo e em que a corrente afetiva se mantém distante. Em alguns desses casos, por nós testemunhados, se, por acaso, o afeto começa a querer habitar um terreno mais próximo, as relações são prontamente desfeitas ou substituídas por outras. Disto, também resulta “a depreciação do objeto sexual” (FREUD 1912/2006a, p.191) que é a principal medida protetora para o sujeito; se o objeto é supervalorizado mantêm-se fora do campo do desejo e, à medida que é depreciado, a sexualidade pode expressar-se, e, conseqüentemente, o caminho para o prazer está desimpedido. Para as pessoas em que as duas correntes – afetiva e sensual – não se combinam, o prazer só é possível se o objeto for depreciado. Freud (1912/2006a, p.191) diz que a tentativa do menino de colocar a mãe numa “condição de prostituta” é uma investida no sentido de aproximar as duas correntes amorosas, pelo menos através da fantasia e pela depreciação da mãe e tê-la como um objeto de sensualidade.

Freud (1912/2006a, p. 190) conclui que “a impotência psíquica é uma condição universal da civilização, não se tratando de uma perturbação circunscrita a alguns indivíduos”.

Para ele, esta caracteriza o amor do homem civilizado, abrangendo os homens que nunca falham no ato sexual, mas que também não conseguem obter qualquer prazer intenso deste e atribui a mesma origem do problema às mulheres frígidas. Existe apenas um número reduzido de pessoas cujas duas correntes se fundiram de forma adequada. O que Freud (1912/2006a) não diz é que para esses neuróticos que conseguem condensar as duas correntes num mesmo objeto, o amor não deixa de ser passível de sofrimento porque há, de qualquer forma, uma supervalorização do objeto, fazendo com que o sujeito passe a ser completamente capturado por ele. Para Freud (1912/2006a), só é possível o sujeito ser feliz no amor se exceder o respeito pelas mulheres e acatar a ideia do incesto para com sua mãe. Já nas mulheres, há pouca indicação da necessidade de depreciar seu objeto sexual, porque elas não supervalorizam o objeto como os homens. Porém, a educação repressora da sexualidade, vivenciada por elas, e a permanência de uma atividade sexual vivenciada na fantasia tem como consequência a incapacidade que elas têm de fazer a separação entre vida sexual e proibição, o que as torna psiquicamente impotentes, ou seja, frígidas diante da possibilidade de uma vida sexual ativa e desimpedida. Por isto, muitas mulheres sentem mais prazer quando mantêm relações secretas. Percebe-se na clínica que ainda existem mulheres, mesmo com a conquista da liberdade sexual, que se mantêm presas a relacionamentos proibidos, ou seja, com homens comprometidos, como uma forma sintomática de se manterem distante do seu objeto de desejo e isto está relacionado à estrutura neurótica, seja histérica ou obsessiva, que encontra formas diferentes de se manter distante do objeto de desejo. Outra queixa recorrente das mulheres, na clínica, é a insatisfação sexual com seus maridos, fruto de uma falta tanto de erotização da relação sexual, como pela falta de conquista por parte dos parceiros como mensagens apaixonadas, elogios, gentileza; isto remete a cisão citada a cima das correntes erótica e de ternura por parte dos homens.

Freud (1912/2006a) acrescenta, neste mesmo texto, que o fato das restrições ao amor conduzirem a uma depreciação do objeto sexual, leva o sujeito a tirar a atenção do objeto e dirigi-la às pulsões sexuais, pulsões estas que possuem uma tendência desfavorável à satisfação completa. Isto acontece por dois fatores: primeiramente, por esta ambiguidade, já vista na escolha do objeto e depois pela barreira do incesto. Logo, o objeto final da pulsão sexual nunca será o objeto original, mas apenas um substituto do mesmo. O objeto original perdido por influência da repressão se apresenta, na maioria das vezes, por uma sucessão contínua de objetos substitutos, dos quais, nenhum proporciona satisfação completa. Daí se percebe na clínica psicanalítica, sujeitos que escolhem parceiros com as mesmas características que, muitas vezes, lhes são intoleráveis e lhes trazem sofrimento, mas que, no

decorrer dos discursos, visualiza-se a semelhança com as figuras parentais e, em decorrência disto, a repetição de fracasso amoroso em fracasso amoroso.

Com os textos sobre a “*Psicologia do amor*” (1910/2006c), conclui-se este tópico sobre amor e sexualidade, embora em toda primeira tópica esses dois conceitos ainda coincidam. Porém ao abordar o conceito da transferência, Freud começa a falar de amor, utilizando o próprio termo.

2.4 O amor no tratamento analítico: o amor de transferência.

Segundo Laplanche (2001) a transferência não é exclusivamente um termo do vocabulário psicanalítico. Possui no geral um sentido de transporte, mas está relacionada também a deslocamento de valores, de direitos, de entidades, mais até do que deslocamento de materiais e objetos. Em Psicanálise, é designada como

[...] processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica.

Trata-se, portanto, de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada. É na transferência que se dá a problemática de um tratamento psicanalítico, pois são a sua instalação, as suas modalidades, a sua interpretação e a sua resolução que caracterizam este (LAPLANCHE, 2001, p. 514).

Mas por que o amor de transferência interessa ao nosso estudo? A transferência, para Freud (1912/2006b), é a condição para que a análise aconteça. Ao mesmo tempo em que é entendida como fruto do próprio adoecimento neurótico, é também o único modo de fazer com que o analista passe a fazer parte das séries psíquicas inconscientes do paciente. Isto é, de seu próprio sintoma. Dessa forma, o amor de transferência será entendido, por Freud (1912/2006b), como, ao mesmo tempo uma resistência ao tratamento e como a condição do tratamento. Sendo, portanto, necessário ao analista saber reconhecê-la e administrá-la por meio de seu manuseio técnico em benefício da cura do paciente. Assim, a transferência viabiliza ao analista o acesso aos conteúdos inconscientes de seus pacientes e também é através dela que estes atualizam os seus modos de se relacionar com seus objetos de amor na cena analítica.

Desde o tratamento com as histéricas através da hipnose, algo chama a atenção de Freud (1889/2006): o fato da paciente se predispor a ser hipnotizada. Ele se questiona acerca do que permitiria tal fenômeno, chegando à conclusão de que “a chave para compreensão da hipnose é dada pela teoria do adormecer normal, de Liébeault, segundo a qual a hipnose se

distingue somente pela inserção do relacionamento entre a pessoa hipnotizada e a pessoa que a faz adormecer” (FREUD, 1889/2006, p. 136). Tem algo nesta relação que permite esta entrega. Em seus “*Estudos sobre a histeria*”, Freud (1895/2006) assumiu a definição que o termo tem até hoje para a Psicanálise: a de envolver um analista diretamente no tratamento de um paciente. O autor reconheceu, de imediato, o caráter perturbador da transferência, a despeito do amor que a paciente direciona ao analista e o papel revelador que este apresenta no relato de seu passado e, ao mesmo tempo, a resistência que lhe é inerente.

Em “*A dinâmica da Transferência*”, Freud (1912/2006b) vai nos dizer que cada indivíduo conseguiu um método próprio de se conduzir na vida erótica através de uma ação combinada de fatores inatos e das influências sofridas nos primeiros anos de vida. Estes fatores estão implícitos nas condições para o sujeito enamorar-se e nas condições para satisfazer-se com os seus objetos de amor. E acrescenta:

Se a necessidade que alguém tem de amar não é inteiramente satisfeita pela realidade, ele está fadado a aproximar-se de cada nova pessoa que encontra com ideias libidinais antecipadas; e é bastante provável que ambas as partes de sua libido, tanto a parte que é capaz de se tornar consciente quanto a inconsciente, tenham sua cota de formação dessa atitude. (FREUD, 1912/2006b p. 112).

Assim, nos leva a compreender que é absolutamente compreensível que a catexia libidinal de alguém que não está satisfeita em suas aspirações amorosas dirija-as à figura do médico. Segundo ele, isto acontece porque a catexia libidinal recorrerá à protótipos e se ligará a características presentes na pessoa do médico. Ela incluirá a figura do médico em uma das séries psíquicas já formuladas pelo paciente, seja ela imagem paterna, fraterna ou qualquer outra imagem que agregar elementos conscientes e inconscientes para que a transferência se estabeleça. Freud (1912/2006b, p. 112) chama atenção para o fato da transferência surgir como a “resistência mais poderosa ao tratamento, enquanto que, fora dela, deve ser encarada como veículo de cura e condição de sucesso”. Esta resistência se dá porque parte da libido que estaria dirigida para a realidade é diminuída, ela sofre um processo de introversão, tornando-se cada vez mais inconsciente, embora ainda possam alimentar às fantasias do sujeito. Este excesso de libido condensada no inconsciente, entrou num processo regressivo e se vinculou às imagens infantis do paciente. Com o tratamento analítico e o estabelecimento da transferência, estas imagens visam ao acesso à consciência e provocam um certo choque, visto que existem conteúdos nessas imagens que são desagradáveis ou inaceitáveis à consciência, então, todas as forças que atuaram para que a libido se mantivesse inconsciente, irão atuar promovendo a resistência à análise. Freud aponta que o fenômeno da transferência representa

uma das maiores dificuldades para o psicanalista, mas é o que torna possível a este ter acesso aos impulsos eróticos ocultos e esquecidos pelo paciente.

Esse que Freud (1914/2006) retoma e desenvolve com maior propriedade em seu trabalho intitulado “*Recordar, repetir e elaborar*”. Afirma aí que ao abandonar a hipnose e fundar o método psicanalítico, a tarefa da psicanálise passa a ser, a partir das associações livres do paciente, fazer advir o que ele deixava de recordar. A resistência deveria ser contornada pelo trabalho da interpretação e esta oferecia a possibilidade ao paciente de compreender as resistências e torná-las conscientes.

Freud (1914/2006) retoma o tema da transferência como resistência no seu artigo técnico dedicado a analisar e discutir os encaminhamentos técnicos à manifestação do amor transferencial, ao qual deu o título “*Observações sobre o amor transferencial*” (1915[1914]/2006). Neste trabalho, ele chama a transferência de amor e, segundo o comentário de Lopes (2009, p. 136), ao mesmo: “o amor de transferência não se distingue do amor verdadeiro. É amor. Estudar a transferência permite compreender o modelo do amor. O que varia na especificidade da relação analítica é a posição do analista, um outro prevenido quanto ao seu desejo, em função de sua análise”.

Freud (1915[1914]/2006, p. 17) começa esse texto dizendo que “as coisas que se relacionam com o amor são incomensuráveis; acham-se, por assim dizer, escritas numa página especial em que nenhum outro texto é tolerado”. Aí ele nos fala sobre a possibilidade do (a) paciente vir a se apaixonar pelo analista durante a análise, uma vez que, para o autor, o próprio contexto analítico teria o poder de induzir um tal enamoramento. No entanto, ele adverte ser muito importante que o analista tenha em mente que os sentimentos dirigidos a ele não são reflexos de seus atributos enquanto pessoa, mas um sentimento que contribuirá para o processo de restabelecimento da paciente ao ser analisado. Visto que se a transferência atualiza os objetos de amor na pessoa do analista, então a função deste amor, na análise, é contribuir para o desenvolvimento desta, ao passo que, do contrário, perderá sua função no processo de cura.

Freud (1915[1914]/2006) faz, neste momento, uma importante afirmação, a de que tudo que interfere na continuação do tratamento está a favor da resistência. Neste sentido, se um processo analítico necessitar ser interrompido por questões relacionadas ao amor manifesto pelo paciente ao analista, isto ocorrerá igualmente por atuação da resistência. Acrescenta ele que “A resistência intensifica o estado amoroso da paciente e exagera sua disposição à rendição sexual, afim de justificar ainda mais enfaticamente o funcionamento da repressão, ao apontar os perigos de tal licenciosidade” (FREUD, 1915[1914]/2006, p. 180).

Quanto a isso, ele é enfático ao dizer que o analista não deve responder à demanda de amor da paciente, embora, não deva reprimi-la. Sua recomendação é a de que o tratamento deve ser conduzido de forma que o paciente possa falar sobre seus desejos, para que não repita na vida real, o que só deve ser lembrado, reproduzido como material psíquico e mantido dentro da esfera dos eventos psíquicos. No caso de uma correspondência, por parte do analista, e o estabelecimento de um relacionamento amoroso, perder-se-ia a possibilidade de trabalhar todas as inibições e reações patológicas da vida erótica da paciente e ainda resultaria em remorso e um grande fortalecimento da propensão à repressão. “O relacionamento amoroso, em verdade, destrói a suscetibilidade da paciente à influência do tratamento analítico. Uma combinação dos dois seria impossível” (FREUD, 1915[1914]/2006 p. 183).

Quer seja o anseio por amor do paciente satisfeito ou reprimido, isso será desastroso para a análise. O analista deve ter cuidado para não se afastar do amor transferencial nem repeli-lo, o que ele deve fazer é acolher sem retribuir. Tratar como algo passageiro, como uma situação cuja função é atravessar o tratamento e investigar suas origens inconscientes para torná-las conscientes. Quanto mais o analista passar a não se render às seduções da paciente e quanto mais ele pontuar os elementos desse discurso amoroso, levando à retomada dos elementos inconscientes manifestos nele, mais a análise favorece o processo de cura. Nisso ocorre por que o objetivo desta, de um modo geral, é remover a repressão sexual para que sujam todas as fantasias e desejos sexuais que abrirão caminho para a compreensão das raízes infantis do amor. “O que fazemos, acima de tudo, é acentuar para a paciente o elemento inequívoco de resistência nesse amor” (FREUD, 1915[1914]/2006 p. 184).

O papel da resistência no amor transferencial é inquestionável para Freud (1915[1914]/2006), porém ele admite que não é a resistência quem cria esse amor, ele encontra-o pronto e faz uso dele agravando suas manifestações. Encontra-o pronto porque, para ele, o amor consiste em novas edições do amor infantil. Embora, na transferência, ele atue com menor liberdade do que no amor vivido na vida comum e chamado de normal. A dependência do padrão infantil se manifesta com maior intensidade na transferência. Com isso, o amor que se apresenta na transferência está investido pelas fantasias e desejos edípicos; por isso, inclusive, deve ser da ordem do impossível a sua realização. O seu sentido clínico é permitir trabalharmos seus aspectos inconscientes, manifestos nos sintomas e nas queixas relacionadas ao amor, já que, como afirma Freud (1915[1914]/2006, p. 186): “o amor sexual é indubitavelmente umas das principais coisas da vida, e a união da satisfação mental e física no gozo do amor constitui um de seus pontos culminantes”.

2.5 O amor na metapsicologia freudiana: o amor, o narcisismo, os destinos da pulsão e o luto do objeto

Pretendemos, a partir da indicação deste último subtítulo, explorar o modo como o amor é trabalho nos principais textos chamados por Freud (1914/2004; 1917/2006) de “*Trabalhos de metapsicologia*”, que podem ser definidos como os trabalhos terminais de sua primeira tópica, mas também os que já anunciam algumas indicações dos problemas que virão obrigá-lo a redefinir sua descrição da tópica psíquica, como é o caso de seu notável “Luto e melancolia” (1917/2006).

Em “*A Guisa de Introdução ao narcisismo*”, Freud (1914/2004) aponta que, ao longo de seu processo de constituição, o Eu é, primeiramente, investido de libido e, em um segundo momento, uma parte dessa libido é dirigida aos objetos, sendo que uma parte desta continua ligada ao Eu. Em algum momento, a vida psíquica se vê impulsionada a ultrapassar as fronteiras do narcisismo, ou seja, do Eu, e a investir libido nos objetos para que o sujeito não adoça. Isto acontece porque uma concentração intensa de energia psíquica no Eu promoveria o delírio de grandeza, uma forma de lidar psiquicamente com a quantidade de libido voltada para o Eu. Por isso, Freud (1914/2004, p. 106) postula que: “precisamos amar para não adoecer”. O não direcionamento de parte da libido aos objetos manifesta-se na psicose, havendo neste tipo de patologia psíquica uma dificuldade constitucional no que diz respeito à capacidade de amar que inviabiliza o laço amoroso. No caso da psicose, o amor se manifestaria, sobretudo, sob a forma de erotomania (o amor não depende de uma decisão do sujeito, mas da certeza delirante de ser amado por outro).

A criança tende a tomar os objetos sexuais a partir das experiências de satisfação. As pulsões sexuais apoiam-se, no início, nas pulsões do Eu para veicularem-se e só depois se tornam independentes delas. Por isso, os primeiros objetos de amor para as crianças são os que cuidam delas e as alimentam. Freud (1914/2004, p. 107) chama esse de tipo de escolha por “vinculação sustentada” ou escolha anaclítica. Ele ainda revela outro tipo de escolha, a dos perversos e a dos homossexuais, que não se pauta na imagem de quem cuida, mas na própria imagem da criança, isto é, o que o autor chama de “escolha narcísica” (1914/2004, p. 107). Freud (1914/2004), neste mesmo texto, ainda sustenta que há diferença na escolha objetual do homem e da mulher. Ele diz que o amor objetual pleno, segundo o tipo de escolha por veiculação sustentada, é característico do homem. No caso, há uma supervalorização extrema do objeto sexual, oriunda do narcisismo original da criança, e um deslocamento desse

narcisismo para o objeto sexual. É essa supervalorização do objeto que fundamenta a paixão, que se constitui por um empobrecimento libidinal do Eu e um intenso investimento libidinal do objeto. “O estado da paixão consiste em um transbordamento da libido sobre o objeto. Este estado tem o poder de suspender recalques e de restaurar perversões e eleva o objeto sexual à categoria de um ideal sexual” (FREUD, 1914/2004, p. 118). O autor ainda acrescenta que, na paixão, independente da escolha do sujeito, esta escolha é baseada nas condições de amor vigentes na infância, de modo que tudo aquilo que puder realizar essa condição de escolha amparada na infância, será idealizado como objeto de amor.

Na mulher, isto se constitui de modo diferente. Com a saída do período de latência e a chegada à puberdade, há um retorno ao narcisismo originário, principalmente se a mulher se constituir provida de beleza, que irá possibilitar ser amada, com intensidade, pelo homem que a amar. Para Freud (1914/2004) elas não necessitam amar, mas serem amadas, e aceitam o homem que se dispor a esta condição. Então, todo aquele que se coloca na posição de ser amado, coloca-se numa posição de passividade, ou seja, numa posição feminina. Todo aquele que se coloca numa posição de amante, coloca-se numa posição de atividade, posição masculina. Sobre isso, pondera Ferreira (2004, p. 20):

É preciso prestar atenção ao emprego dado por Freud ao masculino e ao feminino. Trata-se, aqui, exclusivamente de uma abordagem econômica: masculino significa maior quantidade de investimento libidinal no objeto e feminino quer dizer maior quantidade de investimento libidinal no eu.

Se retomarmos às teses freudianas sobre a constituição do Eu e o modo como se dão seus investimentos libidinais, podemos dizer, então, que a libido não é toda ela direcionada aos objetos. Uma parte dela continua contida no Eu e é esta parte que originará o recalque, já certos interesses do Eu poderão se tornar incompatíveis com os preceitos culturais e éticos do sujeito. O Eu passa a instituir um ideal e recalca aqueles conteúdos psíquicos que vão de encontro a esse Ideal de eu. Então, o narcisismo surge deslocado nesse novo Eu, que é ideal e busca a perfeição e a completude. Contudo, o que o sujeito projeta como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido na infância, durante a qual ele mesmo era seu próprio ideal. O Ideal-de-Eu provém da influência crítica dos pais, transmitida pela linguagem.

Na vida amorosa, a percepção de estar amando reduz a energia psíquica em si próprio, uma vez que o sujeito investe energia psíquica no objeto, ao passo que a percepção de estar sendo amado a eleva, esta energia retorna ao amante. Então, no processo de escolha narcísica de objeto, estar sendo amado representa tanto a meta quanto a satisfação. O

investimento libidinal nos objetos promove um empobrecimento do ego que se porta de forma humilde frente ao objeto amado, porque quem ama já teve que abrir mão de uma parcela do seu narcisismo e o meio desta libido retornar ao Eu é o sujeito também se sentir amado.

As relações da autoestima com o erotismo, ou seja, os investimentos libidinais nos objetos podem se manifestar de duas formas: ou os investimentos amorosos estão em concordância com o Eu ou são submetidas à ação do recalque. Na primeira hipótese, amar é considerado uma atividade do Eu como outra qualquer, porém, caso o sujeito seja correspondido por seu objeto de amor, há uma elevação de sua autoestima, do contrário, há uma diminuição desta. No caso da libido estar recalçada, o investimento amoroso entra em conflito com o Eu e a satisfação com o objeto de amor torna-se impossível. Freud (1914/2004) afirma que a felicidade no amor é equivalente ao estado originário em que não há como diferenciar libido objetual da libido do eu. No caso, a satisfação com o objeto se dá através da satisfação da pulsão e do retorno da libido ao Eu pela reciprocidade do objeto amado.

Nos neuróticos, a busca por um objeto de amor acontece justamente porque, para o Eu se desenvolver, é necessário um afastamento do narcisismo primário e a busca pela recuperação desta “perda” é que gera a necessidade da procura pelos objetos para que, através destes, a libido retorne. Então a libido se lança em busca de um ideal-de-Eu, que foi imposto pelo meio em que o sujeito vive e que se realizará tanto pela conquista deste ideal, quanto pela satisfação com os objetos. Devido aos excessivos investimentos objetais, o neurótico fica com seu Eu empobrecido e sem condições de realizar seu ideal-de-Eu. Ele tenta sair da situação na qual está ocorrendo um constante desperdício da libido destinada aos objetos e busca o caminho de volta ao narcisismo. Elege, assim, um ideal sexual que poderá atuar como um agente de satisfação substitutiva diante das impossibilidades à realização narcísica. Para Freud (1914/2004, p. 118), a forma de amar dos neuróticos seguirá o modelo de escolha objetual narcísica: “amaremos aquilo que fomos e deixamos de ser ou aquilo que possui qualidades que nunca teremos”. Ou seja, ama-se aquilo que possui qualidades que faltam ao nosso Eu para chegar ao ideal que parece inalcançável. Por isso, a não reciprocidade do objeto de amor é causadora de intensa dor para ego. Ao passo que, em algumas situações, a não resposta favorável do objeto pode transformar o amor em ódio.

O amor e o ódio estão relacionados às pulsões, no que diz respeito ao seu conteúdo e à relação do Eu-total com seus objetos. Freud (1915/2004, p. 160) pontua isso no texto *“Pulsões e destinos da Pulsão”*: “o eu odeia, abomina, persegue com intenções destrutivas todos os objetos que se tornem para ele fontes de desprazer, sem levar em conta se

são um obstáculo à satisfação sexual das necessidades de conservação”. Este é um dos destinos da pulsão: a transformação em seu contrário, amor em ódio.

Neste mesmo texto, Freud (1915/2004) explica que amar não admite apenas um par de opostos: além de amar - odiar, tem-se amar - ser amado e, em oposição ao conjunto do amor-ódio, há a indiferença. Amar – ser amado corresponde à mudança de posição da atividade para a passividade, que remete ao narcisismo, amar a si mesmo. A ignorância está relacionada à fase do narcisismo em que o Eu é indiferente ao mundo externo, quando ainda não há necessidade do sujeito buscar objetos para satisfazer às pulsões de auto conservação. A indiferença, por outro lado, apresenta-se como uma aversão ao mundo externo. Só quando o objeto entra em cena é que surge o ódio, caso este objeto se revele com fonte de desprazer não correspondendo às expectativas do eu. Caso se revele como uma fonte de prazer passará a ser amado e incorporado ao eu. Enquanto que o objeto odiado sofre uma repulsa, o ódio pode evoluir para uma agressão contra o objeto com a intenção de destruí-lo. De modo geral, Freud (1915/2004) nos diz que uma pulsão pode amar um objeto com o qual ela aspira obter satisfação, ao passo que, para ele, parece estranho que uma pulsão possa odiar um objeto, pois isto diz respeito a relação do Eu-total com seus objetos. Então, compreende-se que para o autor, amar está diretamente relacionado às sensações de prazer do Eu com o objeto e se condensa nos objetos sexuais e nos objetos que satisfazem as pulsões sublimadas, havendo uma confluência entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais, pois, para o sujeito dizer que ama já deve ter havido a síntese das pulsões sexuais parciais na pulsão sexual genital. Já que o ele nos diz, nesse mesmo texto, que as pulsões sexuais trocam de objeto com facilidade, pois a meta delas está relacionada com o prazer do órgão e não com a função reprodutora da espécie. Enquanto relação com o objeto, o ódio é anterior ao amor, pois surge da rejeição primitiva do Eu narcísico com o mundo exterior e seus estímulos. É uma reação de desprazer induzida pelos objetos e mantém uma relação direta com as pulsões de conservação do eu. Desse modo, as pulsões do Eu e as pulsões sexuais podem facilmente repetir entre si a oposição entre amar e odiar. Sendo assim, o amor pode se manifestar de modo ambivalente, um mesmo objeto pode ser amado e odiado ao mesmo tempo ou alternadamente. Como já visto, isto decorre do amor narcísico ainda não superado, que entra em conflito com o objeto, e o ódio, que está diretamente aliado às pulsões de conservação do eu, entra em ação. Não é raro nos depararmos com situações no dia-a-dia e na clínica em que o objeto amado, após a ruptura de uma relação, vira objeto de ódio e acredita-se que o amor virou ódio, mas este ódio é uma atuação das pulsões de auto conservação. Ele pode também estar associado a uma regressão

para a etapa preliminar sádica e tomar um caráter erótico que assegurará uma continuidade na relação de amor.

Outro destino da pulsão é o redirecionamento contra a própria pessoa. Isto se torna mais inteligível se lembrarmos “*Os três ensaios*”, quando Freud (1905/2006) nos diz que o masoquismo é o sadismo voltado contra o próprio eu. O que acontece, nesse processo, é a troca de objeto sem alteração da meta. Vamos lembrar que o sadismo consiste na violência contra outra pessoa que foi tomada como objeto, só que o objeto foi deixado de lado e foi substituído pela própria pessoa. A meta pulsional ativa transforma-se em meta pulsional passiva e então uma outra pessoa é procurada como objeto. Porém, devido à mudança ocorrida na meta, essa outra pessoa assume o papel de sujeito responsável por infligir o sofrimento, caracterizando, assim, o masoquismo. No caso, a satisfação ocorre pela via do sadismo original, o Eu passivo retorna ao seu lugar anterior por meio da fantasia. Para Freud (1915/2004), não há masoquismo que não derive do sadismo original e ele explica isso se apoiando na teoria do narcisismo que, como já vista, remete-se a fase inicial do desenvolvimento do Eu na qual as pulsões sexuais se satisfazem de maneira auto erótica. Nesta fase, a pulsão de olhar tem o próprio corpo como objeto. No caso, pertence à formação narcísica da constituição do eu. A pulsão de olhar ativa desenvolve-se pelo abandono dessa etapa narcísica, de modo que a pulsão passiva manterá o objeto narcísico aprisionado. “De modo análogo, pode-se dizer que a transformação do sadismo em masoquismo significaria um retorno ao objeto narcísico” (FREUD, 1915/2004, p. 156). Para o autor, em ambos os casos, o sujeito narcísico sofre uma troca por outro Eu estranho, por meio do processo de identificação.

Outro texto da Matapsicologia freudiana, que muito nos ensina sobre o amor, é “*Luto e Melancolia*” (1917/2006) e ele nos fez lembrar de um poema de Carlos Drummond de Andrade (1959, s/p.) chamado de “*Amor é bicho instruído*”, pois ele nos fala da dor amor que pode sarar amanhã e a dor de amor que não sara nunca:

Olha: O amor pulou o muro
 O amor subiu na árvore
 Em tempo de se estrepar.
 Pronto, o amor se estrepou.
 Daqui estou vendo o sangue
 Que escorre no corpo andrógono.
 Essa ferida, meu bem,
 Às vezes não sara nunca
 Às vezes sara amanhã.

O texto de Freud (1917/2006) vai justamente diferenciar como lidamos com a perda ou com a indisponibilidade de objeto, no qual investimos nossa libido, no luto e na melancolia. Antes, faz-se necessário, retomarmos o texto “*Três Ensaio*” no qual Freud (1905/2006) estabelece a relação entre a fase oral e o processo de identificação, de fundamental importância na formação do eu. Segundo ele, a identificação seria uma etapa preliminar da escolha objetal, a primeira forma pela qual o Eu escolhe um objeto. Ele acrescenta que o Eu deseja incorporar a si mesmo esse objeto, devorando-o. E isso é importante para compreendermos o que o autor tem a nos dizer sobre a melancolia. Ele a correlaciona ao luto pelas semelhanças e pelas circunstâncias da vida em que ambos ocorrem. “O luto, em geral, é a reação à perda de uma pessoa amada ou à perda de abstrações colocadas em seu lugar, tais como pátria, liberdade, um ideal etc.” (FREUD, 1917/2006, p. 103). Porém, em algumas pessoas com disposição psicopatológica, frente às mesmas circunstâncias de perda, surge a melancolia, ao invés do luto. No luto, manifestações extremas de comportamento são compreensíveis, porém esses comportamentos tendem a ir desaparecendo com o passar do tempo e o enlutado vai conseguindo retomar sua vida. Já no caso da melancolia, o sujeito em sofrimento encontra-se num estado de ânimo lastimável, seus interesses por tudo que se apresenta no mundo, encontra-se completamente interrompido, há uma perda na sua capacidade de amar e um profundo sentimento de depreciação de si próprio. Este sentimento de depreciação de si manifesta-se por meio de censuras e agressões contra o próprio Eu e tende a evoluir para a construção de um delírio de ser punido. Todos esses aspectos manifestos na melancolia também se apresentam no estado de luto, com exceção do fenômeno de auto depreciação. No luto também há a dificuldade de se eleger um novo objeto de amor e isso representaria substituir o objeto amado, o que, para o enlutado, parece impossível. Tudo que busca viver está relacionado a manutenção da memória do objeto perdido.

O trabalho do luto consistirá na tentativa de retirada de toda a libido do objeto, já que este deixou de existir na realidade. Por mais difícil que o processo de desligamento e substituição por outro objeto seja, o sujeito pode até se prender de uma forma alucinatória ao objeto, mas a própria realidade da inexistência deste faz com que o desligamento aconteça, permitindo que o Eu se torne efetivamente livre, volte e retome sua jornada sem inibições.

Na melancolia, esta perda do objeto amado pode ter ocorrido na realidade ou não, ela pode ser de natureza mais ideal. O objeto pode não ter morrido necessariamente, mas pode ter sido perdido enquanto objeto de amor. Em alguns casos, o paciente não sabe nem relatar, de fato, o que perdeu, isto pode acontecer, segundo Freud (1917/2006, p. 105), mesmo

quando o objeto da perda é conhecido, o que leva o autor a pensar que o doente não consegue relatar, nem alcançar o que perdeu:

Esse desconhecimento ocorre até mesmo quando a perda desencadeadora da melancolia é conhecida, pois, se o doente sabe quem ele perdeu, não sabe dizer o que se perdeu com o desaparecimento desse objeto amado. Isto, portanto, nos leva a relacionar a melancolia com a perda de um objeto que escapa à consciência, diretamente do processo de luto, no qual tal perda não é em nada inconsciente.

O processo do luto é absolutamente inteligível, pois há uma perda de fato e real que justifica a inibição e a falta de interesse do sujeito por tudo que o cerca. Já na melancolia esta perda é enigmática, porque não se evidencia, de fato, o que foi perdido e o Eu do sujeito se apresenta eminentemente empobrecido. Por isso, o sujeito em estado melancólico se auto-define como desprovido de qualquer valor, incapaz, portador de uma moral questionável. Além disso, faz auto-censuras severas, esperando ser rejeitado e punido. Não se sente merecedor do amor nem dos seus parentes e afirma sempre ter sido insignificante no decorrer de sua vida. Em muitos casos, esse delírio de insignificância é acompanhado de insônia e recusa alimentar e Freud afirma que isto acontece porque “a pulsão que compele todo ser vivo a apegar-se à vida é subjugada” (FREUD, 1917/2006, p. 106). O autor conclui que, no luto, há uma perda de objeto e na melancolia há a perda do Eu. É como se na melancolia houvesse uma divisão do Eu e uma parcela dele trata a outra como se fosse um objeto, avaliando-a de forma crítica e cruel. Esta instância crítica capaz de se separar do eu, também será capaz de demonstrar sua independência em outros momentos. Freud (1917/2006, p. 107) chamará essa parte crítica do Eu de “Consciência moral, devemos incluí-la entre as grandes instituições do Eu juntamente com a censura que parte do consciente e com o teste de realidade”. A partir disto, Freud (1917/2006) nos explica o que há de mais importante para a compreensão da melancolia: que é a observação de que as críticas e auto recriminações feitas pelo doente não se referem ou não se encaixam nele, mas ao objeto amado e perdido cujos caracteres foram incorporados ao Eu do paciente por um processo de identificação. Acerca das especificidades da identificação na melancolia, Martins (2014), em seu livro “*Sertão e Melancolia: espaços e fronteiras*” chama nossa atenção para o que sobre isso Freud (1917/2006) apontara acerca da posição do:

[...] melancólico perante o ideal perdido: incorporado ao eu perdia sua função metafórica e se estabelecia como modelo a ser assimilado. A diferença e seus signos não eram tornados estranhos, muito menos familiares, eram negados para serem, paradoxalmente, incorporados em seu conteúdo e em sua forma, a exemplo do morto exaltado nas suas ruínas. (MARTINS, 2014, p. 113).

Uma tal dimensão enigmática da identificação melancólica nos leva a um outro aspecto a isso associado: a dependência do melancólico em relação ao seu objeto de amor, onde o investimento narcísico substitui o objeto de amor.

Retomando o texto de Freud (1917/2006), ressaltamos seus ensinamentos sobre as relações entre identificação e amor, no que elas se associam a questão da economia em jogo no investimento do Eu nos objetos. Freud (1917/2006) ressalta que, quando se escolhe um objeto, a libido se direciona a ele. Se, por alguma decepção ou insatisfação com a pessoa amada, houver um rompimento, a libido seria obrigada a ser retirada do objeto para retornar ao Eu e, depois de um certo tempo, deslocar-se-ia para outro objeto. Nesse trabalho, nomeado de luto, a libido foi utilizada para promover uma identificação do Eu com o objeto perdido: “a sombra do objeto recai sobre o eu” (FREUD, 1917/2006, p.108). E, assim, a instância da censura moral passa a julgar essa parte do Eu identificada com o objeto. Então, o conflito que normalmente seria entre o Eu e a pessoa amada, passa a ser entre a instância crítica do Eu e com a parte do Eu modificada pela identificação com o objeto.

Freud (1917/2006) aponta os motivos para esse embate entre as duas partes cindidas do Eu. Ele diz que se faz necessário haver uma fraca resistência e aderência ao objeto amoroso. Para que isto ocorra é preciso que se tenha uma base narcísica na escolha do objeto, de forma que, ao se defrontar com os obstáculos, o investimento retorne ao narcisismo. A partir disto, a identificação narcísica com o objeto torna-se o substituto do investimento amoroso anteriormente depositado no objeto. Esta troca do amor depositado no objeto pela identificação com ele é, segundo Freud (1917/2006), um mecanismo de base nas afecções narcísicas. O Eu escolhe os objetos e quer incorporá-los ou devorá-los como na fase oral do desenvolvimento da libido. E por isso a escolha objetal na melancolia é atribuída à escolha objetal do tipo narcísico, embora Freud (1917/2006) deixe isso em aberto.

Este texto foi particularmente importante para o avanço de nossa compreensão do sofrimento amoroso e por revelar, de certa forma, que identificar-se é amar. Assim, foi imprescindível compreendermos que escolha de objeto narcísica nos faz discernir o estatuto das dores de amor manifestas pelos pacientes em nossa própria clínica. Já que as identificações com o objeto também são comuns nas neuroses de transferência, principalmente na histeria, no entanto guardadas as devidas distâncias. É, portanto, importante lembrar a diferença entre ambas: na melancolia, o investimento no objeto é abandonado e na histeria, ele continua existindo e se manifesta através dos sintomas. Sobre isso, afirma Martins (2014, p. 29):

Enquanto na histeria as identificações são produtoras de laços sociais, inspiradas pela identificação com o desejo do outro e os enigmas que o mesmo comporta, na melancolia (...) há uma ruptura com os interesses do mundo e uma identificação com o objeto idealizado e perdido. A ambivalência que marcaria a relação com este objeto é acrescida do sadismo para com o eu: se o amor não pode ser abandonado, o objeto não pode ser substituído, o eu se entrega, subsume ao ódio, destruindo as fronteiras que o separam do outro.

Quanto a isso, por sua vez, a neurose obsessiva também manifesta a ambivalência apresentada na melancolia frente à perda do objeto. O processo de perda do objeto para o neurótico obsessivo é conflituoso, dada a sua culpa pela perda do objeto, o que acontece por meio do próprio recolhimento da libido no Eu. A questão é que na melancolia, o fato não se reduz a não poder abdicar do objeto, mas não poder renunciar ao amor pelo objeto, já que este passou a ser incorporado ao Eu e passa a ser alvo do Eu crítico. O melancólico tortura a si próprio e o obsessivo consegue torturar seus entes queridos com sua doença, pois o estado mórbido se dirige à pessoa que desencadeou o distúrbio nos sentimentos do doente e esta se encontra, muito provavelmente, próxima ao paciente.

O estudo da melancolia, no citado texto, merece de Freud (1917/2006) um exame minucioso e revela a complexidade e fineza das questões que a melancolia nos coloca quanto a relação de objeto e o amor, bem como a sua dimensão mórbida, cuja a tendência ao suicídio é um exemplo. Não temos aqui, no entanto, a pretensão de explorar uma tal complexidade neste trabalho, tendo em vista que não nos propomos a fazer um estudo minucioso da melancolia, mas compreendermos o processo de constituição psíquica da escolha de objeto narcísica e de suas implicações, bem como ao fato de que as semelhanças e as diferenças com a histeria e a neurose obsessiva nos leva ao discernimento do sofrimento por amor em ambas estruturas clínicas. Continuaremos, com o nosso estudo no próximo capítulo, sobre o amor na obra do autor, a partir de seus avanços quanto a isso em sua segunda tópica.

3. O AMOR NA SEGUNDA TÓPICA FREUDIANA: AMOR, PULSÃO DE MORTE E REPETIÇÃO

Em “*Além do princípio do prazer*”, Freud (1920/2006) tornou pública a revisão que os ensinamentos e paradoxos de sua clínica o levaram ao reexame da concepção de aparelho psíquico, antes por ele formulada e, mais especificamente, de sua dimensão tópica. Este primeiro esboço de uma nova tópica teve o seu prolongamento em “*Ego e o Id*” (1923/2007) e em outros textos que lhe são contemporâneos. Na nova tópica, o inconsciente passa a ser entendido também em um sentido adjetivo e o eu passa a ser considerado como formado por uma parte inconsciente. Introduz, ainda, uma nova nomenclatura para designar as diferentes instâncias psíquicas: o Isso, o Eu e o Supereu. Tais instâncias, segundo Freud (1923/2007), interagem permanentemente e influenciam-se reciprocamente e possuem interesses diferentes. Nesta nova tópica, foi introduzido um novo dualismo pulsional, em que se deu a introdução do conceito de pulsão de morte, em oposição à pulsão de vida, bem como a do conceito de repetição, cuja dimensão clínica o levou, também, a uma ampliação da própria técnica psicanalítica, que resultou da introdução das construções em análise.

O Isso equivale ao Inconsciente na primeira tópica: é o polo pulsional. Nele, atuam pulsão de vida e pulsão de morte concomitantemente. Não há lugar para negação e os juízos de valor são ignorados, assim como os conceitos de bem, de mal e de moral. Em “*Esboço de psicanálise*”, Freud (1930/2006) diz que no princípio tudo era o Isso, sob a influência do mundo externo. Do ponto de vista econômico, ele é, ao mesmo tempo, um reservatório e uma fonte de energia psíquica. Sob o olhar funcional, é regido pelo princípio do prazer e pelo olhar dinâmico e abriga e interage com as funções do ego e com os objetos, tanto do mundo externo, quanto os que foram introjetados e constituem o Supereu. Com estes, quase sempre, o Isso entra em conflito, porém, não raramente, o Eu estabelece uma forma de aliança entre eles.

O Eu é a instância defensiva do psiquismo e atua como mediador entre o Isso e o Supereu. E, nessa segunda tópica, pode ser considerado como uma diferenciação progressiva do Isso, que leva a uma contínua tentativa de controle em relação a todo o aparelho psíquico. O Eu também se constitui na sequência de identificações com os objetos externos, que são incorporados a ele. De modo geral, ele é numa instância que vai se constituindo ao longo da vida do sujeito e não equivale ao consciente da primeira tópica, pois ele tem suas raízes no inconsciente. É a partir deste que o Eu desenvolve os mecanismos de defesa, sua principal função. Dentre as funções, cabe-lhe mediar, integrar e harmonizar as pulsões do Isso, as

exigências e ameaças do supereu e as demandas da realidade exterior. Em “*Inibição, sintoma e angústia*” Freud (1926/2014, p. 24) nos diz que “o eu é idêntico o Isso, uma parte diferenciada dele, é sua parte organizada”. Na verdade, o que o Eu mais busca é eliminar o sintoma. Em “*Eu e o Isso*” (1923/2007), Freud diz que o Eu é o representante do mundo externo para o Isso.

O Supereu, como o próprio Freud (1923/2007, p.46) nos diz, é “herdeiro do Complexo de Édipo”. Logo, é constituído pelo precipitado de introjeções e identificações que a criança faz com os pais e com as proibições, exigências, ameaças, mandamentos e padrões de conduta da cultura em geral:

O supereu reterá o caráter do pai, e quanto mais intenso tiver sido o complexo de Édipo e quanto mais acelerado tenha se realizado seu recalque (sob influência de dogmas religiosos, de aulas na escola, de leituras), tanto mais o supereu dominará o eu com extrema severidade, assumindo a forma de consciência moral, ou talvez de sentimento de culpa inconsciente. (FREUD, 1923/2007, p. 45).

3.1 O amor, a repetição e o masoquismo

Em seu texto “*Além do princípio do prazer*” (1920/2006), Freud introduz a segunda tópica e nos apresenta questões muito relevantes para a compreensão do nosso objeto de estudo. Se questionamos o que mantém um sujeito fixado a um objeto de amor que lhe traz sofrimento, é fato admitirmos que tem algo nesse sofrimento que, de algum modo, está relacionado a um prazer inconsciente. Partindo do ponto de vista econômico, Freud (1920/2006) pressupõe que os processos psíquicos são regulados pelo princípio do prazer, ou seja, quando há um acúmulo de tensão desprazerosa, desencadeia-se um movimento psíquico no qual acontece um novo direcionamento. Cada vez que essa tensão desprazerosa se acumula, a psique promove uma diminuição da tensão, evitando o desprazer e produzindo prazer. Como sabemos, em psicanálise, prazer e desprazer estão relacionados à quantidade de excitação presente no psiquismo: o desprazer corresponde ao aumento da tensão e o prazer à diminuição dela. O autor considera que o aparelho psíquico é regulado pelo princípio de prazer, levando em consideração que a quantidade de excitação existente nele seja o mais baixa possível ou pelo menos constante. Logo, tudo que se apresente como passível de promover o aumento da tensão tenderá a ser sentido como adverso ao funcionamento do aparelho psíquico.

Porém, Freud (1920/2006) nos aponta algo muito importante, em relação ao princípio do prazer. A primazia deste princípio está relacionada a um modo de funcionamento

primário do psiquismo, pois com o desenvolvimento da consciência, o sujeito tende a se deparar com o princípio de realidade, que, muitas vezes, entra em conflito com o princípio do prazer, gerando um aumento da tensão psíquica. Contudo, o princípio do prazer atua em função das pulsões sexuais que são mais dificilmente educáveis, que visam à satisfação a todo custo, e tende a sobrepor-se ao princípio de realidade, trazendo um custo ao organismo e ao próprio eu.

Dessa forma, o psiquismo é entendido como sendo constituído por uma parte das pulsões sexuais, que, por entrarem em conflito com o princípio de realidade, são recalçadas e tendem a vincular-se a outros conteúdos psíquicos para obterem uma satisfação substitutiva. Quando ocorre a falha no recalque, geradora do adoecimento neurótico, algo da satisfação “proibida”, mesmo vinculada à outra ideia, pode ser percebida pelo Eu, ocasionando mal estar ou gerando sintoma. Com isso, Freud (1920/2006, p.138) afirma que “todo desprazer neurótico é desta espécie: um prazer que não pode ser sentido como tal”, o que nos leva a concluir que há a primazia do princípio de prazer sobre o desprazer.

Ainda neste trabalho, Freud (1920/2006) desenvolve algo digno de nota para o entendimento da nossa questão de pesquisa. Trata-se da constatação de um fenômeno que depreendeu da clínica das neuroses: a “compulsão à repetição” (FREUD, 1920/2006, p.145). Suas reflexões em torno da compulsão à repetição o fazem vinculá-la ao problema das resistências ao tratamento, tomando-as em sua relação com o Inconsciente e o Eu. Freud (1920/2006), apesar de dizer que grande parte do Eu é inconsciente, levanta a questão da resistência, que ocorre entre o eu coerente e o conteúdo recalçado. A compulsão deve ser atribuída ao recalçado. Em “*Recordar, repetir e elaborar*”, Freud (1914/2006) nos diz que repetimos o que não temos condições de lembrar pela atuação da resistência. A função da resistência é evitar o desprazer, que seria provocado pelo contato com o conteúdo recalçado. Por outro lado, a relação do princípio do prazer com a compulsão à repetição se mostra justamente nessa contradição entre o desprazer vivenciado pelo Eu, que se coloca frente ao prazer sentido pela satisfação das moções pulsionais recalçadas. Então, é um prazer que não contradiz o princípio do prazer, visto que o desprazer está se manifestando em função da realização de um prazer, pois trata-se do desprazer experimentado num sistema e do prazer experimentado por outro sistema. Faz-se importante ressaltar que a referida repetição pode estar associada a eventos ocorridos do passado que, outrora, não estavam relacionados às satisfações prazerosas.

A repetição ocorre no âmbito do tratamento sob transferência, mas também se manifesta, amiúde, nas relações de amor, ordinárias dos neuróticos, que ocorrem para além da

transferência propriamente analítica. Sobre isso, Freud (1920/2006) acentua que, mesmo fora do contexto da análise, os neuróticos repetem um modo de estabelecer seus laços amorosos com os outros, mesmo quando isto não configura um sintoma propriamente explícito:

Todos nós conhecemos pessoas para as quais qualquer relação com o próximo leva sempre o mesmo desenlace. Ora se trata de benfeitores que depois de algum tempo são abandonados com rancor pelos seus protegidos e parecem destinados a vivenciar toda a amargura da ingratidão dos outros. Ora se trata de homens para quais toda amizade termina com a traição do amigo. Em outras ocasiões, encontramos casos que o sujeito passa a vida a colocar outras pessoas em um pedestal, privadamente ou em público, para seguir a desbançar essas autoridades e substituí-las por novos ídolos. Há também os amantes, para os quais, cada caso de amor atravessa sempre as mesmas fases e leva sempre ao mesmo final, etc. (FREUD, 1920/2006, p.147).

Freud (1920/2006) observa que tal repetição, desses modos de repetição de posições estereotipadas, assumida pelos neuróticos, não deveria nos causar espanto. Principalmente, se as mesmas se manifestam em pessoas que têm uma atitude ativa, perante as situações da vida, ou se nestas repetições observarmos um traço de caráter que se mantém e que, com isso, forçosamente se apresentariam na ocorrência de experiências idênticas. Para ele, o que deveria, pertinentemente, chamar a nossa atenção seria o fato das pessoas vivenciarem as repetições destas posições de forma passiva. Ou seja, sem nelas se implicarem, e as reduzirem a meras fatalidades. Todas essas observações foram fundamentais para Freud (1920/2006, p. 148) concluir a veracidade do fato de que “existe na vida psíquica uma compulsão à repetição que ultrapassa o princípio do prazer”. Ele enfatiza que esta compulsão à repetição parece ser mais antiga, mais elementar e mais pulsional do que o princípio do prazer, ao qual supera. Os sonhos dos pacientes com neuroses traumáticas são tomados por ele como um exemplo disso, posto que eles remeteriam os doentes à situação conflituosa vivenciada e, logo, não estariam à serviço da realização de um desejo, que é a função do sonho, quando orientado pelo princípio do prazer. Em verdade, tais sonhos estariam ligados a uma função no aparelho psíquico que seria anterior ao propósito de alcançar o prazer e evitar o prazer. Haveria um período na vida psíquica, anterior ao que Freud (1920/2006, p. 156) chama de “além do princípio do prazer”. Ele afirma que “há, mesmo fora do contexto da análise, sonhos que operando à favor de uma captura e fixação das impressões traumáticas obedeceriam a compulsão a repetição”. (FREUD, 1920/2006, p.157). Tomemos como exemplo a brincadeira do carretel, citada por Freud (1920/2006), em que a criança reproduz uma cena que lhe é desagradável continuamente. Ela repete na busca de adquirir mais controle sobre o acontecimento que lhe causa dor e age para não vivenciar a situação de uma forma meramente passiva, para poder ter a sensação de controle sobre a situação.

Com isso, Freud (1920/2006, p. 160) chega a uma característica universal das pulsões que “seria uma força que impele, interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas”. Assim, Freud (1920/2006) nos ensina que, se já conhecíamos a função como uma força que impele à mudança e ao desenvolvimento, agora somos obrigados a conhecer a manifestação da natureza conservadora do ser vivo. Essas pulsões conservadoras são, segundo ele, as que impelem à repetição e as pulsões que atuam de forma oposta e impulsionam ao progresso. Com isso, chega a relação disso com o que, então, denomina de pulsão de vida e pulsão de morte. As pulsões de vida são as pulsões sexuais, elas que, mesmo sendo conservadoras como as outras pulsões, impulsionam o sujeito à vida se contrapondo às pulsões que conduzem à morte.

Mas qual a relação dessas teorizações freudianas sobre a repetição, a pulsão de morte e o amor, conforme nosso interesse investigativo? Lembramos que, a princípio, na teoria de Freud, amor e libido são tomados como coincidentes. No decorrer do texto “*Além do princípio do prazer*”, Freud (1920/2006) nos apresenta uma divergência entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu, embora uma esteja ligada intrínsecamente no funcionamento da outra. Nos “*Três ensaios*” (1905/2006), as pulsões sexuais representavam a fórmula emblemática de “fome e amor” (FREUD, 1905/2006, p.141). Logo, o conceito de amor está diretamente ligado ao conceito de pulsão. Os seres humanos não satisfazem a sua fome com um mesmo alimento, como os animais. Há uma necessidade na variação para que a fome seja saciada com prazer. Em relação ao amor, algo se apresenta como conflituoso, pois se de um lado prega-se um ideal o qual um único objeto de amor deve ser eleito, do outro o aspecto pulsional inerente ao amor pode eleger objetos variados, já que esta é uma característica universal da pulsão.

Vimos que, no desenvolvimento da teoria da libido, as pulsões sexuais se dirigiam aos objetos e, em um segundo momento, eram retiradas dos objetos e retornavam ao Eu, o que caracteriza o narcisismo secundário. A libido, que se alojava no Eu, passou a ser chamada de narcísica e o Eu passou também a ser objeto das pulsões sexuais, que, por estar alojada no eu, não se diferenciava das pulsões de autoconservação. Com isso, as pulsões de autoconservação assumem também um caráter libidinal. Portanto, Freud (1920/2006) passa a admitir que todas as pulsões são de natureza libidinal. Mesmo diferenciando pulsão de vida e pulsão de morte, o autor explica que uma se origina da outra e toma como exemplo o amor objetual, o qual revela a dualidade entre amor (ternura) e o ódio (agressão). Para Freud (1920/2006), uma polaridade deriva da outra e isto explica a existência de um componente sádico na pulsão sexual. Ele diz

que encontramos esse sadismo emergindo também como pulsão parcial predominante em uma das organizações psíquicas que chamamos de pré-genitais. O autor se questiona como o caráter sádico da pulsão pode derivar de Eros, cuja meta é conservar a vida, se o que a pulsão sádica visa é prejudicar o objeto. Para ele, esse sadismo seria a manifestação da pulsão de morte que a libido narcísica tentou afastar do Eu, de modo que essa pulsão só consegue se manifestar no objeto. Por isso, a pulsão de morte na forma de sadismo passa, então, a servir à função sexual. Ele acentua que, na fase oral da libido, a apropriação do objeto amoroso e o seu aniquilamento coincidem. Após isso, a pulsão sádica se torna autônoma. Por fim, na fase em que se instala o primado genital, esta pulsão assume uma função que se faz necessária à realização do ato sexual. Freud (1920/2006, p. 175) afirma que “foi o sadismo anteriormente expulso do Eu que indicou aos componentes libidinais da pulsão sexual, o caminho em direção ao objeto. Nos casos em que o sadismo original não foi fusionado a outros elementos, veremos instaurar-se na vida amorosa, a conhecida ambivalência amor-ódio”. Em o “*Eu e o id*” (1923/2007), ele acrescenta que a experiência clínica nos mostra que o ódio é um companheiro inseparável do amor e que frequentemente é o precursor do amor nas relações humanas. Um pode se transformar no outro com certa frequência. Não importando se a pessoa amada deu ou não motivos para tal, isso é comum entre os neuróticos.

Vamos lembrar que o masoquismo é uma manifestação pulsional complementar ao sadismo e um redirecionamento do sadismo contra o próprio eu, mas a pulsão que sai do Eu em direção ao objeto não é diferente do movimento da pulsão objetual em direção ao Eu. O masoquismo seria, na realidade, um retorno à fase anterior dessa pulsão, uma regressão. “Além do masoquismo secundário, que retorna ao Eu, poderia também existir um masoquismo primário que emana do Eu” (FREUD, 1920/2006, p. 175).

Isto será mais bem trabalhado por Freud (1924/2007) em seu texto “*O problema econômico do masoquismo*”, onde afirma que há uma vertente masoquista no campo pulsional que se contrapõe ao princípio do prazer, passando a ser uma meta almejada. O autor explica que o masoquismo se apresenta de três formas: “como uma contingência da excitação sexual; como expressão da essência feminina e como norma ou regra de comportamento” (FREUD, 1924/2007, p. 107). O primeiro é, então, denominado de masoquismo erógeno e nele se observaria a existência de um prazer em sentir dor e seria de base biológica e constitucional. Esta forma de masoquismo serviria de fundamento para as duas outras formas. O masoquismo moral, terceira forma descrita por Freud (1926/2007), manifesta-se como uma sensação de culpa inconsciente. Já a segunda forma, denominada de masoquismo feminino, é, segundo ele, a mais facilmente acessível à nossa observação. Esse tipo de masoquismo

aparece, em geral, nas fantasias sexuais dos homens e dão notícias das fantasias de pessoas masoquistas. Tais fantasias tendem a desembocar no ato masturbatório ou a conduzir diretamente à satisfação sexual. O conteúdo destas fantasias seria: ser amordaçado, ser açoitado, ser maltratado, ser humilhado, submeter-se a obediência incondicional, e etc. Tais fantasias podem, ainda, consistir em ações executadas com a finalidade de obtenção do prazer sexual e, segundo Freud (1924/2007), correspondem, ponto a ponto, aos atos vivenciados na perversão masoquista, quer as mesmas tenham finalidades em si mesmas ou, no caso, em que funcionam para alavancar a potência no início do ato sexual. Freud (1924/2007) salienta que, na verdade, o masoquista quer ser tratado como uma criança pequena, indefesa e dependente e, acima de tudo, como uma criança desobediente e má. Mesmo verificando, em sua clínica, a ocorrência desse tipo de masoquismo nos homens, Freud (1924/2007) denominou-o de masoquismo feminino, dada à posição em que a pessoa se coloca na fantasia ser sempre passiva.

Retomando o masoquismo erógeno e a sua base biológica, é importante atentarmos para o fato de que ele tem sua origem no aspecto quantitativo da excitação sexual. Freud (1924/2007) supõe que o mesmo acontece com as excitações, derivadas da dor e do desprazer que, do mesmo modo, com o aumento do estímulo, acrescentam-se às pulsões sexuais. “Ele está ligado a uma parcela da pulsão de morte que é dirigida aos objetos do mundo externo atuando como pulsão de destruição ou como vontade de poder” (FREUD, 1924/2007, p. 109). Outra parte desta pulsão que também foi dirigida para fora, mas a serviço da função sexual, estaria relacionada ao sadismo propriamente dito, que desenvolve um importante papel na vida sexual. Há ainda uma outra parcela da pulsão de morte que permanece no organismo e lá, com o suporte da excitação sexual que se vincula ao prazer e a dor, ela se fixa libidinalmente. Essa parte fixada é que é denominada de masoquismo original e erógeno. Então, para Freud (1924/2007, p. 110) “a pulsão de morte atuante no organismo, o sadismo original, seria idêntica ao masoquismo, este que se tornaria um componente da libido e tomaria como objeto, o próprio corpo”. Sendo assim, o sadismo, ou a pulsão de destruição projetado para fora, poderá ser novamente reintrojado, redirecionado para dentro, regredindo à sua antiga condição e resultando em um masoquismo secundário que se uniria ao masoquismo original.

O masoquismo moral, em que predomina o sentimento de culpa inconsciente, chama a atenção de Freud (1924/2007) pelo fato de que nele se dá o afrouxamento de seus vínculos com a sexualidade. Neste caso, o que importa é experimentar sofrimento, não sendo relevante que o mesmo seja causado pela pessoa amada ou por qualquer outra pessoa ou se o

sofrimento provém de circunstâncias impessoais. Neste caso, Freud (1924/2007) nos diz que a pulsão de destruição ou de morte foi redirecionada violentamente contra o próprio eu. A pulsão de destruição foi novamente redirecionada para dentro e a libido foi deixada de lado e passa a atuar intensamente contra o próprio Si-mesmo. Esta forma de masoquismo é severamente patológica.

O sentimento de culpa, característico do masoquismo moral, é considerado por Freud (1924/2007) como sendo útil para a compreensão do sentimento de culpa inconsciente, que se produz, em alguns pacientes neuróticos, em relação ao influxo do tratamento, fenômeno que ele denomina de reação terapêutica negativa e que seria uma resistência das mais graves e perigosas para os propósitos da cura analítica.

O sentimento de culpa inconsciente, justamente por servir de fonte ao sofrimento neurótico, torna-se mais valioso para a tendência masoquista e por isso o sujeito tende a se rebelar contra o processo de cura. Acerca disso, Freud (1924/2007) acentua que muitos pacientes, que mantinham certa resistência em abandonar seus sintomas neuróticos, podem se ver livre deles em decorrência do experimento de situações penosas, como a contração de uma doença orgânica, uma separação amorosa, um problema no casamento, perda de bens materiais, etc. Nestes casos, uma forma de padecer seria compensada por outra e que o que interessa, para esses neuróticos, seria a manutenção de um certo grau de padecimento. Sobre isso, ele nos adverte, ainda, que tais pacientes podem até reconhecer uma culpa consciente, mas desconhecem o sentimento de culpa inconsciente, e que o de que se trata mesmo, não seria de um sentimento de culpa inconsciente, mas de uma “necessidade de punição” (FREUD, 1924/2007, p. 112).

Freud (1924/2007, p. 112) ressalta a incumbência do supereu de exercer uma consciência moral: “conforme já havíamos dito, o Eu tem a função de unificar e reconciliar as reivindicações das três instâncias às quais serve; acrescentamos agora que o Eu tem no Supereu um modelo a ser seguido, pois o Supereu é tanto representante do Isso como do mundo externo”. Ele considera que a consciência de culpa seria uma expressão da tensão que se forma entre o Eu e o Supereu. Vamos lembrar que o Supereu surgiu quando os objetos das primeiras moções libidinais com os pais sofreram um desvio das metas sexuais diretas e se dessexualizaram, tornando possível a superação do Complexo de Édipo. Sendo assim, o Supereu perpetua as características principais das pessoas introjetadas e está relacionado ao poder, à severidade, ao controle e à punição que os pais exercem sobre a criança. É nesse sentido que Freud (1924/2007, p. 112) afirma que “o supereu é herdeiro do complexo de Édipo”. Retornando ao masoquismo moral, o que o diferencia do prolongamento inconsciente

da moral é a ênfase que nesta recai sobre o sadismo exacerbado do Supereu, que o Eu se submete. Enquanto que, no masoquismo moral, a ênfase recai sobre o próprio masoquismo do Eu que espera por um castigo provindo do Supereu ou dos poderes parentais. Porém, nos dois casos, trata-se de uma relação do Eu com o Supereu, em que há uma necessidade que só pode ser satisfeita pelo castigo e pelo sofrimento. Para Freud (1924/2007, p. 114), fica claro que “o redirecionamento do sadismo contra a própria pessoa- que ocorre regularmente por ocasião da repressão cultural da pulsão- impede que uma grande parte dos componentes pulsionais destrutivos do sujeito sejam utilizados no mundo”. Grande parte dos componentes destrutivos da pulsão são recolhidos e manifestam-se no Eu, fazendo com que o sujeito tenha atitudes que resultem em autopunição. Tanto o sadismo do Supereu, quanto o masoquismo do Eu, atuam de forma mútua na promoção desses resultados.

Sendo assim, para Freud (1924/2007, p.111):

O masoquismo moral é um perfeito testemunho da existência de uma fusão pulsional. Sua periculosidade deriva da pulsão de morte, da parcela que escapou de ser direcionada para fora no formato de pulsão de destruição. Por outro lado, o masoquismo moral também representa um componente erótico, por isso podemos afirmar que mesmo no processo de auto-destruição do sujeito, não poderá faltar uma satisfação libidinal.

3.2 Identificação, amor e paixão

Em “*Psicologia das Massas e análise do eu*” (1921/2011), tendo como substrato suas elaborações sobre o conceito de inconsciente e suas teses desenvolvidas em “*Totem e Tabu*” (1913/2006), acerca do lugar da identificação ao pai morto, como o que engendra o símbolo - matriz da sociabilidade humana -, Freud, (1913/2006) já acrescido do conceito de pulsão de morte, examinará as razões do gregarismo da espécie humana a partir dos ditomes de Eros. Nesse texto, podemos depreender o esforço do autor em extrair as consequências antropológicas de sua metapsicologia, não podendo ser assimilada como uma teoria propriamente sociológica, mas como uma versão consonante ao próprio objeto de estudo da psicanálise. Nela consolida-se a tese freudiana de que o individual é social e de que identificação também é amor.

Com isso, acentua o interesse da pesquisa psicanalítica pelas relações sociais, seja ela do indivíduo para com seus parentes nucleares (pais e irmãos), seja para com seu objeto de amor – isto é, para com as pessoas que assumem um lugar de destaque para o indivíduo em seus vínculos sociais, tais como um professor, um médico, uma autoridade, e etc. Essas

relações são entendidas por Freud (1921/2011), p.14) como sendo “fenômenos narcísicos”, onde a satisfação da pulsão transcende à influência de outras pessoas envolvidas e restringe-se a uma única pessoa, com uma importância diferenciada para cada indivíduo implicado. Freud (1921/2011) acrescenta ainda um outro aspecto das relações do sujeito: a influência da massa e do contexto social e cultural no qual ele está inserido. Neste capítulo, daremos ênfase a relação do sujeito com seus objetos de amor que é o foco do nosso objeto de estudo.

Freud (192/2011, p. 43) retoma o conceito de libido e continua a associá-lo ao conceito de amor:

Libido é uma expressão proveniente da teoria da afetividade. Assim denominamos a energia, tomada como grandeza quantitativa, embora atualmente não mensurável, desses instintos relacionados com tudo que pode ser abrangido pela palavra amor. O que constitui o âmago do que chamamos amor e é cantado pelos poetas, o amor entre os sexos para fins de união sexual. Mas não separamos disso o que partilha igualmente o nome de amor, de um lado o amor a si mesmo, a amizade e o amor aos seres humanos em geral, e também a dedicação a objetos concretos e ideias abstratas.

Para o autor, as relações de amor em geral têm a mesma base libidinal do vínculo amoroso que se destina ao comércio sexual. O que os diferencia é que, nos laços entre amigos e entre pais e filhos, essas relações são afastadas de sua natureza original sensual e tornam-se inconscientes para permanecerem com sua identidade reconhecível, para, assim, sustentarem o desejo de proximidade.

Ele nos diz que há, na origem do amor, uma relação do amor sexual, erótico descrito por Platão, com a força amorosa, libidinal, descrita pela psicanálise. O que sustenta a preferência por um objeto de amor, em sua origem, é a pulsão sexual. Para ele, o amor une e constitui a essência da alma coletiva também. Enfatiza que a experiência em psicanálise nos proporciona perceber que quase toda relação sentimental íntima e permanente entre duas pessoas, seja ela, casamento, amizade, vínculo entre pais e filhos, contém uma parcela de afetos de aversão e hostilidade, que, devido à repressão, não são percebidos. Isso é nomeado de ambivalência afetiva e se dá pelos conflitos de interesses que acontecem nas relações íntimas e permanentes. Essa ambiguidade nas relações de amor já foi apontada por Freud, como já visto, no trabalho (1920/2011) em que ele relaciona amor e ódio à pulsão de vida e pulsão de morte. Gorí (2004) fala da importância do ódio nas relações de amor, o ódio é que permite ao sujeito se diferenciar do objeto amado e não ser aniquilado pela identificação com ele.

As identificações são processos envolvendo ligações afetivas que ocorrem quando

o sujeito vincula sua libido a um objeto de amor. Freud afirma que a identificação é o processo mais arcaico da manifestação de uma ligação afetiva entre dois seres, a qual teria uma importante função no desenrolar do complexo de Édipo. No caso do menino, ele desperta um importante interesse pelo pai, quer crescer como ele e tomar o seu lugar em algumas situações; o pai se revela como um ideal. Antes mesmo e posteriormente, paralelamente, a essa identificação com o pai, o menino investe na mãe como objeto de amor e duas relações se estabelecem: uma por identificação ao pai que tem por fulcro um ideal e a outra, com a mãe, que se apresenta como objeto de seu desejo. As duas coexistem durante um tempo sem atrapalhar uma a outra. Com o desenvolvimento psíquico, o menino percebe o pai como um obstáculo entre ele e a mãe e a identificação de outrora passa a ter um caráter hostil. Então nasce o desejo no garoto de substituir o pai e ocupar o seu lugar em relação a mãe. Logo, desde o início, Freud (1921/2011) demonstra que a identificação é ambivalente, podendo apresentar-se tanto com a manifestação da ternura, como com o desejo do aniquilamento. Ela remete à fase oral em que o indivíduo incorpora o objeto desejado comendo e assim aniquila-o, como no canibalismo.

No decorrer do Complexo de Édipo do menino, a identificação com o pai vai se perdendo de vista. Pode ser que ocorra uma inversão no Complexo de Édipo, Para Freud (1921/2011 p. 62) “Pode ser que o pai, numa postura feminina, seja tomado como objeto, do qual as pulsões sexuais esperam sua satisfação, e assim a identificação com o pai se torna precursora da ligação objetual ao pai”. A diferença entre escolha objetual e identificação é que na escolha objetual o sujeito gostaria de ter o objeto e na identificação, o sujeito que ser o objeto. O eu assemelha-se àquele quer é tomado como modelo.

Com a menina, acontece da mesma forma, ela pode desenvolver uma relação hostil com a mãe, querer tomar seu lugar e eleger o pai como objeto de amor. Freud aponta inclusive a reprodução de sintomas dos pais como uma forma de identificação, do tipo, a menina quis ser a mãe e desenvolve um sofrimento neurótico como o da mãe, como uma tosse atormentadora ou uma crise de asma. Há situações em que a identificação pode tomar o lugar da escolha de objeto e a escolha de objeto regredir à identificação já que ela é mais antiga na forma de ligação afetiva. Por isso, na formação dos sintomas neuróticos, sob efeito da repressão, pode acontecer da escolha de objeto se tornar identificação, ou seja, o Eu adotar características do objeto. Pode acontecer também do Eu copiar a pessoa não amada. Porém, em ambos os casos, a identificação acontece de modo parcial, tomando apenas alguns traços da pessoa-objeto. Há ainda um outro tipo de identificação citado por Freud que é baseado no desejo de querer se colocar no lugar do outro, mesmo a pessoa em questão não seja alvo da

pulsão sexual. Este tipo de identificação é comum nas massas, na identificação com os líderes.

O processo de identificação também explica a escolha objetal no caso da escolha de objeto homossexual. O menino permaneceu durante muito tempo fixado à mãe, no Complexo de Édipo. Porém, quando chega à puberdade, ele é convocado a trocar a mãe por outro objeto sexual, mas algo acontece e ele não consegue, identifica-se com ela e passa a eleger alguém de seu mesmo sexo como objeto de amor, um homem a quem ele possa amar e cuidar assim como a mãe cuidou dele. No caso, há uma modificação do eu do rapaz num caráter sexual, segundo um modelo em que até então ele fora o objeto.

A última forma de identificação descrita por Freud é a identificação com o objeto renunciado ou perdido, a qual já foi por ele tratada em seu estudo sobre a melancolia, no qual, conforme já discutimos antes, tal identificação se daria “quando a sombra do objeto recai sobre o eu”. (FREUD, 1917/2006, p.108).

Percebemos ainda na “*Psicologia das Massas*” (1921/2011) existir uma tendência, no sentido da ampliação, por Freud, do conceito de amor e de sua especificação em relação a outros sentimentos. Até aqui, vimos que a base do amor é sexual, provém da pulsão sexual. O autor chama atenção para o fato da linguagem denominar de “amor” relações afetivas bem diversas, relações que pode ser nomeadas de amor mas que logo somos levados a nos questionar se trata-se do amor verdadeiro, já que há uma escala de possibilidades na manifestação do fenômeno do amor.

Em muitos casos, trata-se da paixão, o que é um investimento no objeto por parte da pulsão sexual para obter satisfação sexual direta, pois tal investimento é extinguido quando a satisfação é alcançada. Isso é chamado de amor comum, sensual. O que faz esse investimento ser duradouro é a certeza de que a necessidade que foi extinguida, retornará e o objeto poderá ser amado nos momentos em que o desejo sexual está adormecido.

Já vimos que nos primeiros cinco anos de vida, a criança elegeu um dos pais como seu primeiro objeto de amor e dirigiu a este as pulsões sexuais que almejavam satisfação. Instaurou-se a repressão e esses desejos sexuais foram inibidos em sua meta, os sentimentos oferecidos a esses objetos de amor tomavam a via da ternura e a via sexual tomou o caminho do inconsciente com maior ou menor proporção. Os textos sobre as “*Contribuições à Psicologia do amor*” (1910/2006c) nos mostraram que o homem pode admirar e sentir amor por uma mulher e não se sentir atraído sexualmente por ela. Poder sentir-se atraído sexualmente por outra e não desenvolver ternura por esta. No entanto, neste texto, Freud (1921/2011) afirma que o adolescente pode sim conseguir unir as duas correntes, do amor não

sensual com o amor sensual e sua relação com o objeto passa a ser caracterizada pela união de pulsões não inibidas e pulsões inibidas em sua meta. “A intensidade do enamoramento, em contraste ao puro desejo sexual, poder ser medida segundo a contribuição das pulsões de ternura inibidas em sua meta”. Freud (1921/2011, p. 71).

Freud (1921/2011) nos chama atenção para a superestimação do objeto sexual na paixão, pois o sujeito apaixonado tem sua capacidade crítica comprometida, visto que os atributos do objeto amado são hipervalorizados e atribui-se a ele virtudes subjetivas e também de caráter espiritual que se tornam justificativas para o que ele seja amado. Porém, o que o amante não sabe é que todas essas percepções das virtudes do objeto amado são fundamentadas no interesse que nele se instaurou e que o faz superestimar o objeto.

O que sustenta tanto investimento no objeto amado é a idealização, o que o amante idealiza é a parte perdida do próprio eu e por isso, na paixão, o objeto é investido como o próprio Eu e tem sua libido narcísica transbordada para este objeto que ocupa um lugar de substituição do Eu ideal. Ele é amado por abrigar todas as perfeições aspiradas pelo amante, para que este possa satisfazer sua libido narcísica.

Com a superestimação sexual, a paixão fica mais intensa e o objeto cada vez mais valorizado, o que pode levar a uma suplantação da satisfação sexual porque o objeto pode se tornar cada vez mais sublime, precioso, podendo fazer com que o amante perca o seu amor-próprio e passe a sacrificar-se pelo objeto, sem medida. Na paixão, o objeto consome o eu do amante, sua libido narcísica fica cada vez mais empobrecida e a humildade passa a fazer morada em seu ser. O eu perde seu poder de avaliação, a permissividade impera em relação às demandas do objeto e a consciência fica alienada e obscura. É aí que podem acontecer os crimes em nome do amor, já que uma obsessão pode se instaurar no Eu do amante. Freud (1921/2011, p. 72) diz que “toda situação pode ser resumida numa fórmula: o objeto se colocou no lugar do ideal do Eu”.

A diferença entre a identificação e a paixão, denominadas por Freud (1921/2011) de fascínio e servidão enamorada são respectivamente, o enriquecimento do eu com os atributos do objeto que passou a ser introjetado e o empobrecimento do eu que se entregou ao objeto colocando-o no lugar da mais elevada importância, seu ideal. Na identificação, o sujeito já havia perdido o objeto e reencontra-o no objeto amado que passa a ser anexado ao Eu promovendo uma mudança parcial deste. Já na paixão, o objeto amado é super investido à custa do eu, sendo colocado no lugar deste ou no ideal almejado por este.

Freud (1921/2011) ainda faz um paralelo da paixão com a hipnose, e acentua a familiaridade entre ambas. Os adjetivos como humildade, sujeição, encantamento e ausência

de senso crítico são caracteres do objeto frente ao hipnotizador, este também assume o lugar de ideal do eu, como o líder. Assim como o objeto amado, o hipnotizador tem toda a atenção do hipnotizado voltada para ele. A diferença é que a relação hipnótica, mesmo sendo uma entrega apaixonada, mantém excluída a satisfação sexual, enquanto que na paixão ela não abre mão de ser uma meta alcançada.

O autor chama atenção para o fato das relações que têm os impulsos sexuais inibidos serem mais duradouras e atribui isso ao fato dessas relações não serem passíveis à satisfação plena, enquanto que nas relações em que impera a satisfação sexual, esta tem seus impulsos atenuados toda vez que são descarregados. Então Freud (1921/2011, p.75) afirma “O amor sensual está fadado a se extinguir com a satisfação; para poder durar, é preciso que esteja mesclado desde o início com componentes puramente afetuosos, ou seja, inibidos em sua meta, ou que experimente tal transformação”. Embora, ele assuma que onde quer que nos deparemos com o sentimento terno, ele constitui o sucessor de um laço objetual inteiramente sensual com a pessoa em questão ou com a imagem desta.

Quando ocorre o desvio da meta sexual, pode-se afirmar que poderá haver uma entrada no processo de sublimação da pulsão sexual. A pulsão sexual inibida em sua meta tem a maior vantagem em relação a não inibida porque, como já dito, permitem que se instalem ligações mais duradouras, enquanto que quando há satisfação diretamente sexual, há um desperdício de energia com a satisfação e é necessário à libido sexual se acumular novamente, de modo que nesse intervalo, o objeto pode ser trocado.

Cabe ressaltar que as pulsões inibidas podem se misturar com as não inibidas e podem voltar a transformar-se nelas, uma vez que são originárias delas. Isto resulta no fato de pessoas desenvolverem desejos eróticos por pessoas por quem tinham relações afetivas de amizade, admiração e reconhecimento. Por outro lado, também é comum acontecer de ligações que contemplam impulsos sexuais intensos se consolidarem em casamentos duradouros resultantes da paixão fervorosa. O casamento se deu na cultura ocidental, a partir do momento que o amor sexual passou a ser mais significativo para o Eu, com o desenvolvimento do individualismo busguês. Quanto mais a paixão se desenvolveu mais o Eu passou a exigir que a relação se limitasse a duas pessoas, pois, quanto mais apaixonadas, mais duas pessoas se bastam.

3.3 O amor, a cultura e a busca por ser feliz

No decorrer deste trabalho, percebemos que tudo que diz respeito ao amor está

vinculado às pulsões sexuais, sejam elas inibidas em sua meta ou não; e que tudo é medido pelo eu. “O eu seria aquela instância psíquica que supervisiona todos os processos parciais que ocorrem na pessoa. É a instância que à noite vai dormir, embora mesmo dormindo, ainda detém o controle da censura onírica e é desse Eu que procedem os recalques”. Freud (1923/2007, p. 31). No “*Mal-Estar na Civilização*”, Freud (1930/2006) Freud reforça a ideia de que o eu mantém linhas de demarcação bem claras e nítidas, com uma única exceção, no amor. Embora não possa ser nomeado de patológico, no auge desse sentimento, a fronteira entre o Eu e o objeto ameaça desaparecer. Um homem que se assuma apaixonado declara que ele e o objeto de amor são um só e assume isso como se fosse realmente de fato. E isto é muito perigoso e causador de grande vulnerabilidade e sofrimento para o Eu, pois algumas experiências externas podem ser satisfatórias, não para o Eu, e sim para o objeto e ainda assim pode haver uma imensa dificuldade do Eu de se desvencilhar de uma determinada situação desprazeroza.

Podemos concordar também que o princípio do prazer, de um modo geral, rege a vida psíquica e que a fantasia assume um importante papel nesta realidade. Assim sendo, sempre ouviremos na clínica os pacientes neuróticos dizerem que buscam a felicidade e esta está vinculada, muitas vezes, a um encontro amoroso bem-sucedido, além de sucesso profissional, saúde, dentre outros. Freud (1930/2006) nos diz que nossas possibilidades de felicidade são sempre restritas a nossa própria constituição. Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. Assim,

O sofrimento nos ameaça à partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem sempre pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência: do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com outros homens. O sofrimento que provém dessa fonte, talvez seja mais penoso que qualquer outro (FREUD, 1930/2006, p. 84-85).

Isto já assume inquestionável relevância para que os psicanalistas se ocupem em estudar as relações de amor.

Atentemos para o fato de que o método mais eficaz para se evitar o sofrimento são vinculados a manutenção de um certo egoísmo. Precisamos, muitas vezes, evitar para não sofrer. Vivemos em busca de qualidade de vida, somos levados à cultura do bem-estar e da beleza, devemos cuidar do nosso corpo para que ele agregue os adjetivos e para isso, temos que nos esquivar de muitos prazeres. O contexto social nos impõe que sejamos bem-sucedidos financeiramente, busquemos sucesso, reconhecimento profissional e tudo isso depende

exclusivamente dos nossos esforços e dedicação. Mas e o amor? Depende de quê? De tudo que busquemos vivenciar para obter prazer na nossa existência, ele é o que nos coloca em uma condição de total vulnerabilidade, pois não depende única e exclusivamente da nossa vontade.

O sentimento de felicidade derivado de uma satisfação pulsional intensa não é domado pelo Eu. Esta satisfação é bem mais intensa do que a de uma satisfação pulsional já domada pelo Eu e isto explica porque, muitas vezes, somos atraídos por situações complexas e difíceis de serem realizadas, ou proibidas. Isso tem uma justificativa econômica para o psiquismo. Outro método empregado pelo Eu para evitar o sofrimento reside no deslocamento da libido para outros objetos, com os quais o Eu não tenha que lidar tanto com a frustração e para isso o psiquismo conta com o apoio da sublimação como um destino para a pulsão. Aí, então, o sujeito desloca a libido que estava direcionada ao objeto para outras situações como o trabalho intelectual, a arte, dentre outros. Vamos tomar como exemplo, a composição de uma música em que o sujeito revele a sua dor pela perda de um grande amor. Outras pessoas que compartilham desse mesmo sofrimento poderão falar da sua dor e identificar-se com as palavras do poeta nesta canção. A dor do poeta ganhou um destino que se perpetuou na voz de outros que sofrem como ele e um destino foi dado a essa dor pela sublimação. A partir de então, sua libido retorna para o seu Eu e com isso pode se ligar a outro objeto, porém a sublimação nem sempre é um acesso de destino possível a todos os seres.

A libido, nos neuróticos, está sempre procurando um objeto externo para com ele alcançar a felicidade em um relacionamento. Resiste e passa por cima de qualquer desprazer que se interponha à sua meta de satisfação, que comprometa a sua busca de felicidade, principalmente se essa libido for movida pelo amor e o colocar no centro de tudo, visando sempre amar e ser amado. Freud (1930/2006) nos diz que o amor sexual é uma das formas de amor e ele nos proporciona a mais intensa experiência de uma transbordante sensação de prazer e proporciona ao ser a mais intensa sensação de felicidade. O maior perigo em relação a isso, segundo Freud (1930/2006), é que nunca nos sentimos tão indefesos e vulneráveis contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor, porém isso não aniquila a crença de que a felicidade também depende do amor.

Na busca da felicidade, o homem tenta adaptar os elementos do mundo externo aos seus desejos. Ele sempre avalia quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, até onde pode viver independentemente dele e, finalmente, avalia qual a sua capacidade de força para modificar o mundo, a fim de adaptá-lo aos seus desejos. Tudo

depende de como o homem vai se constituindo psiquicamente, independente das circunstâncias externas. Um homem com um perfil predominantemente erótico irá dar muita importância aos seus relacionamentos com outras pessoas; já o narcisista, que tende a ser autossuficiente, buscará suas satisfações principais em seus processos mentais internos e o homem com um perfil mais ativo nunca se desvencilhará do mundo externo com o qual sempre estará medindo forças. A grande questão é que seja qual for o modo do sujeito se colocar no mundo, qualquer escolha extremada, pode levá-lo ao sofrimento intenso, principalmente se ele colocar uma única possibilidade como condição de felicidade. O êxito, em qualquer situação na vida, nunca pode ser totalmente garantido, pois geralmente depende da convergência de muitos fatores.

O mais importante é compreendermos que a felicidade é subjetiva e muitas vezes se encontra em desacordo com as leis culturais as quais estamos submetidos. Pagamos um preço alto pela civilização e não podemos nos furtar de viver nela. A Neurose surge aí como o produto desse conflito entre desejo e possibilidade.

A entrada no processo civilizatório implicou numa regulação das relações entre os homens, pois do contrário, os relacionamentos ficariam sujeitos à vontade arbitrária dos indivíduos, o que equivale a dizer que o homem fisicamente mais forte faria prevalecer seus interesses e impulsos pulsionais. Por isso, a primeira exigência da civilização é a justiça, para que a lei garanta que a comunidade não tenha seus direitos violados em favor de um único indivíduo ou de um grupo restrito. O desenvolvimento da civilização impõe restrições à liberdade e a justiça exige que ninguém fuja a essas restrições.

Com a civilização, também surge a formação da família, que segundo Freud (1930/2006) deveu-se à necessidade de satisfação genital que deixou de ser esporádica para ser permanente. Com isso, o macho adquiriu o desejo de manter a fêmea junto dele, ou seja, seu objeto sexual e esta por sua vez, quis manter os filhos junto de si, unindo-se ao macho mais forte que pudesse garantir a segurança e o bem de todos. Então, para o autor, a civilização é filha do trabalho e do amor: a compulsão para o trabalho criada pela necessidade externa; o poder do amor que fez com que o homem lutasse para ficar perto de seu objeto sexual e a mulher que não abriu mão de cuidar dos seus filhos. Amor e Necessidade dão origem a civilização humana e, mais uma vez, Freud (1930/2011) chama atenção para o fato de o amor estar atrelado a uma promessa de felicidade e o quanto isso deixa o sujeito dependente, de uma forma muito perigosa, do seu objeto de amor, expondo-se a um sofrimento extremo caso seja rejeitado por esse objeto ou o perdesse através da infidelidade ou da morte.

Por este risco e vulnerabilidade, apenas uma parcela das pessoas não acredita encontrar a felicidade no amor e por isso compreendem o amor de uma forma mais ampla, não se limitam ao enlace com o objeto e deslocam o que mais valorizam no amado para o amar. Desse modo, protegem-se contra a perda do objeto e voltam seu amor para todos os homens, um amor solidário, esquivando-se da possibilidade da perda e das desventuras do objeto genital e transformando a pulsão sexual num impulso com finalidade inibida.

Essa disposição para o amor universal pela humanidade e pelo mundo representa o ponto mais alto que o homem pode alcançar, embora Freud (1930/2006) faça algumas ressalvas em relação a isso. Ele diz que um amor que não discrimina, parece privado de uma parte de seu próprio valor, por fazer injustiça ao seu objeto e, para ele, nem todos os homens são dignos de amor.

É o amor que funda a família e opera na civilização, tanto em sua forma que visa à satisfação sexual, quanto em sua forma inibida. O amor sexual tem duas vertentes, o erotismo e a ternura. Se de um lado o erotismo liga sujeito e objeto pela força da atração sexual, a ternura os mantém juntos, pois está atrelada a manifestações de carinho e de cuidado que sustentam os amantes ligados, mesmo quando a libido se encontra adormecida. O amor com uma finalidade inibida mantém os laços entre pais, filhos, irmãos e outros membros da família se estendendo a outros componentes da comunidade, como é o caso da amizade que tem um valor, do ponto de vista cultural, por transgredir a algumas limitações do amor genital como a sua exclusividade.

Esta exclusividade restringiu o amor genital heterossexual no desenvolvimento da civilização. A monogamia foi instituída na sociedade ocidental e com ele ficou muito claro que só seriam permitidos relacionamentos sexuais na base de um vínculo único e indissolúvel entre um homem e uma só mulher. Com isso, a sexualidade passa a ser suplantada em detrimento da civilização e da procriação, e é aí que começa a se acirrar os conflitos entre o amor e a civilização, porque esta começou a impor restrições à vida sexual que são intoleráveis para os neuróticos.

Os neuróticos passaram a criar sintomas como uma forma de satisfação substitutiva para as situações que lhe causam conflito psíquico e isto resulta em sofrimento para ele. A civilização impõe o sacrifício da satisfação sexual e exige também outros sacrifícios. Freud (1930/2006) questiona o que leva a civilização a impor tantas restrições ao amor e a vida sexual dos sujeitos. Atribui aos mandamentos do cristianismo, tal fato. Logo, “Amaras teu próximo como a ti mesmo” Para Freud (1930/2006 p.145) é algo estranho à humanidade. Para ele, a máxima impõe a disposição para sacrifícios, pois para amarmos uma

pessoa, ela tem que merecer nosso amor de alguma maneira. Assim,

É óbvio que a máxima não considera o outro como objeto sexual, então esse outro será amado, caso mereça meu amor e se for de tal modo, semelhante a mim, em aspectos importantes, que eu possa me amar nela, merecê-lo-á também, se for de tal modo mais perfeita do que eu, que nela eu possa amar meu ideal de eu (FREUD, 1930/2006, p. 114).

Freud (1930/2006) se questiona: como amar um estranho, o qual não possua valores passíveis de atraí-lo? Na verdade, considera um erro, pois o amor é valorizado por todos como um sinal de preferência pelos objetos amados e considera muito injusto colocar um estranho em um mesmo patamar de alguém amado e admirado. No entanto, deve-se amar com o amor universal que, segundo o cristianismo deve ser dirigido a todos os seres que habitam o planeta: os animais; as plantas e etc.

Nesse sentido, “A civilização tem que utilizar esforços máximos para estabelecer limites entre as pulsões de agressividade do homem e manter suas manifestações sob controle das manifestações psíquicas reativas” (FREUD, 1930/2006, p. 117). Resultando disto o incentivo a constituição de relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, daí a restrição à vida sexual e daí também o mandamento de amar ao próximo como a si mesmo, mandamento que vai de encontro à natureza humana. Os sacrifícios impostos pela civilização são tão grandes, tanto pelo controle da sexualidade como pelo controle da agressividade que a felicidade se torna algo de um alcance difícil para o homem civilizado. O homem primitivo desfrutava de maior liberdade e o homem civilizado trocou parte desta liberdade pela segurança, avalia Freud.

Freud (1930/2006, p.121) cita o poeta-filósofo Schiller “São a fome e o amor que movem o mundo”. Vamos lembrar que ele já havia comparado fome e libido nos “*Três Ensaio*” (1905/1996). Para ele, a fome representa as pulsões de auto conservação, ao passo que o amor visa aos objetos e tem como um de seus resultados a preservação da espécie e, por isso, deste o início, as pulsões do eu e as pulsões sexuais entram em conflito, resultando numa antítese ao se dirigir ao objeto. A pulsão sádica ganhou destaque pelo fato de seu objetivo se distanciar do ato de amar. Ela estava mais vinculada às pulsões do eu, embora o sadismo também fizesse parte da vida sexual, em cujas ações, a afeição também podia ser substituída pela crueldade. Daí resulta a neurose, que foi encarada como a luta de interesses da autopreservação com as exigências da libido. Desta luta, o Eu saiu vitorioso ainda que pague com graves sofrimentos e renúncias por isso.

O sofrimento por amor é inerente à neurose, ele é vivenciado primeiramente por

meio do sentimento de desamparo que implica no medo de perder o amor de quem se ama. Diante da possibilidade de perda desse amor, o sujeito se sente desprotegido e passa a ter o sentimento de culpa implicado nessa questão, buscando uma série de punições no mundo externo para apaziguar a ansiedade provocada pelo sentimento de culpa. Isso tudo acontece pela ação do superego de um lado e do medo de uma autoridade, do outro. Ambas estão relacionadas à renúncia pela satisfação da pulsão que não pode ser escondida do superego. Renuncia-se à pulsão pelo medo de uma autoridade externa, para não perder o amor desta autoridade. O preço que pagamos pelo o avanço da civilização implica numa perda da felicidade pela intensificação do sentimento de culpa. E amor representa esse grande conflito para os neuróticos porque precisa encontrar um lugar entre o ideal do eu e a impossível satisfação da pulsão.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR NA HISTERIA E NA NEUROSE OBSESSIVA

Neste capítulo buscaremos discorrer sobre alguns dos elementos apontados ao longo da obra de Freud acerca do amor, em sua articulação com as queixas amorosas em seu entrelaçamento com o sintoma neurótico e com a fantasia que lhe é subjacente. Para isto, nos faremos valer do “*Caso Dora*” (1905[1901]/2006) no intuito de esclarecer o modo como o amor se manifesta na neurose histérica, em sua relação com o sintoma e com a fantasia. O mesmo faremos em relação à Neurose Obsessiva utilizando, para tanto, o “*Homem dos Ratos*” (1909/2006). O uso de tais casos se justifica na medida em que ambos permanecem atuais por apresentarem os elementos que possibilitam que se explicita o modo como o objeto de amor se insere na série psíquica dos sujeitos histéricos e obsessivos, a partir da relação entre transferência e fantasia.

4.1 O sintoma neurótico

Em “*Observações sobre as neuropsicoses de defesa*”, Freud (1896/2006) nos diz que há uma diferença no modo como se dá a constituição psíquica na Histeria e na Neurose Obsessiva. Na primeira, seria determinante a vivência de uma situação traumática, envolvendo a sexualidade, na qual se daria a predominância de uma passividade sexual, durante o período pré-sexual, e o afeto correlato a essa experiência seria o desprazer, que seria observada tanto nos casos de histeria feminina como nos casos de histeria masculina. Na segunda, uma mesma vivência traumática seria, ao contrário da Histeria, marcada por uma posição ativa frente a ela e tais experiências vividas seriam sentidas como prazerosas. Haveria, no entanto, semelhanças entre a Neurose Obsessiva e a Histeria, por ambas implicarem a existência de uma experiência envolvendo a sexualidade, embora seja ela vivenciada de modos diferentes em cada uma delas.

Em “*O Sentido dos sintomas*”, Freud (1917/2006, p. 265) nos diz que o sintoma tem um sentido e está relacionado às experiências envolvendo vida sexual destes, bem como remontam à organização libidinal ao longo da infância: “eles são resultados de um conflito que surge em virtude de um novo modo de satisfazer a libido. As duas forças que se encontravam em luta, encontram-se novamente no sintoma formado”. Ele emerge como um derivado distorcido da realização de um desejo libidinal inconsciente e é híbrido porque reúne uma ambiguidade engenhosamente escolhida, com dois significados em completa contradição mútua.

Em condições de conflito há um escape da libido e ela se fixa a conteúdos aceitáveis ao Ego para contornar a repressão e conseguir se descarregar. Outra parte da libido retorna ao Inconsciente e se fixa a conteúdos compatíveis com ela, mas sua descarga fica restrita e de difícil acesso.

Os sintomas criam, portanto, um substituto da satisfação frustrada, realizando uma regressão da libido a um momento anterior ao da escolha objetal e da organização psíquica. Um momento no qual a libido não se privava de satisfação. De um modo geral, o sintoma repete essa forma infantil de satisfação, deformado pela censura que surge no conflito, via de regra transformada em uma sensação de sofrimento e mesclada com elementos da causa precipitante da doença.

Mas o que desencadeia a neurose? Para Freud (1912/2006b, p. 249), “a causa precipitante mais óbvia, mais facilmente descobrível e mais inteligível de um desencadeamento da Neurose deve ser vista no fator externo, chamado de frustração”. Para ele, o indivíduo foi sadio enquanto sua necessidade foi satisfeita por um objeto de amor real, do mundo externo e torna-se neurótico assim que esse objeto é afastado dele, sem que um outro ocupe seu lugar. Neste caso, a felicidade coincide com a saúde e a infelicidade com a Neurose. Freud (1912/2006b) acrescenta ainda que, muitas vezes, é mais fácil para o destino proporcionar a cura do que para o médico, pois o destino pode oferecer ao paciente um substituto para a possibilidade de substituição daquilo que ele perdeu, garantindo-lhe, com isso, uma nova forma de satisfação libidinal.

A frustração tem um efeito patológico, por represar a libido e submeter o paciente a um teste de quanto tempo ele pode tolerar este aumento de tensão psíquica, assim como quais os métodos adotará para lidar com ela. Há duas possibilidades de o sujeito permanecer sadio frente a frustração: a primeira é transformar a tensão psíquica em energia ativa, que permanece voltada para o mundo externo e acaba por arrancar dele uma satisfação real da libido. A segunda é renunciar a satisfação libidinal, sublimar a libido represada e voltá-la para objetos que não são eróticos e que se afastam da frustração.

O problema ocorre quando a libido se torna introvertida e despreza a realidade, que, devido à frustração persistente, perdeu o valor para o sujeito. Este se volta para o mundo interno e para a fantasia, no qual cria estruturas de desejo e revive os traços de outras experiências anteriores, já esquecidas. Aí a libido, que se move no curso retroativo, pode seguir o caminho da regressão, ao longo de linhas infantis, e pode lutar por objetos que estão ligados a ela, que tendem a causar um conflito com o Ego, pois este mantém o contato com a realidade. O conflito é solucionado pela formação do sintoma e seguido pelo

desencadeamento da doença manifesta. O que é realmente determinante para o desencadeamento da neurose não são necessariamente os fatos externos e internos, mas o modo particular com que o sujeito, em sua realidade psíquica marcada pela fantasia, lidará com esses conflitos.

Mais tarde, Freud (1924/2006) nos mostrará que a definição da constituição psíquica depende do modo como se dá para cada indivíduo a resolução do Complexo de Édipo, mais especificamente de como cada um realizará a interiorização da lei, mediante a subjetivação da castração. O que será amplamente retomado por Lacan, quando da sua referência às estruturas clínicas, consoante a Dor (1991, p. 24), acerca da relação entre estruturação psíquica e a função paterna: “é em função dos amores edípicos que se constitui, para todos, a entrada em uma a estrutura psíquica, ou, como assinalava Freud, a escolha da sua própria neurose”.

4.2 Dora: amor, sintoma e fantasia na histeria

Dora é um clássico caso de histeria apresentado por Freud (1901), que será, neste estudo, utilizado para compreender como as questões relacionadas ao amor se apresentam na neurose histérica. Observaremos à diante que, embora os sintomas de Dora não estejam relacionados, em seu discurso, a uma queixa por conflitos em relação a um objeto de amor, os sintomas convertidos ao corpo por ela apresentados estão relacionados a uma demanda de amor. Dora nos apresenta a forma como os histéricos lidam com o amor.

Em outubro de 1900, Freud é procurado pelo pai de Dora, para que tratasse sua filha. Ela tinha dezoito anos e era a segunda filha do casal, que tinha um filho um ano e meio mais velho que ela. O pai era um homem com idade, em torno dos cinquenta anos, inteligente, bem articulado e provido de boa situação econômica, já que era um grande industrial. Porém, o nobre senhor foi acometido por várias doenças no decorrer da vida. Quando Dora ainda era bem pequena, tinha apenas 6 anos, ele adoece de tuberculose e a família muda-se para o interior da Itália, em busca de um clima mais ameno. Lá, eles residem por dez anos e, neste período, o patriarca da família também apresenta um descolamento de retina, que comprometeria permanentemente sua visão e cujo tratamento reivindicava que ele permanecesse durante horas em um quarto escuro. Ele também manifesta uma sífilis, contraída antes do casamento, cujos sintomas eram crises confusionais, paralisias e perturbações psíquicas. Isto o obriga a viajar para Viena com muita frequência para se consultar com Freud e é aí que solicita que este atenda sua filha.

Em relação à mãe de Dora, Freud relata que nunca chegou a atendê-la, mas pelos relatos do marido e da filha, ele era levado a imaginá-la como uma mulher fútil, desprovida de intelectualidade e que, por causa das enfermidades do marido, concentrava todas as suas energias nos afazeres do lar e nos assuntos domésticos, mantendo-se distante dos acontecimentos da vida dos filhos e do marido.

Dora manifestava muita ternura pelo pai, era muito apegada a ele e isso faz com que ela se escandalize com muitas de suas atitudes. Já sua relação com a mãe era muito conflituosa e hostil. Dora chegava a menosprezar a mãe, criticava-a duramente e não permitia que ela exercesse qualquer influência em sua vida. Durante muito tempo, o irmão foi um modelo para ela, porém distanciaram-se depois. O rapaz, que era mais apegado a mãe, procurava manter-se afastado dos problemas familiares e, quando era convocado, intervia em benefício desta.

A paciente começa a apresentar sintomas neuróticos descritos por Freud (1905 [1901]/2006, p. 33) como uma “petite Hysterie com os mais comuns de todos os sintomas somáticos e psíquicos: dispneia, tosse nervosa, afonia, enxaquecas, junto com depressão, insociabilidade histérica e um tédio da vida”. E, como já relatado, são esses sintomas que fazem o pai da moça buscar Freud para que a filha fosse tratada. Todo núcleo do desenvolvimento da patologia de Dora ocorreu durante o período em que a família viveu na Itália. Lá, conheceram o Sr. K, um negociante, e sua esposa, a Sra. K, uma enfermeira que passou a cuidar do pai de Dora em decorrência de suas enfermidades. Ambas as famílias desenvolveram muita proximidade, além dos cuidados da Sra. K. com o pai de Dora, seu marido levava Dora para passear e ela também cuidava dos dois filhos do casal com muito afinho e afeto. Dora passa a dormir na casa dos K, tamanha sua intimidade e amizade com a Sra. K., de quem torna-se confidente. Freud (1905[1901]/2006) relata que Dora elogiava o corpo alvo e a pele macia de sua amiga confidente e enfatiza que tal descrição da Sra. K., pela moça, mais parecia o relato de um amante apaixonado sobre seu amor, distanciando-se em muito da representação de uma rival, conforme era de se esperar, tendo em vista que Dora sabia do romance dela com seu pai, por quem nutria enorme amor.

O dilema de Dora começou quando ela tinha apenas quatorze anos e o Sr. K. marcou um encontro com ela em sua loja, ocasião em que ele a espera sozinho. Quando ela chegou ao encontro, ele a abraçou e lhe deu um beijo na boca. Dora demonstrou total repugnância ao ato. A moça guardou o acontecimento em segredo e só o revelou em sua análise para Freud. Os assédios do Sr. K. não cessaram aí: em um passeio a um lago com Dora, ele a beijou novamente e lhe fez uma declaração de amor. Reagindo a isto, ela deu-lhe

uma bofetada e saiu correndo. A partir disso, Dora resolveu contar à mãe o acontecido e sua mãe relatou os fatos ao marido. Ao ser indagado pelo pai de Dora, o Sr. K. negou os acontecimentos e disse-lhe serem os mesmos meros frutos da imaginação de Dora, a qual estava, então, se dedicado a leituras sobre sexo, consideradas inadequadas à sua idade. Dora exige que o pai rompa relações com os K., mas este, mesmo acreditando em Dora, se nega a afastar-se da Sra. K.

Freud (1905[1901]/2006) atribui, primeiramente, o trauma de Dora e a gênese de seus sintomas histéricos a essas experiências vivenciadas por ela com o Sr. K., porém apreende que alguns desses sintomas tiveram início antes dos fatos ocorridos e estão relacionados à infância de Dora:

Como é tão frequente nos casos clínicos de histeria, o trauma que sabemos ter ocorrido na vida do paciente, não basta para esclarecer a especificidade do sintoma, para determiná-lo; entenderíamos tanto ou tão pouco de toda a história se, em vez de tosse nervosa, afonia, abatimento e tédio, outros sintomas tivessem resultado do trauma. (FREUD, 1905[1901]/2006, p. 36).

Para o autor, uma das características do sintoma histérico é a repetição, já que ele conflui elementos somáticos e psíquicos, esses elementos estão ligados a conteúdos recalçados. Sendo assim, o sintoma tem um sentido, a depender dos pensamentos suprimidos, que lutam para se expressarem. A análise proporciona que os determinantes mais importantes sejam fornecidos pelo material psíquico de forma acidental. “Os sintomas são dissolvidos buscando-se sua significação psíquica”. Freud (1905[1901]/2006, p. 48). No caso, Freud afirma que uma das funções do sintoma de Dora era tentar fazer o pai se afastar da Sra. K. Na verdade, esse era um dos motivos da doença. O autor distingue os motivos da doença dos conteúdos inconscientes que fazem adoecer. Os motivos que fazem adoecer não têm participação nenhuma na formação do sintoma, eles só aparecem secundariamente. Mas é com o seu advento que a enfermidade se instaura.

Debruçando-se sobre o sintoma no caso Dora, logo na Histeria, Freud (1905 [1901]/2006, p. 53) descreve um princípio geral: “todo sintoma significa a representação - a realização - de uma fantasia de conteúdo sexual, isto é, uma situação sexual”. Ou seja, para o autor, pelo menos um dos significados de um sintoma está associado a uma representação de uma fantasia sexual, podendo existir outros significados, em que na esta limitação de conteúdo não se impõe.

Freud atribuiu a tosse de Dora a uma interpretação de ordem sexual fantasiada e ela relata que a Sra. K. só tem interesse no seu pai por ele ser um homem de posses. Para Freud, porém, por detrás dessa frase se anunciava o oposto, visto que o pai de Dora era

sexualmente impotente. Logo, só poderia tirar proveito desta relação através de relação sexual oral. Por ela fantasiar este tipo de relação, o autor atribui seu pensamento às partes de seu corpo que sofriam irritação, ou seja, a garganta e a cavidade bucal, na qual se manifestava o sintoma. E a interpretação deste sintoma não se limitava unicamente a esta situação. Para o analista de Dora, a situação sexual fantasiada se harmoniza muito bem com o aparecimento e desaparecimento das manifestações patológicas. Estas refletiam a presença e ausência do homem amado, no caso o Sr. K. Ela se imaginava no lugar da Sra. K. e pensava que, estando no lugar dela, amar-lhe-ia de forma diferente, adoeceria de saudade durante sua ausência e ficaria curada de alegria quando ele voltasse para casa. Na dissolução dos sintomas histéricos, não é necessário que os diversos significados de um sintoma sejam compatíveis entre si, ou seja, que se complementem num todo articulado. Basta que a articulação seja constituída pelo tema que deu origem às diversas fantasias. Contudo, Freud (1905 [1901]/2006, p. 58) afirma:

[...] um sintoma corresponde simultaneamente a diversos significados sucessivamente. No decorrer dos anos, um sintoma pode alterar um desses significados ou seu sentido principal, ou o papel principal de passar de um significado para outro. Há como um traço conservador no caráter das neuroses: uma vez formado, se possível, o sintoma é preservado, mesmo que o pensamento inconsciente que nele encontrou expressão tenha perdido seu significado.

Freud (1905[1901]/2006) deduziu que a preocupação de Dora com o envolvimento amoroso do pai com a Sra. K. ia muito além dos interesses de uma filha: ela se colocara no lugar de uma esposa enciumada, lugar o qual deveria ser ocupado por sua mãe e não por ela. Analisando o sintoma da tosse de Dora, Freud (1905[1901]/2006) observa que o mesmo estava associado ao lugar para ela ocupado pela Sra. K. e que ela se identificava com duas mulheres: uma que o pai amara um dia e outra que o pai amava no momento. Disso, pôde Freud apreender a paixão de Dora pelo Pai:

É provável que se encontre na maioria dos seres humanos um traço nítido dessa inclinação precoce da filha pelo pai e do filho pela mãe, e deve-se presumir que ela seja mais intensa, já desde o início, no caso das crianças constitucionalmente destinadas à neurose, que tem amadurecimento precoce e que são famintas de amor. (FREUD, 1905[1901]/2006, p. 61).

Esta inclinação gera um impulso amoroso rudimentar, que produz uma inclinação sexual ainda na infância ou, no máximo, na puberdade, e tem a libido a seu dispor. No caso de Dora, suas atenções sempre foram voltadas para o pai e suas enfermidades só cresciam a ternura da filha por ele. Ela era quem acompanhava com muita proximidade o pai, já que a

mãe se recusava a fazê-lo. Com o aparecimento da Sra. K., ela viu-se desalojada dessa posição.

Chamava a atenção de Freud (1905[1901]/2006) o ciúme que Dora tinha da Sra. K. Segundo ele, um impulso que só poderia fundamentar sua inclinação para o mesmo sexo: “nas mulheres e moças histéricas cuja libido sexual voltada para o homem é energicamente suprimida, constata-se com regularidade que a libido dirigida para as mulheres é vicariamente reforçada e até parcialmente consciente” (FREUD, 1905[1901]/2006, p. 64).

Já enfatizamos o quanto Dora elogiava e exaltava a beleza da Sra. K., o que levava Freud a crer que toda dedicação de Dora a se ocupar com a relação do pai com a Sra. K, não se destinava apenas a suprimir seu amor pelo Sr. K., que em algum momento, fora consciente. Mas também para ocultar seu amor pela Sra. K, que era inconsciente num sentido mais profundo. Dora demonstrava muita inveja da Sra. K. pela posse do pai, mas escondia de si própria que a inveja que ela sentia era, antes, do pai, pelo amor que a Sra. K nutria por ele. Desse modo, a moção de ciúme feminino estava ligada, no Inconsciente, ao ciúme que um homem sentiria: “essas correntes de sentimentos masculinos, ou, melhor dizendo, ginecofílicos, devem ser consideradas típicas da vida amorosa inconsciente das moças histéricas” (FREUD, 1905 [1901]/2006, p. 66).

Retomando ao que Freud nos diz sobre o conteúdo dos sintomas, este sempre tendo sua gênese ancorada na sexualidade infantil, descreveremos o primeiro sonho de Dora, que contribui para que Freud compreendesse a origem de seus sintomas. Dora relata à Freud que tivera esse sonho repetidas vezes e, exatamente, da mesma maneira. Eis o sonho:

Uma casa estava em chamas. Papai estava ao lado da minha cama e me acordou. Vesti-me rapidamente. Mamãe ainda queria salvar sua caixa de joias, mas papai disse: Não quero que eu e meus dois filhos nos queimemos por causa da sua caixa de joias. Descemos à escada às pressas e, logo me vi do lado de fora, acordei. (FREUD, (1905[1901]/2006, p. 67).

Para Ferreira (2014), Freud (1900/1996) se utiliza do que descobriu em “*A interpretação dos sonhos*” para compreender o sonho de Dora: precisamente de que o sonho é a realização de desejos recalçados. Logo, só podem ser representados de forma disfarçada, por meio dos mecanismos de deslocamentos e condensação. Freud solicita à paciente que associe as cenas do sonho aos fatos de sua vida para que, assim, ela possa fazer a decomposição dos elementos e a interpretação do sonho se efetive à partir das questões colocadas por ela. A primeira associação de Dora referia-se à casa pegando fogo. Ela relata uma discussão entre os pais, porque o acesso ao quarto do irmão se dava pela sala de jantar e sua mãe trancava a

porta da sala todas as noites, antes de dormir. Seu pai ficava irritado com isso, pois, se algo acontecesse durante à noite com seu irmão, não poderia sair do quarto. Freud articula esse relato à cena do incêndio, posto que ela mesma havia dito: “alguma coisa pode acontecer durante a noite que torne necessário sair de casa” (FREUD, 1905[1901]/2006, p. 67).

Freud (1905[1901]/2006) faz outro questionamento para decifrar a segunda cena do sonho. Ao ouvi-la dizer que, ao acordar, o pai está em pé, ao lado da cama dela. Ele pergunta se este sonho ocorreu antes ou depois da cena do lago. Dora responde que não sabe, mas crê que foi depois. Logo, Freud conclui que não só o sonho se deu depois da cena, como também foi uma reação ao episódio. Ela continua o seu relato e diz que acabou voltando junto com o Sr. K do passeio ao lago. Após o almoço, como era de costume, deitou-se no sofá do quarto do casal K e acordou sobressaltada com o Sr. K. de pé, ao lado dela. Freud (1905[1901]/2006) intervém e aponta que o Sr. K. aparece tal qual seu pai no sonho. Dora concorda e diz que pediu a chave do quarto a Sr. K. para trancá-lo na hora da sesta.

Porém, no terceiro dia, quando foi buscar a chave, depois do almoço, esta havia desaparecido. Ela achou que o Sr. K. Teria sido o responsável por este desaparecimento. Após o que decide não ficar mais sozinha no quarto dos K. Mesmo assim, o medo do assédio do Sr. K. não desaparece, principalmente porque seu pai e a senhora K. sempre se ausentavam no período da manhã para fazer passeios. Ela acredita que está correndo muito perigo e por isso se veste rapidamente. Porém, o Sr. K. nunca mais voltou a incomodá-la.

Freud associa o “vestir-se rapidamente” tanto ao objetivo dela se precaver quanto ao Sr. K, quanto pela última cena do sonho, onde acordada, ela diz: “aqui não tenho tranquilidade, não poderei dormir tranquilamente até sair desta casa e no sonho, ela afirma: “descemos a escada às pressas e, logo que me vi do lado de fora, acordei” (FREUD,1905[1901]/2006, p 67).

Ainda sem compreender o que significa “a caixa de joias”, Freud(1905[1901]/2006) indaga à Dora sobre o que ela tem a dizer sobre a ela. Ela fala que sua mãe adora joias e que seu pai sempre lhe dá várias. Eles até já brigaram por causa disso, relata Dora. A mãe queria uns brincos de pérolas em forma de gotas e o pai lhe dera uma pulseira. A esposa ficou furiosa e disse ao marido que ele poderia dar a pulseira a quem ele quisesse, já que custara tão caro, pois ela não usaria. Nesse instante, Freud pergunta a Dora se ela gosta de joias, ela responde que sim. Freud lhe pergunta se ela ficaria contente caso o pai lhe desse a pulseira que sua mãe recusara. Dora responde que não sabe e diz que não sabe, porque a mãe aparece no sonho, já que ela não estava com eles.

O autor faz um comentário, em nota de rodapé, dizendo que sempre que Dora esbarra em um conteúdo recalcado, diz que não sabe do que se trata. No caso, o conteúdo recalcado se liga a um desejo infantil como agente e causa dos deslocamentos no sonho. Esse desejo, por sua vez, se articula com os afetos vividos na infância, durante o Complexo de Édipo, já apontados neste texto. Freud (1905[1901]/2006) insiste para que ela fale sobre a caixa de joias, haja vista que ela só falou nas joias. Ela responde que o Sr. K. lhe tinha dado uma caixa de joias muito cara. Ele questiona se ela sabe que a expressão “caixa de joias” significa também “órgão genital feminino”. E Dora responde: “Sabia que o senhor ia dizer isso”. Sua resposta leva Freud (1905[1901]/2006) a ter a certeza que ela já sabia disso e conclui que, na vida desperta, o homem que está colocando a caixa de joias de Dora em perigo é o senhor K. No sonho, o pai ocupa o lugar dele, só que em vez de culpado pelo assédio, ele aparece como salvador de Dora.

Em relação ao fato de Dora desconhecer o motivo pelo qual a sua mãe aparece no sonho, Freud retoma o episódio da pulseira, em que ela teria aceitado com satisfação o presente que a mãe recusara. A mãe seria sua rival na disputa pelo pai. Segundo Ferreira (2014, p. 28), “Dora daria ao pai o que sua mãe se recusa a dar, assim como daria ao Sr. K., retribuindo o presente da caixa de joias, o que a sra. K. lhe recusa dar”. Dessa forma, o sonho estabelece a ligação entre o amor infantil pelo pai, no passado, e o amor pelo Sr. K.

Freud (1905[1901]/2006) enfatiza o fato de Dora não concordar com a interpretação, o que demonstra a força da resistência do conteúdo recalcado, e chama também a sua atenção o objeto causa do desejo de Dora. Ele enfatiza que, por detrás de diversos deslocamentos, ele começava a suspeitar do profundo amor homossexual de Dora pela Sra. K.

O outro elemento a ser decifrado por Freud (1905[1901]/2006) no sonho é o incêndio. Ele pergunta a Dora se ela sabe por que crianças não podem brincar com fósforos e explica que essa crença é acompanhada da crença de que “crianças que brincam com fósforos, molham a cama” (FREUD, 1905[1901]/2006, p.73). Dora relata que desconhece tal crendice. Conduzindo a decifração deste elemento com conteúdos infantis já relatados por Dora, Freud interpreta a imagem de uma casa em chamas para a paciente. O fogo, como agente do incêndio, significa o oposto de água e paixão ardente. No conteúdo manifesto, sua mãe não quer que a caixa de joias seja queimada, e no conteúdo latente, não quer que a caixa de joias seja molhada. “A água, em oposição ao fogo como metáfora do amor, se transforma em metonímia do amor pela via das relações de contiguidade (combinação): o amor deixa as coisas molhadas.” (FERREIRA, 2014, p. 30).

O segundo sonho relatado por Dora:

Estou passeando por uma cidade que não conhecia, vendo ruas e praças que me eram estranhas. Cheguei então a uma casa onde eu morava, fui até meu quarto e ali encontrei uma carta de mamãe. Esta relatava que como eu saíra de casa sem o conhecimento de meus pais, ela não quisera escrever-me que papai estava doente. Agora ele morreu, se quiser, você pode vir. Fui então para a estação e perguntei umas cem vezes: Onde fica a estação? Recebia sempre a resposta: Cinco minutos. Vi depois a minha frente um bosque espesso no qual penetrei, e ali fiz a pergunta a um homem que encontrei. Disse-me: 'Mais duas horas e meia'. Pediu-me que o deixasse acompanhar-me. Recusei e fui sozinha. Vi a estação à minha frente e não conseguia alcançá-la. Aí me veio um sentimento habitual de angústia de quando, nos sonhos, não se consegue ir adiante. Depois, eu estava em casa; nesse meio tempo, tinha de ter viajado, mas nada sei sobre isso. Dirigi-me à portaria e perguntei ao porteiro por nossa casa. A criada abriu para mim e respondeu: 'a mãe e os outros já estão no cemitério'. (FREUD, (1905[1901]/2006, p. 93).

Este sonho ocorre no momento da análise de Dora, em que ela se questiona acerca do motivo pelo qual ela manteve segredo sobre o que acontecera entre ela e o Sr. K. no acontecimento do lago, só resolvendo contar aos pais depois.

A primeira cena remetia a uma cidade desconhecida e a um álbum com paisagens de uma estação de águas alemã que Dora recebera de presente de Natal de um jovem engenheiro. Ela quis mostrar o álbum guardado em uma caixa de fotografias, a uns amigos que estavam hospedados em sua casa, mas não o encontrou. Então, perguntou à mãe "Onde está a caixa?". Durante o período que ficou em Dresden, recusou a ajuda de um primo como guia, preferindo ir visitar sozinha a Pinacoteca dos mestres antigos. Ficou muito impressionada com o quadro "Madona Sistina", o qual ficou a observar por duas horas.

Freud (1905[1901]/2006), ao interpretar a primeira cena do sonho, enfatiza a posição masculina de Dora e aponta o fato dela ter se identificado com um rapaz, o qual, na realidade, corresponde ao engenheiro que está interessado por ela e que aceitou um trabalho na Alemanha. Acrescenta Freud: "Ele vagueia por terras estrangeiras, esforça-se por atingir uma meta, mas é retido, precisa de paciência, tem de esperar. Se Dora tinha em mente o engenheiro, seria muito condizente que essa meta fosse a posse de uma mulher, da própria pessoa dela" (FREUD, 1905 [1901]/2006, p. 95).

A equivalência entre a pergunta do sonho "onde fica a estação?" e a pergunta realizada na vida de vigília "onde está a caixa?" leva Freud (1905[1901]/2006) a estabelecer uma congruência de sentido entre a estação e a caixa, de forma que caixa é substituída por estação. Mais uma vez, o que está em jogo, para Freud, são os órgãos genitais femininos. No sonho, a carta escrita pela mãe anunciando a morte do pai, aparece no lugar da carta escrita por Dora, despedindo-se dos pais. Isto equivale ao desejo de vingança de Dora contra o pai e

o Sr. K. A frase “Você pode vir, se quiser” aparece na carta em que a Sra. K convida Dora para passear no lugar que fica próximo ao lago onde ocorre a tentativa de sedução. Isto leva Freud a estabelecer uma ligação entre o sonho e a cena do lago. Então, ele pede a Dora que relate novamente o que se passou e Dora diz que só lembra da seguinte frase: “Você sabe que minha mulher não é nada para mim”.

Para Freud (1905[1901]/2006, p. 114), o desejo recalcado que motiva esse sonho, desencadeando fantasias sexuais infantis e atuais, é uma “uma sede brutal de vingança” contra o pai e contra o Sr. K. No sonho, o pai já está morto, portanto, Dora está livre para amar quem quiser. Ela não perdoa as atitudes do Sr. K, primeiramente, ele negou o assédio e a acusou de ler livros imorais. Depois, não insistiu em continuar a conquistá-la.

Após duas sessões relatando e fazendo associações sobre esse sonho, Dora anuncia ao Dr. Freud que não continuará o tratamento: “o senhor sabe, Doutor, que hoje é a última vez que venho aqui? (FREUD, 1905[1901]/2006, p. 102)”. Freud (1905[1901]/2006, p.102), surpreso, responde: “Você sabe que pode interromper o tratamento quando quiser. Porém, hoje ainda vamos trabalhar”. Em seguida, pergunta quando esta decisão foi tomada e Dora responde que há quatorze dias. Freud (1905[1901]/2006) pontua que isso parece com o aviso prévio que é dado às governantas. Dando continuidade a esta sessão, Dora lembra da governanta da família K. Antes do acontecimento da cena do lago, a moça relatou a Dora que o Sr. K. tentou seduzi-la com o mesmo argumento que utilizou posteriormente com Dora: o de que sua esposa não era nada para ele. A governanta contou a Dora, ainda, que escreveu uma carta para os pais, revelando as investidas do Sr. K. e eles exigiram que ela deixasse o emprego imediatamente. Mas ela não os obedeceu e estes mandaram outra carta comunicando que ela nunca mais voltasse para casa de seus pais. Dora havia se identificado com a governanta, enfatiza Freud (1905[1901]/2006, p. 102):

No momento em que o sr. K usou as palavras ‘não tenho nada com minha mulher’, que ele também dissera à senhorita, novas emoções foram despertadas em você e fizeram pender a balança. Você disse a si mesma: ‘Como se atreva a me tratar como uma governanta, um serviçal?’.

Freud (1905[1901]/2006) aponta o fato de Dora só ter contado a seus pais sobre o assédio depois que a moça contou aos pais dela e pontua também o fato dela estar se despedindo dele como a uma governanta, com um aviso prévio de quatorze dias. Ele acrescenta, ainda, que a carta do sonho que permite com que Dora volte para casa é a contrapartida da carta dos pais da moça, em que ela é proibida de fazê-lo.

Para o autor, a governanta não contou para os pais de imediato, porque tinha a esperança do Sr. K. oferecer-lhe a ternura que ela esperava, assim como Dora não contou aos pais em seguida a ocorrência do fato, porque esperava que ele voltasse a investir na conquista e que com ela, seria diferente da governanta. Acrescenta Freud: “É que estou começando a suspeitar que você levou a questão com o sr. K muito mais a sério do que quis revelar até agora” (FREUD, 1905[1901]/2006, p.104). Ele acredita que Dora, por algum momento, achou que ele ia se separar da esposa para ficar com ela.

Dora ouviu Freud sem contradizê-lo como de costume, despediu-se de forma amável, com votos calorosos de um novo ano feliz. O pai dela ainda visitou Freud por algumas vezes e garantiu que ela retomaria o tratamento, embora Freud soubesse que isto não aconteceria. O que o pai de Dora realmente queria era que Freud a convencesse em desistir da ideia de pedir que o pai se afastasse da Sra. K.

Freud (1905[1901]/2006) diz que o Sr. K. poderia ter tido bem mais êxito, se não tivesse dado ouvidos ao primeiro não de Dora e tivesse insistido mais em sua proposta com uma paixão mais convincente. O resultado poderia ter sido como premiação os afetos da moça, mesmo com todas as suas dificuldades internas. O autor acredita que Dora estava apaixonada pelo Sr. K e que, na verdade, queria que ele continuasse investindo na conquista. Acrescenta Freud (1905[1901]/2006, p. 106):

A incapacidade para o atendimento de uma demanda amorosa real é um dos traços mais essenciais da neurose; os doentes são dominados pela oposição entre a realidade e a fantasia. Aquilo que mais anseiam em suas fantasias é justamente aquilo que fogem quando lhes é apresentado pela realidade, e com maior gosto se entregam as suas fantasias quando já não precisam temer a realização delas.

Em relação à transferência de Dora, alguns elementos são importantes para compreendermos a transferência na Histeria. A transferência, diz-nos Freud (1905[1901]/2006) é algo que não é criado pelo tratamento analítico, mas sim, revela-se através dele. As transferências ternas ou amistosas são evocadas em função da cura dos pacientes. Mas é necessário que, como em toda relação de amor, haja uma identificação com a figura do médico para que a transferência se estabeleça e o tratamento perdure. Foi a transferência que possibilitou a Freud (1905[1901]/2006) esclarecer particularidades do “*Caso Dora*”, principalmente no que diz respeito à sua interrupção prematura. Freud (1905[1901]/2006) enfatiza que, neste caso, não conseguiu ter domínio total da transferência.

Mesmo Dora colocando à sua disposição total material patogênico, houve uma parte, por ele, negligenciada:

Desde o início ficou claro que em sua fantasia eu substituía seu pai, o que era fácil de compreender em vista de nossa diferença de idade. Dora chegou até a me comparar com ele conscientemente, buscando, angustiada, assegurar-se de minha completa sinceridade para com ela, já que seu pai ‘preferia sempre o segredo e os rodeios tortuosos’. (FREUD, 1905[1901]/2006, p. 113).

Freud também aponta a transferência que ela fez da pessoa do Sr. K para ele, quando alertou abandonar o tratamento tal como antes abandonara a casa dos K. O analista de Dora acredita que algo nele fizera a paciente remeter-lhe ao Sr. K., mas lamenta por não ter percebido isto e por não ter atentado para esse fato obscuro da transferência. Dora vingou-se dele como queria se vingar do Sr. K. e abandonou o tratamento como abandonou o amado. Sendo assim, atuou uma parte de suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las e elaborá-las no tratamento.

No segundo sonho de Dora, a transferência é substituída por diversas alusões claras. Freud interpreta que:

As aspirações e a esfera no sonho, relacionadas com o rapaz na Alemanha e provenientes da espera de que o sr.K pudesse casar-se com ela, já se haviam expressado na transferência dias antes: o tratamento se prolongava muito e ela não tinha paciência de esperar tanto, muito embora, nas primeiras semanas, houvesse demonstrado discernimento suficiente para escutar, sem fazer tais objeções, meu anúncio de que seu pleno restabelecimento talvez requeresse um ano. (FREUD, 1905[1901]/2006, p.114).

O autor acrescenta, ainda, que a recusa a querer ir à galeria acompanhada, na vida de vigília manifesta-se também na vida onírica, quando também não quer ser acompanhada até à estação. Isto reflete o pensamento de Dora de que todos os homens são descartáveis e, por vingança, ela prefere não se casar.

Para Freud (1905[1901]/2006) é importante atentar-se quando, no tratamento, o paciente dirige moções de crueldade e vingança já usados em sua vida cotidiana para o analista com o objetivo de sustentar seus sintomas, antes mesmo que o analista tenha tempo de afastar tal transferência e reconduzi-las à sua origem. A maneira mais pertinente em que o paciente vinga-se de seu analista pela eficácia do tratamento é desligando-se do tratamento e apontando a impotência e incapacidade do médico. O que pode ser algo bem comum no tratamento das histéricas.

Podemos observar, neste caso, que Dora faz uma projeção do seu amor pelo pai para o Sr. K, tanto que o Sr. K, enquanto objeto de amor, era amado e repudiado, assim como seu pai. O conteúdo inconsciente incestuoso ligado ao desejo de Dora pelo Sr. K impedia que esta relação se concretizasse. O desejo inconsciente, que era repudiado pela consciência, se convertia em sintomas histéricos apresentados por Dora.

O primeiro sonho estabelece a ligação entre o amor infantil pelo pai e o amor pelo Sr. K. Isto também se apresenta na transferência de Dora com Freud, posto que ela atualiza no analista o seu desejo pelo Sr. K e se despede dele como a governanta se despediu do Sr. K. Ela identificou-se com a moça e colocou Freud no lugar do Sr. K.

A identificação de Dora com a governanta nos apresenta uma tendência das histéricas à identificação. Dora também se identificou com a Sra. K e isto se presentificou no sintoma da tosse, tendo como suporte a fantasia de que a cuidadora mantinha contato sexual oral com seu pai. A identificação com a governanta também era sustentada pela fantasia de casar-se com o Sr. K, o que fez com que ela atuasse na transferência com Freud, abandonando-o. Para Dor (1991), uma mulher histérica pode, por exemplo, identificar-se com outra mulher se ela pressupõe que a última conhece a resposta do enigma do desejo: como desejar quando se está privado daquilo que se tem direito? Aceitar não ter o falo é potencialmente poder identificar-se com aquela mulher que não o tem, mas que o deseja junto àquele que é suposto tê-lo. Neste caso, Freud nos chama atenção sublinhando que a histérica deseja, sobretudo, que seu desejo permaneça insatisfeito. Ou seja, para manter seu desejo, ela se esforça para jamais lhe oferecer um objeto que a satisfaça, a fim de que a insatisfação resultante deixe o desejo cada vez mais longe e ela possa se manter na aspiração rumo a um ideal de ser.

Segundo Dor (1991), a histérica se tortura à vontade em seus negócios amorosos. Ela não deixa de atualizar, com isso, os traços mais característicos da sua estrutura, que é justamente esta disposição do ponto de vista da economia do desejo, cuja constante permanece na sua estrutura.

Outro fato importante que o caso nos apresenta e que Freud salienta com ênfase é a inclinação de Dora pela Sra. K. Ou seja, o amor inconsciente pelo mesmo sexo. Para Dor (1991), essa é uma característica da histeria que merece ser examinada. A identificação com uma mulher que atormenta toda histérica se dá na medida em que esta evoca toda a questão da identidade feminina. Dora admirava e exaltava a beleza da Sra. K, que servia de espelho para que Dora reconhecesse a sua própria feminilidade. É nessa dimensão que surge qualquer homossexualidade histérica mais ligada ao processo de identificação que à dimensão da

escolha de objeto amoroso. Se a histérica tão facilmente se deixa subjugar por uma outra mulher investida como modelo, é porque esta última é suposta poder responder à questão crucial da histérica: o que é ser uma mulher? Nesse sentido, é justamente por causa dessa questão que a homossexualidade histérica não consiste, necessariamente, em eleger uma mulher como objeto de amor. Contrariamente, o que a histérica quer é operar como a referenciada mulher, pensar como ela, viver como ela e ter os mesmos homens que ela.

A escolha do parceiro amoroso é o que a histérica lançará como o objeto mais distante possível, o objeto deverá aderir ao seu ideal de perfeição. Nesse sentido, o desafio se torna algo essencial. Vamos lembrar o amor de Dora pelo Sr. K, um amor impossível, não só pela situação matrimonial do pretendido, mas porque, enquanto objeto de desejo, ele continha elementos que evocavam o amor incestuoso de Dora pelo pai. Quem sempre vai mais interessar à histérica é o parceiro impossível, não só por este conter elementos do pai imaginário, mas porque o que a histérica busca é o pai completo, um pai que nunca existiu. Ela quer que o parceiro preencha as ausências imaginárias do pai, que este seja mais forte, mais bonito e mais potente. Esses elementos permitem à histérica sempre ter, para com seu objeto de amor, uma relação de insatisfação.

4.3 O Homem dos ratos: amor, sintoma e fantasia na neurose obsessiva

Assim como o caso “Dora”, o caso “O homem dos ratos” também é um caso clássico apresentado por Freud para ilustrar e possibilitar a compreensão da Neurose Obsessiva. Nesse sentido, também daremos ênfase à apreensão do modo como se estabelecem as relações de amor no devido caso.

O paciente do caso em questão, relatado por Freud (1909/2006), era um homem, com formação universitária, que tinha a idade em torno de trinta anos e que afirmava sofrer de obsessões desde a infância, com intensidade agravada nos últimos quatro anos. Dentre seus principais sintomas relatados, estavam o medo de que algo pudesse acontecer com as duas pessoas que ele mais amava: seu pai e uma dama a quem ele admirava. Além disso, ele também afirma: “a existência de impulsos compulsivos, tais como, por exemplo, um impulso de cortar a garganta com uma lâmina; posteriormente, criou proibições, às vezes em conexão com coisas um tanto sem importância.” (FREUD, 1909/2006, p. 143).

O paciente relata a Freud que passou anos tentando se livrar dessas ideias, o que o levou a perder muito tempo em sua vida. Havia experimentado vários tratamentos, mas nenhum foi bem-sucedido, com exceção de uma temporada de hidroterapia em um sanatório

próximo, lugar onde se envolveu com alguém, o que o levava a manter relações sexuais regulares, acredita ele, que isso foi o que mais contribuiu para sua melhora. Sua vida sexual foi pobre, sentia repulsa por prostitutas e a masturbação tivera apenas um pequeno papel em sua vida sexual. Tivera uma potência sexual normal na adolescência, embora sua primeira relação sexual só tenha ocorrido aos vinte e seis anos.

Freud teve a impressão de que o paciente era uma pessoa de mente clara e sagaz. No dia seguinte ao tratamento estabeleceu com ele a regra fundamental para que este ocorresse: “dizer tudo que lhe viesse à cabeça, ainda que lhe fosse desagradável ou que lhe parecesse sem importância, irrelevante ou sem sentido” (FREUD, 1909/2006, p. 144).

O paciente começa seu relato dizendo que tinha um amigo que possuía uma opinião extraordinariamente elevada e que ele costumava procurá-lo sempre que estava atormentado por algum impulso criminoso e perguntar se ele, por isso, o desprezaria como se despreza a um criminoso. O amigo costumava dar-lhe apoio moral, assegurando-lhe que ele era um homem de conduta irrepreensível e que provavelmente tinha tido o hábito, a partir de sua juventude, de encarar obscuramente sua própria vida. Outro amigo, também exercera influência sobre ele. Este era um jovem estudante de dezenove anos e que contribuiu para elevação de sua autoestima a um grau estimativo, a ponto dele se sentir um gênio. Depois de um tempo, este amigo estudante tornou-se seu professor e começou a tratá-lo como a um idiota. Por fim, notou que o amigo estava interessado em uma de suas irmãs e compreendeu que o que ele queria mesmo era ter acesso a casa. Citou tal fato como tendo sido o primeiro grande golpe de sua vida.

O analisando continua seu relato dizendo que começou sua vida sexual muito cedo, com cinco anos de idade.

Tínhamos uma governanta, muito jovem e bonita, chamada Fraulein Peter. Certa noite, ela estava deitada no sofá, ligeiramente vestida, lendo. Eu estava deitado a seu lado e pedi-lhe para arrastar-me para debaixo de sua saia. Ela me disse que podia, desde que eu nada dissesse sobre isso a ninguém. Ela tinha muita pouca roupa por cima, e manipulei com os dedos seus genitais e a parte inferior de seu corpo, o que me chocou como algo muito extravagante (FREUD, 1909/2006, p. 145).

Ele segue seu relato dizendo que, depois disso, ficou com uma curiosidade ardente e atormentadora de ver o corpo feminino, disse que ficava excitado nos banhos com a governanta e com as irmãs. Mencionou se lembrar de tudo a partir dos seis anos de idade, inclusive de uma outra governanta. Esta tinha abcessos nas nádegas, os quais tinha o hábito de espremer à noite e ele mal podia esperar este momento, para apaziguar sua curiosidade. Ele

relatou à Freud que não dormia no quarto dela, mas na maioria das vezes, com seus pais. Relatou, ainda, uma cena em que estavam a governanta, a cozinheira, outra criada, ele e o irmão, dezoito meses mais novo que ele. “As jovens estavam conversando e eu, de repente, me tornei cômico do que Fraülein Lina dizia: ‘Poder-se-ia fazê-lo com o pequeno; mas Paul (era eu) é muito desajeitado, seguramente ele irá falhar’ (FREUD, 1909/2006, p. 145). Ele não entendia o que elas estavam querendo dizer, mas sentiu-se desconsiderado e começou a chorar. Lina o acalentou, ele não acreditou que ela teria feito nada de errado com ele, porém, assumiu que tinha muitas liberdades com ela. Costumava subir em sua cama, descobri-la e tocá-la sem que ela fizesse objeções.

Acrescenta que quando tinha seis anos já tinha ereções; chegou a queixar-se delas para a mãe e acreditava que havia alguma conexão entre suas ereções, suas ideias e indagações. Chegou a acreditar que seus pais conheciam seus pensamentos e achava que os revelava em voz alta, sem escutar-se ao fazê-lo. Encarou isso como o começo de sua doença. Enfatizou, ainda, que tinha muitas moças que o agradavam e ele tinha um forte desejo de vê-las despidas e, ao desejar isso, tinha um estranho sentimento como se algo fosse acontecer se ele pensasse em tais coisas, e como se devesse fazer todo tipo de coisas para evitá-lo. Um exemplo desses pensamentos seria o de que o pai deveria morrer. Esses pensamentos ocupavam sua cabeça desde a mais tenra idade e por um longo período o deixaram muito deprimido. Espantosamente, Freud (1909/2006) fica sabendo que o pai do paciente falecera há muitos anos.

Freud (1909/2006) não teve dúvidas de que se tratava de um caso de neurose obsessiva, cujo estudo poderia capacitar-lhe a compreender a complicada organização desta enfermidade. Para ele, a criança estava sob o domínio da pulsão sexual, do desejo de olhar (escopofilia) e atrelado a ele, o desejo intenso relacionado a pessoas do sexo feminino, ou seja, desejo de vê-las nuas. “Esse desejo corresponde a última ideia obsessiva ou compulsiva; e se a qualidade da compulsão ainda não estava presente no desejo, era porque o ego ainda não se havia posto em oposição a ele e ainda não o encarava como algo estranho a si próprio” (FREUD, 1909/2006, p. 147). Logo, uma oposição a esse desejo se constituía, de vez que sua ocorrência era de sempre acompanhada de um afeto aflitivo. Um conflito se estabelecia na mente do jovem libertino, paralelamente ao desejo obsessivo, e com ele intimamente associado, havia um medo obsessivo de que algo terrível acontecesse. De modo que o pensamento se organizava dessa forma:

Se tenho esse desejo de ver uma mulher despida, meu pai deverá fatalmente morrer.

O afeto aflitivo estava distantemente colorido com um matiz de estranheza e superstição, e já estava começando a gerar impulsos para fazer algo a fim de evitar o mal iminente. Esses impulsos deveriam, subsequentemente, desenvolver-se em medidas de proteção que o paciente adotava (FREUD, 1901/2006, p. 147).

Um pensamento próximo a um delírio se constrói com a ideia de que seus pais conheciam seus pensamentos: “Expresso em voz alta meus pensamentos, sem ouvi-los”. Com isso Freud (1909/2006 p.150) compreendia que ele tinha pensamentos sem nem compreender do que se tratava, na verdade tratava-se de algo que já fora reprimido. Logo, antes da idade dos seis anos, houve conflitos e repressões que foram atravessados pela amnésia, mas que deixaram como resquício esse medo obsessivo.

No relato das sessões seguintes, o paciente narra a experiência que o fez buscar Freud de imediato, embora seus pensamentos obsessivos o atormentassem há muito tempo. Ele mencionou que, quando servia o exército, partiu de uma cidade em marcha lenta e durante uma parada, perdera os óculos, deixando-os para trás, mesmo sabendo que poderia encontrá-los facilmente, pois não quisera atrasar a partida do grupo e pediu, por telegrama, que seu oculista lhe enviasse um novo par pelo correio. Nesta mesma parada, sentou-se entre dois oficiais, um deles era um capitão de nome tcheco, o qual ele tinha certo receio por saber que era adepto a crueldades. Julgava-o por ser um homem mau, pois defendia o uso de castigos corporais nos prisioneiros de guerra. Em uma conversa, o capitão lhe relatou sobre um castigo horrível que era aplicado no leste. Neste momento do relato, o paciente eufórico, levanta-se do divã e pede a Freud que lhe poupe de ter que contar os detalhes. Freud assegura-lhe não ter gosto por crueldade e que também não tinha o desejo de atormentá-lo, porém, “a superação das resistências era uma lei do tratamento, e de forma alguma poder-se-ia dispensá-la.”(FREUD, 1909/2006, p. 149). O paciente reinicia o relato intercalando entre o silêncio e o horror, deixando muitas lacunas e frases incompletas, tornando-se necessário que Freud o ajude a completar. “Não, isso não... o criminoso foi amarrado... expressou-se ele tão indistintamente, que nem pude adivinhar logo em qual situação - ‘um vaso foi virado sobre suas nádegas... alguns ratos foram colocados dentro dele... e eles...’ – de novo se levantou e mostrava um sinal de horror e resistência - ‘cavaram caminho no...’ – Em seu ânus, ajude-o a completar” (FREUD 1909/2006, p. 150).

Freud (1909/2006) percebe que durante a narrativa, a face do paciente assumia expressões estranhas e variadas e interpreta-as como uma “face de horror ao prazer todo seu do qual ele mesmo não estava ciente” (FREUD 1909/2006, p. 150). Continuando o relato, o homem afirma que naquele momento em que escutou a história, surgiu em sua mente a ideias

de que esta tortura estaria acontecendo com uma pessoa que lhe era muito cara. Não seria ele mesmo que estaria infligindo o castigo. Freud percebe que a pessoa castigada era a dama a quem ele admirava. O paciente também admitiu que uma segunda ideia lhe ocorrera, que esse castigo também pudesse ser aplicado em seu pai. Como seu pai já falecera, esse medo era mais absurdo que o primeiro, o que não permitia contar de imediato.

Continuando a narrativa, o paciente diz que, na mesma noite, o temeroso capitão entregou-lhe um pacote dizendo-lhe: “O tenente A. pagou pelas despesas para você. Você lhe deve reembolsar.” (FREUD 1909/2006, p.151). Neste momento, uma fantasia lhe ocorrera, caso ele não devolvesse o dinheiro, o castigo dos ratos aconteceria com o pai e a dama. “E imediatamente, conforme um tipo de procedimento que lhe era familiar, para combater essa sanção surgira uma ordem na forma de um juramento: ‘Você deve pagar de volta as 3.80 coroas ao tenente A’. Ele dissera essas palavras a si próprio em voz alta.” (FREUD 1909/2006, p. 151).

Na continuidade das sessões, “O Homem dos Ratos” decide contar a Freud sobre a última doença de seu pai, que morrera de enfisema há nove anos. Na noite da morte do pai, deitara-se por volta das 23h30min para descansar por uma hora e, ao despertar, soube por um amigo que seu pai havia falecido. Censurou-se por não estar presente na hora e isso se intensificou depois que a enfermeira lhe contara que seu pai havia chamado por seu nome uma vez nos últimos dias. Disse que, a princípio, essa censura não o atormentou e que por muito tempo não conseguiu assimilar o fato de que o pai havia morrido. Somente dezoito meses após a morte do pai é que sua negligência começou a atormentá-lo, fazendo com que se sentisse como um criminoso. Isto se agravou com a morte de uma tia, seus sintomas se intensificaram e o incapacitaram para o trabalho. A única coisa que o estimulava a seguir a diante era seu amigo que sempre dizia que suas autocensuras eram exageradas. Com esse relato, Freud (1909/2006) faz uma importante interpretação sobre o sentimento de culpa na neurose obsessiva:

Quando, assim iniciei, existe uma *mésalliance* (falsa conexão) entre um afeto e seu conteúdo ideativo (neste exemplo, entre a intensidade da autocensura e a oportunidade para ela manifestar-se), um leigo irá dizer que o afeto é demasiadamente grande para a ocasião- que isso é exagerado- e que conseqüentemente, a inferência originária da autocensura (a inferência de que um paciente é criminoso) é falsa. Pelo contrário, o médico analista diz: ‘Não. O afeto se justifica. O sentimento de culpa não está, em si, aberto a novas críticas. Mas pertence a algum outro contexto, o qual é desconhecido (inconsciente), e que exige ser buscado’ (FREUD,1909/2006, p.157).

Em outra sessão afirmou que aos doze anos, tinha gostado de uma menina, irmã

de um amigo seu, mas não fora um amor sensual, nem quisera vê-la nua, porque ela era muito pequena, mas também nunca demonstrara sua afeição como havia desejado. Em consequência, surgiu-lhe a ideia de que ela seria amável com ele se alguma desgraça lhe acontecesse e, como exemplo, a morte de seu pai forçou-se em sua mente. Imediatamente ele rejeitara a ideia com energia e mesmo agora não podia admitir a possibilidade que aquilo que se originara desse modo poderia ser um desejo. Freud aponta o fato dele repudiar a ideia com tanta força, logo só poderia ser um desejo. O paciente reconhece que não foi a primeira ocorrência da ideia de morte do pai.

Em seguida, ele relata outro pensamento exatamente idêntico que lhe ocorrera seis meses antes da morte do seu pai, nesta época, ele já namorava a dama mencionada, mas encontrava-se financeiramente impossibilitado de pensar em casar-se com ela. Então, ocorreu-lhe a ideia de que se o pai morresse, ele poderia tornar-se rico e casar-se com ela. Na tentativa de defender-se dessa ideia, desejava que seu pai não lhe deixasse nada, para não ter nenhum tipo de compensação com sua perda.

Ocorreu-lhe pela terceira vez, porém de forma mais amena, no dia anterior à morte de seu pai, quando pensou: “Agora posso estar perdendo o que mais amo” (FREUD, 1909/2006 p.106.); e depois viera a contradição: ‘Não, existe alguém mais, cuja perda será bem mais penosa para você” (FREUD/2006, p.160). E Freud responde que exatamente um amor assim intenso era a pré-condição necessária do ódio reprimido. Foi precisamente a intensidade do amor e do ódio por seu pai que não permitiu que o seu ódio permanecesse consciente. Freud (1909/2006) presume que esse ódio ainda fluía de alguma fonte e estaria relacionado com uma causa particular, tornando-o indestrutível. Alguma conexão devia estar mantendo seu ódio vivo pelo pai ao mesmo tempo em que seu intenso amor o impedia de torna-lo consciente, restando-lhe existir no inconsciente, mesmo sendo, vez ou outra, capaz de irradiar-se alguns instantes para dentro da consciência.

Em relação à dama, sentia que a amava muito, mas jamais sentira realmente desejos sensuais por ela, como aqueles que tivera na infância; além disso, afirma que, na infância, seus desejos sensuais lhe pareciam mais intensos que na sua puberdade. Estava ciente de ter sentido impulsos vingativos voltados à dama que tanto admirava por saber que não era amado por ela. Afirma que, ao se dar conta disso, formulara uma meta em seu consciente: ficaria muito rico e casaria com outra e então visitariam a dama a fim de ferir os sentimentos dela. Porém, viu-se obrigado a confessar que já imaginava sua esposa lhe sendo indiferente, ficando confuso e fazendo emergir a ideia de que essa outra mulher deveria morrer. Diz-se horrorizado por sua covardia e Freud lhe mostra que a responsabilidade moral

não podia ser aplicada a crianças e que esses impulsos reprováveis eram oriundos de sua infância, derivavam de seu caráter infantil e sobreviviam em seu inconsciente.

Um ponto importante a ser descrito em nosso estudo é a existência sentimentos ambíguos do paciente de Freud em relação à mulher amada. Ele relata que perdeu algumas semanas de estudo devido à ausência de sua dama, que havia partido para cuidar de sua avó enferma. Em meio a uma tarde de trabalho, ocorreu-lhe a ideia de que se recebesse uma ordem, teria que a cumprir prontamente, mas não tinha certeza se conseguiria cumprir a ordem de cortar sua própria garganta. E ao se dirigir para a lâmina, pesou: “Não, não é tão simples assim. Você tem que sair e matar a velha. Logo após, caíra no chão, com horror” (FREUD (1909/2006, p. 166). Freud revela em sua interpretação que com a ausência da dama, o paciente se preparava para um exame na tentativa de unir-se com ela e, enquanto trabalhava, ficava atormentado por sua ausência, sendo acometido por uma espécie de aversão à avó da moça. E em sua mente surgiu, então, a seguinte expressão: “Como eu gostaria de sair e matar aquela velha por haver-me roubado meu amor!” (FREUD (1909/2006, p. 166). A isto, seguiu-se a ordem de matar-se, como punições por essas paixões selvagens e assassinas e essas ideias introduziram-se na consciência do paciente que, em ordem inversa, vê-se às voltas com um violento afeto de punição seguido de culpa.

Em outro momento, tentou fazer a dama colocar na cabeça seu gorro, devido a um forte vento que os surpreendera durante um passeio de barco, achando que estava protegendo-a e não permitindo que nada de mau lhe acontecesse. Durante um passeio, teve que afastar uma pedra da estrada pela qual sua dama passaria, pois a carruagem poderia bater na pedra, ocasionando um acidente. Obrigou-se pouco depois a voltar e colocar a pedra no mesmo lugar da estrada por medo, de que, caso a dama percebesse a pedra fora do lugar, pensasse que ele gostaria que ela se machucasse e morresse. Em busca de interpretar sua obsessão por proteger, Freud (1909/2006) revela nesse ato, uma expressão de remorso e penitência a um impulso contrário, hostil, em relação à sua dama e, com isto, compreende que há no paciente um impulso hostil e uma raiva irracional direcionados à dama. O autor evidencia a questão da dúvida em seu paciente e na neurose obsessiva, o que no presente caso, compreende-se como a dúvida do amor da dama por ele. O ato de tirar e colocar a pedra é compreendido por Freud como um conflito representado por impulsos opostos e de forças praticamente iguais, o que o autor acredita tratar-se de uma oposição entre amor e ódio. Ele salienta o fato dos atos compulsivos revelarem tendências opostas a serem satisfeitas na mente obsessiva, o que diferentemente acontece na histeria, onde as tendências opostas se conciliam e se satisfazem simultaneamente. O processo de ritual obsessivo é metonímico, governado pelo mecanismo

do deslocamento da energia psíquica.

Em relação à transferência, o paciente relatou ter sonhado com a morte da mãe de Freud e ansiava por prestar-lhe condolências, mas com receio de que ao fazê-lo, fosse acometido por uma risada inoportuna, como já lhe acontecera anteriormente em situações semelhantes. Preferira deixar um cartão, “[...] onde se lia ‘p.c’; mas ao escrevê-lo as letras mudaram para ‘p.f’” (FREUD, 1909/2006, p. 170). Em nota de rodapé, Freud esclarece que se trata das expressões “pour condoler” e “pour féliciter” respectivamente. O sonho esclarece o riso compulsivo que tantas vezes ocorrem em situações fúnebres e que é encarado como um fenômeno enigmático típico. Para o autor, os sentimentos de amor e ódio também se apresentavam na transferência. Ainda sobre a transferência, Freud (1909/2006) interpreta o sonho que o paciente teve com sua filha, em que ela tinha dois pedaços de estrume em lugar dos olhos, o que era nítido para Freud (1909/2006) que, no sonho, ele se casara com sua filha, não por causa de seus belos olhos, mas sim por dinheiro, como fez seu pai, ao escolher casar-se com sua mãe. A família da mãe tinha posses, o pai era apaixonado por uma moça pobre, mas escolheu a mãe do “Homem dos Ratos” por dinheiro.

Esse conflito se apresentou também para o paciente, optar entre casar-se com a dama que amava ou com uma moça rica como fizera seu pai. O conflito nas raízes de sua doença residia na persistente luta entre a influência dos desejos do pai e sua inclinação amorosa, uma luta antiga, dos tempos de sua infância. Fruto deste conflito, inúmeras vezes, criava fantasias de vingança contra a dama e se sentia envergonhado por isso. “admitiu que por vezes era acometido por impulsos bem nítidos de causar algum agravo à dama a quem admirava. Esses impulsos, em sua maior parte, ficavam temporariamente inativos em presença da dama, e somente apareciam em sua ausência” (FREUD, 1909/2006, p.171). Por causa desse conflito em relação à escolha da moça para casar, ficava em dúvida entre decidir em persistir por seu amor à dama ou se respondia às influências do pai, optando pela moça rica. Fruto deste conflito, ele caiu doente para não ter que escolher ou tomar essa decisão.

Ainda sobre a transferência, restou ao paciente ser capaz de convencer-se de que sua relação com o pai realmente carecia da postulação desse complemento inconsciente. Para Pinto (2015, p. 134),

[...] uma série de impropérios contra Freud e sua família emergem nos sonhos do paciente, mesmo suas ações tendo permanecido no mais profundo respeito, deixando-o em desespero ao narrar os insultos durante as sessões e indignava-se pelo fato de Freud aceitar que lhe repetisse as ofensas e o deixasse ofendê-lo, inclusive levantando-se do divã enquanto falava.

Para Freud (1909/2006), o conflito nas raízes da doença era, em essência, uma luta entre a persistente influência dos desejos de seu pai e suas próprias inclinações amorosas. Uma luta que se originara na infância do paciente. O autor salienta que em relação aos pensamentos de desejo de morte do pai, esses eram correlatos a ideia de despertar a simpatia da dama para que ela se compadecesse de sua dor e fosse mais amável com ele.

Sua hesitação entre a dama a quem amava e a outra jovem pode ser reduzida a um conflito entre a influência de seu pai e o amor que sentia pela sua dama, em outras palavras, a uma escolha conflitiva entre seu pai e seu objeto sexual, tal como já havia subsistido (-se a partir de suas recordações e ideias obsessivas) em sua remota infância. Ele fora, em toda a sua vida, vítima de um conflito entre amor e ódio, tanto em relação a sua dama como em relação a seu pai (FREUD, 1909/2006, p. 205).

É isso que se manifesta em suas fantasias de vingança e na sua atitude perante a dama que consistia numa combinação de ternura e hostilidade.

Freud (1909/2006) ressalta que os conflitos de sentimentos em seu paciente estavam coligados em pares: “Seu ódio pela dama estava inevitavelmente ligado a seu afeiçoamento pelo pai, e, de modo inverso, seu ódio pelo pai com seu afeiçoamento à dama” (FREUD, 1909/2006 p. 206). Para o autor, o conflito entre amor e ódio nos causa estranheza, mas, segundo ele, o amor incipiente é percebido como o próprio ódio, e se a satisfação em relação ao amor for negada, ele é facilmente transformado em ódio. “os poetas nos dizem que nos mais tempestuosos estádios do amor os dois sentimentos opostos podem subsistir lado a lado, por algum tempo, ainda que em rivalidade recíproca”. (FREUD, 1909/2006, p. 206). Mas a coexistência entre amor e ódio, ambos dirigidos a mesma pessoa, com a mesma intensidade, não podem deixar de assombrar-nos. Seria esperado que o amor apaixonado tivesse, há muito tempo atrás, conquistado o ódio, ou por ele, sido absorvido. No caso, “o amor não conseguiu extinguir o ódio, apenas reprimi-lo no inconsciente; e no inconsciente o ódio, protegido do perigo de ser destruído pelas operações conscientes, é capaz de persistir e, até mesmo, de crescer.” (FREUD, 1909/2006, p. 207). Em tais circunstâncias, o amor consciente alcança, via de regra, mediante uma reação, um sobremodo grau de intensidade, de maneira a ficar suficientemente forte para a terna tarefa de manter sob repressão o seu oponente.

Freud (1909/2006) conclui que a relação entre amor e ódio, tal como ocorre no Homem dos Ratos, conta-se entre as características mais frequentes e provavelmente mais importantes da neurose obsessiva. Mesmo considerando que toda neurose contém pulsões reprimidas por trás dos sintomas. Assim, “o ódio, sobretudo, conservando-se suprimido no

inconsciente por ação do amor, desempenha um grande papel na patogênese da histeria e da paranoia” (FREUD, 1909/2006, p. 207). Em se tratando da neurose obsessiva,

[...] se um amor intenso se opõe um ódio de força equivalente e que esteja, inseparavelmente, vinculado a ele, as consequências imediatas são certamente uma paralisia parcial da vontade e uma incapacidade e de se chegar a uma decisão a respeito de qualquer uma das ações para as quais o amor deve cumprir a força motivadora (FREUD, 1909/2006, p. 208).

O resultado deste duelo é a dominação da compulsão e da dúvida, que ocorre na vida dos neuróticos obsessivos. Salienta Freud (1909/2006), que a dúvida é na verdade, uma dúvida de seu próprio amor, o amor que deveria ser a maior certeza na mente como um todo, desloca-se para aquilo que é mais insignificante e sem valor. “Um homem que duvida de seu próprio amor permite-se, ou, antes, tem de duvidar de alguma coisa de menor valor” (FREUD, 1909/2006, p. 209).

Neste caso, não aparece no relato de Freud, como no caso “*Dora*”, que, durante todo o relato do caso, torna-se evidente o amor da jovem por seu pai. No relato de Freud sobre o caso “*Homem dos Ratos*”, pouco se percebe referência à figura materna de seu paciente. Para Dor (1991), enquanto a histérica manifesta uma insatisfação relacionada à figura materna, o obsessivo se sente amado demais pela mãe, isto também reflete em sua relação ambígua com o pai, já que este se apresenta como um rival em relação ao alvo do desejo materno. De fato, o obsessivo se manifesta como um objeto privilegiado do desejo materno, ou seja, privilegiado de seu investimento fálico. Como já enfatizamos, isto não aparece de forma literal no caso “*Homem dos Ratos*”, mas podemos deduzir seu lugar privilegiado junto ao desejo materno, visto que seu pai, ao se casar com sua mãe por interesse financeiro, não lhe devotava a atenção e o devido investimento de um companheiro. A mãe, por sua vez, investe, falicamente, em seu filho, fazendo-o alvo de seu desejo e promovendo os sentimentos de amor e de ódio do filho em relação ao pai.

Todo esse conflito se reproduz das relações amorosas do obsessivo, como aparece na relação do “*Homem dos Ratos*” com a dama. A dúvida permanente do paciente de Freud ilustra, sobretudo, sua atitude de fuga diante de seu desejo, uma vez que o atualiza, repetidamente, na figura da dama, o objeto interdito. A possibilidade de perda do objeto remete o obsessivo à castração, daí sua incapacidade de lidar com a perda e sua necessidade de tudo controlar e dominar para que não haja, ao outro, a possibilidade de lhe escapar. Dado que a perda de alguma coisa do objeto o remete à castração, isso promove uma falha em sua

imagem narcísica. Inversamente, ultrapassar a castração é sempre tentar conquistar e manter um status fálico junto à mãe, assim como, junto a qualquer mulher.

Todavia, dado que a lei paterna permanece onipresente junto ao desejo do obsessivo, a culpa se apresenta como algo irremediável. Então, a ambivalência passa a ser alimentada pela nostalgia fálica e é a perda implicada na castração que inscreve o obsessivo nessa posição estruturalmente específica em relação ao pai. Logo, a oposição arcaica entre o amor e o ódio para com o objeto de investimento é fruto desse conflito entre escapar do desejo ou anulá-lo. O ódio tenta anular o componente do amor investido nos objetos amorosos, o que é evidenciado nos momentos em que o “*Homem dos Ratos*” tenta matar sua amada.

4.4 Fantasia, neurose e amor

Para Pommier (1992), de acordo com a teoria freudiana, toda realidade é tecida com uma certa relação com a fantasia. Esta relação não é de adequação ou de interdependência, ela organiza a realidade, quer se fixe no sintoma, ou se desdobre em ação, ação esta que pode suceder ao desprendimento do sintoma. Jorge (2010) nos diz que a fantasia opõe duas realidades diversas. Ela implica a existência de uma abertura na relação do sujeito com o mundo externo que vem a ser preenchida por representações singulares que se repetem insistentemente, de modo a lhe oferecer alguma homeostase psíquica. Pommier (1992) afirma que se a fantasia se revela no trabalho analítico, não podemos colocá-la no mesmo lugar inconsciente que habita o conteúdo recalçado constituinte do sintoma. A fantasia escapa à consciência, mesmo sem estar recalçada e, muitas vezes, não consegue ser representada pelas palavras. Ela escapa aos significantes e muitas vezes resulta de um entrelaçamento entre eles, embora nenhum deles seja capaz de apreendê-la, uma vez que são necessários três termos do complexo de Édipo para que ela se apresente para além deles. A fantasia não é literal, não pode ser decifrada como um sonho. Ela se constrói na medida em que o seu valor de verdade pode ser autenticado pelo analista, corresponde ao que o analista deve saber. Não é um saber oculto no discurso do analisando e suas associações de pensamento nunca serão ditas. Ela é um ponto enigmático, não faz parte da história, ainda que se organize inteiramente. Apresenta-se nas atividades cotidianas, cristaliza-se no sintoma, onde fica à espera do deciframento. Sua função é procurar o gozo perdido com o recalçamento, é mostrar um gozo que não chega a se realizar e que não poderia se representar por outras vias imaginárias, ou seja, responde por um impossível. “A fantasia sutura o impossível do gozo; ocupa e obtura o espaço que separa o sujeito dele mesmo e representa as condições de sua

plenitude” (POMMIER, 1992, p. 82). Sua perspectiva de plenitude é alcançar o Um, de se fundar no todo.

A fantasia faz parte da estrutura de todas as neuroses, mas se apresenta de forma diferente na Neurose Obsessiva e na Histeria. Inicialmente foram definidas por Freud (1896/1996) como fantasia de sedução para a histeria e fantasia da cena primária para a neurose obsessiva. Segundo Pommier (1992, p. 96),

[...] há uma diferença entre a fantasia originária (uma criança é espancada) e as fantasias fundamentais (cena primária e cena de sedução) e esta diferença tem muita importância na clínica porque não há nada para ser interpretado quanto a primeira: ela é encontrada universalmente e falar a seu respeito, é falar de um masoquismo erógeno que não traz qualquer informação suplementar. Uma vez que o desejo se instale nessa fantasia originária, o sujeito saberá que toda desgraça que lhe ocorrer, quer seja próxima ou distante, será utilizada para satisfazer as exigências desta fantasia.

O sofrimento, assim, toma um ponto de origem sólido, no qual todo ser falante se reconhecerá e nada nunca aliviará a parte fantasística desse sofrimento, porque este fornece a prova de ter existido e é a lembrança de um trauma que fora signo do amor.

Com relação às fantasias fundamentais, cena primária e cena de sedução, elas formalizam a estrutura e é importante mostrar que tem uma função idêntica face ao falo. Esta relação única como falo permitirá distinguir as fantasias fundamentais da histérica e do obsessivo. A expressão fantasia de sedução carrega uma ambiguidade, pois trata tanto de seduzir como de ser seduzido; nos dois casos a sedução traz consigo a noção de passividade. Com relação à fantasia da cena primária, consiste em ter visto ou ver, ou ainda procurar ver ativamente uma relação sexual. Ambas implicam uma relação com o falo no sentido de que: a sedução corresponde ao momento em que a mulher encarna passivamente o falo; a visualização da cena primária corresponde ao momento em que o olhar constitui a copulação do casal, aquele que olha é aquele que une, quer dizer, o falo. É deste modo passivo ou ativo que o falo emoldura a fantasia histérica e a fantasia do obsessivo.

Se a fantasia é uma alternativa para o sujeito ceder ao gozo é porque, como já visto, ele remete ao complexo de Édipo. O gozo se esquia porque o primeiro objeto de amor é a mãe, que parece dirigir seu desejo ao pai e por isso, a fantasia de assassinato ao pai ganha um lugar central. A partir disso, algumas distinções são feitas entre a fantasia do histérico e a fantasia do obsessivo. Suprimir o pai é um momento que permite ilustrar as vias ativas ou passivas, como ponto de reversão da cena primária e da cena de sedução.

Assim ocorre quando a histérica investe na sedução e se engaja passivamente

numa relação em que se oferece como objeto desejável, o resultado de sua oferta será o assassinato de um pai. Pommier (1991) afirma que sua beleza e seu charme exercem poder sobre a universalidade dos homens, totalidade a qual, seu pai também está incluído. Em meio a sua cegueira histérica, todo homem está investido de um traço paterno em potencial. Principalmente se esse homem, imbuído de sua virilidade, comportar-se como um protetor. Se esse pai a deseja, ele perde sua dignidade e sua função de interditar o incesto, aparece então a dimensão trágica da sedução. Desviando o caminho do assassinato ao pai, a sedução reside no incesto. Por isso é suficiente provocar o desejo e permanecer no campo de um desejo insatisfeito para que já se esteja no campo do gozo. “Seduzir e se esquivar realiza um gozo incestuoso graças a um roteiro reduzido que um único olhar permite pôr em cena” (Pommier 1991, p. 102). Basta que o objeto de amor configure um traço paterno que uma fantasia pode associar-se a um sintoma e colocar a paciente em muitas desventuras em relação ao objeto amado.

No obsessivo, essa representação do assassinato do pai ocorre também na vida amorosa, principalmente quando uma mulher passa a ser desejada a partir do momento em que ela diz não. À medida que se esquiva, ela carrega um signo da interdição, um signo do pai. Se for possuída, o desejo do obsessivo por ela decresce. Daí porque o obsessivo aloja facilmente seu desejo entre duas mulheres que representarão para ele a mãe e a puta. Então o desejo oscila entre duas pessoas: quando uma é escolhida, a outra é desejada e ainda atrapalha a relação com a primeira. Ela tem a função de interditar o gozo e representar com isso, o traço do pai. Sendo assim, a fantasia obsessiva persegue sem fim uma representação do pai.

Jorge (2010, p. 82) nos explica a relação da fantasia com o amor. Para o autor, “a fantasia é a articulação entre o inconsciente e a pulsão” e ela é situada entre dois pólos (S barrado pulsão de a). No polo do sujeito está o inconsciente e do lado do objeto a está o pólo pulsional. Do lado do inconsciente, temos o sujeito que é constituído pela linguagem, pelo significante e no polo da pulsão, temos a inscrição do gozo que anteriormente se constituía como um gozo absoluto, mas que através da fantasia se constituiu como gozo fálico, ou seja, gozo submetido à linguagem, à regência do falo. Em outras palavras, o inconsciente é o polo do simbólico, e o polo pulsional é o real da fantasia.

O amor está no polo do sujeito, do inconsciente, do simbólico. E como já dito, no polo da pulsão, do real, está o gozo. Jorge (2010, p.83) faz a Lacan (1982, p.85-86) no seminário 20 no qual ele diz que “o amor visa o ser”, o ser em todas as suas atribuições subjetivas. Porém em relação ao gozo, o sujeito nada pode fazer, embora seu signo seja responsável por provocar o desejo. E aí reside a grande diferença entre o amor e o gozo, no

amor há produção de sentido oposta à falta de sentido inerente ao gozo. Esses conceitos lacanianos não foram abordados em nosso trabalho, mas precisamos utilizá-los neste momento para compreendermos também o conceito de amor. Para Jorge (2010, p. 82) “[...] a fantasia é, em essência, uma fantasia do desejo de completude construída em torno desses dois polos”. A função da fantasia de amor é dar sentido ao sem sentido, ao impossível. O outro, parceiro sexual escolhido, se apresenta como causa do desejo.

Então para Jorge (2010, p. 84) “Na neurose, a fantasia de completude é, em essência, fantasia de completude amorosa”. O que o neurótico quer é resgatar a completude perdida pelo viés do amor; por isso, para ele o amor tem tanto valor, o amor dar sentido a vida. A questão é que, muitas vezes, opõe-se o amor e gozo, opõem-se pulsão e desejo. Como vimos em Freud (1912/2006a), há dificuldade do neurótico por um lado em confluir num mesmo objeto a corrente da ternura e a corrente erótica e por outro lado, vimos também o quanto é complexo para o sujeito direcionar amor e pulsão sensual a um mesmo objeto. O quão isso aciona fatores edípicos recalcados que vão confrontar-se com o princípio de realidade e o quão vulnerável o sujeito também se torna frente a um objeto que detém amplamente os seus investimentos. Se ele o perde, perde muito, perde o objeto de amor e o objeto da pulsão, que embora seja variável, também tem o poder de fixar-se em um objeto e só conseguir obter prazer através deste.

Daí a compreensão da fantasia que nos ajuda a refletir sobre a fixação em um objeto de amor que não mais corresponde aos ideais do ser; ideais almejados pelo o ideal do eu e que, ainda assim, o sujeito não consegue se desvencilhar. Esta fixação no objeto, a qual o sujeito, muitas vezes, não consegue nem explicar, pode estar relacionada à pulsão, ao gozo que está vinculado às figuras edípicas. A análise pode possibilitar ao sujeito atravessar essa fantasia e dar outro destino para essa pulsão, seja através da eleição de outro objeto, seja pela via da sublimação. O gozo relacionado ao sofrimento por amor não é um conceito desenvolvido neste trabalho por limitações impostas pelo tempo, mas será objeto de estudo de pesquisas futuras. Neste momento, enfatizamos o aspecto pulsional da fixação no objeto, levando em consideração que a pulsão se apresenta como aquilo o que o sujeito não consegue nomear, inclusive pelo caráter repetitivo da sua atuação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos, de modo geral, no capítulo I, a equivalência entre os termos amor e libido nos primórdios da obra de Freud como, também, no que ele chama de primeira tópica. Porém, desde muito cedo, o autor também já utiliza o termo ternura ao se referir ao amor. Retomemos ao caso “*Elizabeth Von R*”, em que Freud (1895/2006, 130) se referia ao sentimento dela pelo cunhado, nomeando-o por ternura: “essa paciente sentia pelo cunhado uma ternura cuja aceitação na consciência era resistente”.

Nos “*Três Ensaios*”, Freud (1905/2006) fala da necessidade sexual do ser humano, como um atributo da pulsão sexual, e faz uma importante equiparação entre fome e pulsão sexual, sendo esta o que ele chama de libido e sendo a pulsão de nutrição ligada à fome. Se o amor está relacionado à libido e esta é equiparada à fome, Freud (1905/2006) nos apresenta a complexidade do amor para os seres humanos. Nenhum ser humano alimenta-se de um único tipo de alimento para saciar sua fome. Há necessidade de uma enorme variação, tanto pela variabilidade de nutrientes, quanto pelo prazer atribuído ao paladar. Ele diz, nesse mesmo texto, que “o objeto da pulsão é variável” (FREUD, 1905/2006, p.140). Logo, se o objeto da pulsão alimentar é variável, o objeto da pulsão sexual também é. Temos, com isto, uma questão relevante a ser pensada a respeito do amor. Tem algo da pulsão que faz com que Elizabeth se apaixone pelo cunhado, mesmo não devendo, por este ser o marido da irmã. Logo, o objeto da pulsão não sofre censura e quem o avalia, enquanto possibilidade ou não, é o Eu, bem como foi visto, no decorrer do trabalho, que a moral sexual, submetida à civilização moderna, nos apresenta, como ideal do amor, a eleição de um único objeto, que pode ir de encontro ao percurso da pulsão.

Ainda nos “*Três Ensaios*”, Freud (1905/1996, p.142) nos diz que o que liga dois seres é de “natureza inapreensível”, parte constitucional e acidental. Logo, ninguém nunca vai conseguir dizer o que o nos faz desejar ou se apaixonar pelo outro. O sujeito pode até supor que exista algo de muito especial no objeto desejado, mas nunca poderá afirmar categoricamente. Ele acrescenta ainda que, quando o objeto é supervalorizado, ele abrange todo o campo psíquico e isto manifesta-se como uma cegueira. Daí, temos um famoso dito popular: “O amor é cego”. Continuando nos “*Três Ensaios*”, Freud (1905/1996, p.142) nos diz algo muito belo: “a submissão total ao objeto está relacionada à credulidade do amor que não restringe a satisfação no ato sexual ao mero encontro de genitais, mas sim ao corpo todo”. E aí compreendemos que há uma

significativa diferença no ato sexual com e sem amor. Como aponta o autor, há uma satisfação no ato sexual com amor, que é sentida pelo corpo todo. Temos, então, uma satisfação que está para além do ato em si, o que nos leva a pensar numa realização proporcionada pelo ato sexual, no qual as partes envolvidas compartilham amor. Esse componente terno do amor ainda aparece nos *“Três Ensaios”*, quando ele diz que o investimento do afeto da criança nos pais promove uma dessexualização. Portanto, esta via terna do amor se constitui bem primitivamente e é decorrente da corrente erótica e libidinal, mas desviada em sua satisfação.

A via pulsional, que visa à satisfação sexual, tem um custo para os neuróticos. Esse aspecto pulsional do amor, ou seja, a libido, é pontuado por Freud (1908/2006) em *“Moral sexual civilizada”*. Ele ratifica o quanto se é cobrado sacrifícios e o quanto se tem prejuízos pela restrição da vida sexual, imposta pela civilização. Inclusive, a moral sexual impõe restrições também ao casamento, o que contribui para o fracasso deste. Freud considera que há uma flexibilização da Moral sexual em relação ao homem, visto que a sociedade encara com uma certa naturalidade às relações paralelas vivenciadas por ele, desde os primórdios. Já para a mulher, a via de escape ao descontentamento sexual é a neurose.

Em *“Leonardo da Vinci”*, Freud (1910/2006b) nos diz que o amor se apresenta para duas pessoas de forma impulsiva, movido por emoções que nada tem a ver com o conhecimento e cuja ação poderá ser amortecida pela reflexão ou pela observação. Ele reafirma, mais uma vez, que o amor é o que há de mais enigmático na vida: as pessoas se apaixonam independente de se conhecerem profundamente. O conhecimento pode acentuar ou atenuar o sentimento. E já neste trabalho o autor apresenta a sublimação como um dos caminhos para a pulsão e para o amor em sua face erótica. Ele afirma que a paixão é a força motora para qualquer atividade humana, independentemente da finalidade sexual desta atividade.

Toda essa teorização de Freud sobre o amor vai ser mais bem desenvolvida e organizada nos textos intitulados *“Contribuições à Psicologia do Amor”* (1910/2006c). Neles, o autor enfatiza o quanto o amor é complexo para os seres humanos e o quanto abrir mão do amor materno tem um custo para o neurótico. Ele considera como é possível perceber que o amor é formado pela união de duas correntes: a afetiva e a sensual. A combinação entre elas assegura um comportamento amoroso normal, assim como a falha nesta combinação produz o sintoma patológico. A corrente afetiva é a mais arcaica, provém do amor pelos pais e é ela que se mantém afastada nos

neuróticos com impotência psíquica. Compreendemos que, para os homens o amor ainda se apresenta de um modo mais complexo do que para as mulheres, visto que o primeiro objeto de amor é a mãe. Este objeto também foi investido pela via erótica, que se tornou inconsciente. Assim, é possível que fique um certo impedimento na psique no homem: não se pode amar e desejar sexualmente o mesmo objeto. Resultante disto, as correntes se separam, gerando os sintomas tão bem apresentados por Freud e presentes na clínica psicanalítica, ainda na atualidade. E tanto nestes textos como nos textos sobre a transferência, Freud nos mostra que toda capacidade e todo o modo como os neuróticos amam é proveniente desta relação edípica: “o amor que se apresenta na transferência vem investido pelas fantasias e desejos edípicos”. Freud (1915[1914]/2006). É por isso que sua realização deve ser da ordem do impossível. A função do amor de transferência é permitir que os aspectos inconscientes, manifestados nos sintomas, sejam trabalhados.

O amor ocupa um espaço tão relevante na leitura de Freud que ele diz: “o amor sexual, referindo-se ao amor entre dois seres que visam à união sexual, é indubitavelmente uma das principais coisas da vida, e a união da satisfação mental e física no gozo do amor constitui um dos pontos culminantes”. Para ele, a felicidade no amor é equivalente ao estado originário em que não há como diferenciar a libido objetal da libido do eu. O amor promove um sentimento de plenitude, porque a satisfação com o objeto, através da pulsão, promove o retorno da libido ao Eu pela reciprocidade do objeto amado. Há uma suposição de que o objeto amado possua uma parte perdida de nós mesmos. Ou seja, qualidades que nunca teremos. Por isso, a não reciprocidade do objeto amado é causa de intensa dor para o ego e é como se abrisse uma ferida no narcisismo. Foi isto que motivou a nossa pesquisa. Queríamos compreender o que levava a libido a ficar presa ao objeto, que não responde aos anseios do amante, fazendo com que, conseqüentemente, a libido não retorne para ele. Freud (1915/2006) até enfatiza que a não resposta do objeto amado pode transformar o amor em ódio. Mas o que se fez questão para nós não foi bem esse destino, mas sim a permanência do desejo no objeto, mesmo este sendo causador de dor e desprazer.

Freud (1920/2006, p. 147) nos responde a esses questionamentos dizendo que “todo desprazer neurótico é da espécie de um prazer que não pode ser sentido como tal”. Tem algo no sofrimento, pela não correspondência do objeto, amado que possui um prazer implicado, sendo este inconsciente. Ele nos diz ainda que há no sujeito neurótico uma compulsão à repetição, que se manifesta em todo o tratamento analítico e

que ultrapassa o princípio do prazer. O autor considera que todas as pulsões são de natureza libidinal fusional, tanto as pulsões de vida, como as pulsões de morte, e que uma se origina na outra. Considera, ainda, a existência de um componente sádico na pulsão sexual, que, aliado à pulsão de morte na forma de sadismo, passa a intervir na pulsão sexual. Logo, foi o sadismo expulso do Eu que indicou os componentes libidinais da pulsão sexual, o caminho em direção ao objeto. É a pulsão de morte em forma de sadismo, que passa, então, a servir à pulsão sexual, visto que o masoquismo é uma pulsão complementar do sadismo. Logo, é quando o sadismo recai sobre o eu.

Para Freud (1920/2006), há uma vertente masoquista no campo pulsional, que se contrapõe ao princípio do prazer, passando a ser uma meta almejada. Esse masoquismo pode se manifestar como um masoquismo primário, que emana do eu e que está ligado a uma parte da pulsão de morte. Essa parte é dirigida aos objetos do mundo externo, atuando como pulsão de destruição, e outra parte permanece no organismo, que, com o suporte da excitação sexual, vincula-se ao prazer e à dor, fixando-se libidinalmente. A parte da pulsão sexual que é projetada para fora, poderá ser novamente reintrojada, regredindo à sua antiga condição e resultando em um masoquismo secundário, que se uniria ao masoquismo original. É justamente pelo sofrimento, propiciado na neurose, que ela se torna mais valiosa para a tendência masoquista e por isso o sujeito tanto tende a se rebelar contra o processo de cura, como insiste em manter-se fixado ao objeto que promove dor. Sendo assim, presumimos, que essa fixação no objeto, que promove a dor, esteja relacionado a esse masoquismo erógeno. Ou seja, uma potencialização da pulsão de morte que é unida a uma ferida narcísica, promovida pela não correspondência do objeto amado, e vinculada a uma idealização cultural que, de um lado, relaciona o amor à felicidade e que, do outro, exalta o sofrimento por amor. Assim, se produz um intenso sofrimento a alguns pacientes neuróticos que não conseguem deslocar a libido para outros objetos e passam longo tempo de sua análise para elaborar a perda do objeto. Trata-se de uma fixação da via pulsional e erótica do amor, visto que a via terna, da idealização do objeto, já foi se desconstruindo ao longo do tempo. Logo, não é raro ouvirmos os pacientes dizerem que não sabem o que os mantém preso ao objeto amado, em meio a tantas decepções e desilusões.

Nos textos referentes à segunda tópica freudiana vimos uma ampliação do conceito de amor, embora persista a base libidinal deste, seja ela desviada ou não de sua realização. E Freud (1921/2011) salienta em “Psicologia das massas” que o que sustenta

a preferência por um objeto de amor, em sua origem, é a pulsão sexual. Ele nos diz que toda relação de amor é ambivalente e mediada pela identificação. Ainda neste texto, acrescenta que quando se une às duas correntes (sexual e da ternura) e estas são direcionadas a um mesmo objeto, acontece o enamoramento e o desejo sexual. As virtudes do objeto amado ganham relevância e esta é a condição para que a ternura se mantenha. Na paixão, o objeto ocupa o lugar de ideal do Eu, isto é, ele é amado por abrigar todas as perfeições aspiradas pelo amante, para que possa satisfazer a sua libido narcísica. Freud (1921/2011) ressalta que essa superestimação do objeto pode promover uma suplantação da satisfação sexual, porque o objeto pode se tornar cada vez mais sublime e precioso, podendo fazer com que a libido narcísica do amante fique cada vez mais empobrecida e a humildade passe a fazer morada em seu ser. Ele destaca, ainda, que as relações em que os impulsos sexuais são inibidos tendem a ser mais duradouras e atribui isso ao fato dessas relações não serem passíveis de satisfação plena, enquanto que nas relações onde impera a satisfação sexual, esta tem seus impulsos atenuados a cada vez que são descarregados. Ele afirma: “o amor sensual está fadado a se extinguir com a satisfação; para durar, é preciso que esteja mesclado desde o início com componentes puramente afetuosos, ou seja, inibidos em sua meta ou que experimente tal transformação” (FREUD, 1921/2011, p. 75). Embora ele assuma que quando nos deparamos com o sentimento terno ele se constituiu como sucessor de um laço objetual inteiramente sensual com a pessoa em questão ou com a imagem desta.

Quando há desvio da meta sexual, há possibilidade de entrada no processo de sublimação da pulsão sexual. A sublimação da via erótica é um caminho possível para o neurótico que sofre por amor. Outra possibilidade é o deslocamento da libido para outro objeto, levando em consideração todos os aspectos masoquistas já citados.

Vamos considerar que no “*Mal Estar na civilização*”, Freud (1930/2006) nos diz que o amor sexual é uma das formas de amor e nos proporciona a mais intensa experiência de uma transbordante sensação de prazer e a mais intensa sensação de felicidade. O maior perigo em relação a isso, segundo o autor, é que nunca nos sentimos tão indefesos e vulneráveis contra o sofrimento como quando amamos, bem como nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o objeto amado ou o seu amor. Mais uma vez ele atrela o sofrimento por amor à via sexual deste. Reafirma que o amor tem duas vertentes: o erotismo e a ternura. Se de um lado o erotismo liga um sujeito a um objeto, a ternura os mantém juntos, porque está atrelada às manifestações de carinho e cuidado. Ela mantém os amantes ligados quando a libido está adormecida.

A civilização impôs restrições intoleráveis à vida sexual dos neuróticos e os sintomas passaram a ser criados como forma de satisfação substitutiva para o conflito psíquico.

Ainda no “*Mal Estar*”, Freud (1930/2006) retoma a comparação feita nos “Três ensaios” entre fome e amor. Para ele, a fome representa as pulsões de auto conservação, ao passo que o amor visa aos objetos e tem como um de seus resultados a preservação da espécie. Por isso, pulsões sexuais e pulsão de autoconservação entram em conflito no sofrimento neurótico. O amor, assim como o sintoma, representa um grande conflito para os neuróticos, que precisam encontrar um caminho entre o ideal do Eu e o impossível da pulsão. Como recurso para isso, eles dispõem da fantasia. A fantasia é um artifício da psique para satisfazer à pulsão. Para Jorge (2010), ela é que promove a homeostase psíquica.

A fantasia faz parte da estrutura de todas as neuroses, mas se apresenta de forma diferente na Neurose Obsessiva e na Histeria. Inicialmente, foram definidas por Freud (1896) como fantasia de sedução para a histérica e fantasia da cena primária para a Neurose Obsessiva.

O sofrimento, assim toma um ponto de origem sólido, no qual todo ser falante se reconhecerá, mas nada nunca aliviará a parte fantasística desse sofrimento, porque este fornece a prova de ter existido e é a lembrança de um trauma que fora signo do amor.

Com relação às fantasias fundamentais, cena primária e cena de sedução, elas formalizam a estrutura e é importante mostrar que tem uma função idêntica face ao falo. Esta relação única com o falo permitirá distinguir as fantasias fundamentais da histérica e do obsessivo. A expressão fantasia de sedução carrega uma ambiguidade, pois trata tanto de seduzir como de ser seduzido. Nos dois casos, a sedução traz consigo a noção de passividade. Com relação à fantasia da cena primária, consiste em ter visto ou ver, ou ainda procurar ver ativamente uma relação sexual. Ambas implicam uma relação com o falo no sentido de que a sedução corresponde ao momento em que a mulher encarna passivamente o falo. A visualização da cena primária corresponde ao momento em que o olhar constitui a copulação do casal. Aquele que olha é aquele que une, quer dizer, o falo. É deste modo passivo ou ativo que o falo emoldura a fantasia histérica e a fantasia do obsessivo.

Se a fantasia é uma alternativa para o sujeito ceder ao gozo, é porque como já visto, ele remete ao complexo de Édipo. O gozo se esquiva porque o primeiro objeto de amor é a mãe, que parece dirigir seu desejo ao pai e, por isso, a fantasia de

assassinato ao pai ganha um lugar central. A partir disso, algumas distinções são feitas entre a fantasia do histérico e a fantasia do obsessivo. Suprimir o pai é um momento que permite ilustrar as vias ativas ou passivas, como ponto de reversão da cena primária e da cena de sedução.

Assim ocorre quando a histérica investe na sedução e se engaja passivamente numa relação em que se oferece como objeto desejável, o resultado de sua oferta será o assassinado de um pai. Pommier (1991) afirma que sua beleza e seu charme exercem poder sobre a universalidade dos homens, totalidade a qual seu pai também está incluído. Em meio a sua cegueira histérica, todo homem está investido de um traço paterno em potência. Vamos lembrar que, no caso Dora, o pai aparece no sonho do incêndio ao lado de sua cama, lugar ocupado pelo Sr. K na realidade de vigília, principalmente se esse homem, imbuído de sua virilidade, comportar-se como um protetor. Se esse pai a deseja, ele perde sua dignidade e sua função de interditar o incesto, e aparece então a dimensão trágica da sedução. Desviando o caminho do assassinato ao pai, a sedução reside no incesto. Por isso é suficiente provocar o desejo e permanecer no campo de um desejo insatisfeito, para que já se esteja no campo do gozo: “seduzir e se esquivar realiza um gozo incestuoso graças a um roteiro reduzido que um único olhar permite pôr em cena” (POMMIER, 1991, p. 102). Basta que o objeto de amor configure um traço paterno para que uma fantasia possa associar-se a um sintoma e colocar a paciente em muitas desventuras em relação ao objeto amado.

No obsessivo, essa representação do assassinato do pai ocorre também na vida amorosa, principalmente quando uma mulher passa a ser desejada a partir do momento em que ela diz não, isto acontece com o “*Homem dos Ratos*”. À medida que se esquivava, ela carrega um signo da interdição, um signo do pai. Se for possuída, o desejo do obsessivo por ela decresce. Daí porque o obsessivo aloja facilmente seu desejo entre duas mulheres que representarão para ele a mãe e a puta. Então o desejo oscila entre duas pessoas, quando uma é escolhida, a outra é desejada e ainda atrapalha a relação com a primeira. Ela tem a função de interditar o gozo e representar com isso, o traço do pai. Sendo assim, a fantasia obsessiva persegue sem fim uma representação do pai.

Jorge (2010, p. 82) nos explica a relação da fantasia com o amor. Para o autor, “a fantasia é a articulação entre o inconsciente e a pulsão” e ela é situada entre dois pólos (S barrado pulsão de a). No polo do sujeito está o inconsciente e do lado do objeto a está o pólo pulsional. Do lado do inconsciente, temos o sujeito que é

constituído pela linguagem, pelo significante e no polo da pulsão, temos a inscrição do gozo que anteriormente se constituía como um gozo absoluto, mas que através da fantasia se constituiu como gozo fálico, ou seja, gozo submetido à linguagem, à regência do falo. Em outras palavras, o inconsciente é o polo do simbólico, e o polo pulsional é o real da fantasia.

O amor está no polo do sujeito, do inconsciente, do simbólico. E como já dito, no polo da pulsão, do real, está o gozo. Lacan (1982, s/p. *apud* JORGE, 2010, p. 85-86) no seminário 20 no qual ele diz que “o amor visa o ser”, o ser em todas as suas atribuições subjetivas, porém em relação ao gozo, o sujeito nada pode fazer, embora seu signo seja responsável por provocar o desejo. E aí reside a grande diferença entre o amor e o gozo, no amor há produção de sentido oposta à falta de sentido inerente ao gozo. Esses conceitos lacanianos não foram abordados em nosso trabalho, mas precisamos utilizá-los neste momento para compreendermos também o conceito de amor. Para Jorge (2010, p. 82) “a fantasia é, em essência, uma fantasia do desejo de completude construída em torno desses dois polos”. A função da fantasia de amor é dar sentido ao sem sentido, ao impossível. O outro, parceiro sexual escolhido se apresenta como causa do desejo.

Os conceitos lacanianos não foram trabalhados em nosso texto, mas nos instiga a continuarmos a pesquisa dando ênfase a esses conceitos e à apreensão do conceito de amor para Lacan, principalmente no que ele chama de “dom” que seria o amor propriamente dito, o amor mergulhado no simbólico.

Então para Jorge (2010, p. 84) “Na neurose, a fantasia de completude é, em essência, fantasia de completude amorosa”. O que o neurótico quer é resgatar a completude perdida pelo viés do amor, por isso, para ele o amor tem tanto valor, o amor dar sentido a vida. A questão é que, muitas vezes, opõe-se o amor e gozo, opõem-se pulsão e desejo. Como vimos em Freud (1912/2006a) a dificuldade do neurótico em confluir num mesmo objeto a corrente da ternura e a corrente erótica e por outro lado, vimos também o quanto é complexo para o sujeito direcionar amor e pulsão a um mesmo objeto. O quão isso aciona fatores edípicos recalcados que vão confronta-se com o princípio de realidade e o quão vulnerável o sujeito também se torna frente a um objeto que detém todos os seus investimentos. Se ele o perde, perde muito, perde o objeto de amor e o objeto da pulsão que embora seja variável, também tem o poder de fixar-se em um objeto e só conseguir obter prazer através deste.

Daí a compreensão da fantasia nos ajuda a refletir sobre a fixação em um

objeto de amor que não mais corresponde aos ideais do ser, ideais almeçados pelo o ideal do eu e que, ainda assim, o sujeito não consegue se desvencilhar. Esta fixação no objeto, a qual o sujeito, muitas vezes não consegue nem explicar, pode estar relacionada à pulsão, ao gozo que está vinculado às figuras edípicas. A análise pode possibilitar ao sujeito atravessar essa fantasia e dar outro destino para essa pulsão, seja através da eleição de outro objeto, seja pela via da sublimação. O gozo relacionado ao sofrimento por amor não é um conceito desenvolvido neste trabalho por limitações impostas pelo tempo, mas será objeto de estudo de pesquisas futuras. Neste momento, enfatizamos o aspecto pulsional da fixação no objeto, levando em consideração que a pulsão se apresenta como aquilo o que o sujeito não consegue nomear, inclusive pelo caráter repetitivo da sua atuação.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. **Poemas**. Rio de Janeiro: Olympio, 1959.
- CHEMAMA, R. Amor. *In*: CHEMAMA, R (Org.). **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Larrousse-Artes Médicas, 1995.
- DOR, J. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Timbre editores, 1991.
- FERREIRA, N. P., MOTTA, M. A. **HISTERIA: o caso Dora**. Zahar, 2014.
- FERREIRA, N. P. **A teoria do amor na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FONTENELE, L. B. **O mal estar na cultura: uma reflexão ética ou social?** Dissertação de Mestrado. UFC. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Fortaleza, 1997.
- FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). *In*: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v.XII Rio de Janeiro: Imago, 2006b.
- _____. A dissolução do complexo de Édipo. (1924). *In*: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. À guisa de introdução ao narcisismo (1914). *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. v.I. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. A interpretação dos sonhos (1900) *In*: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. V. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. A sexualidade na etiologia das neuroses (1898). *In*: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v.III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. Além do princípio do prazer (1920). *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. v.II. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. As neuropsicoses de defesa. (1894). *In*: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v.III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. Conferência XXVII – Transferência (1917[1916 – 1917]) *In*: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. Contribuições à psicologia do amor: Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens. (1910). *In*: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v.XI. Rio de Janeiro: Imago, 2006c.

- _____. Esboço de Psicanálise (1930). *In: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud***. v. XXIII Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. Estudos sobre a histeria (1895). *In: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud***. v.II. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. Fragmentos sobre um caso de histeria (1905 [1901]) *In: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud***. v.VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. Inibição, Sintoma e Angústia (1926[1925]). *In: FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud***. v. XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910). *In: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud***. v.XI. Rio de Janeiro: Imago, 2006b.
- _____. Luto e Melancolia (1917). *In: FREUD, S. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente***. v.II. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. Moral sexual civilizada e doença moderna (1908). *In: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud***. v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. Notas sobre um caso de neurose obsessiva. (1909). *In: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud***. v.X. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. O eu e o id. (1923). *In: FREUD, S. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente***. v.III. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- _____. O mal-estar na civilização (1930). *In: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud***. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. O problema econômico do masoquismo (1924). *In: FREUD, S. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente***. v.III. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- _____. O sentido dos sintomas (1917). *In: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud***. v.I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896). *In: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud***. v. III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise III) (1915[1914]). *In: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud***. v.XII Rio de Janeiro: Imago, 2006.

- _____. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). *In*: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. Psicanálise Silvestre (1910). *In*: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 2006a.
- _____. Psicologia das massas e análise do eu. (1921). *In*: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. XV. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. Pulsões e destinos da pulsão (1915). *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. v.I. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. Recordar, repetir e elaborar (1914). *In*: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. XII Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. Resenha de Hipnotismo, de August Forel (1889). *In*: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à Psicologia do Amor II) (1912). *In*: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 2006a.
- _____. Tipos de desencadeamento da neurose (1912). *In*: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 2006c.
- _____. Totem e Tabu (1913). *In*: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. XIII Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade (1905). *In*: FREUD, S. **Edições Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. VII. Rio de Janeiro. Imago, 2006.
- GORI, R. **A lógica das paixões**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004.
- JORGE, M. A. C. A travessia da fantasia na neurose e na perversão. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte, n. 29, set., 2006.
- JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- LAPLANCHE; PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEÃO, S. **Temas de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

- LEVY, L.; GOMES, I. C. Relações amorosas: rupturas e elaborações. **Tempo Psicanalítico**. Rio de Janeiro, v. 43, n.1, jun., 2011.
- LOPES, M. M. **Conceito de amor em Psicanálise**. São Paulo: Centauro, 2009.
- MARTINS, K. P. **Sertão e melancolia: espaços e fronteiras**. Curitiba: Appris, 2014.
- MILLER, J. Uma conversa sobre o amor. **Opção Lacaniana**. Rio de Janeiro, n 2, ano 1, jul., 2010.
- PAZ, B. C. **Freud e o amor: do ideal ao impossível**. Um diálogo entre Psicanálise e Romantismo. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.
- PINTO, P. J. C. **Freud e o relato da neurose**. Curitiba: Appris, 2015.
- POMMIER, G. **O desenlace de uma análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- RAMALHO, T.; MARTINEZ, M. C. Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana. **Caderno de Psicanálise**. Rio de Janeiro, v. 35, p. 29, dez., 2013.
- RECALCATI, M. **Não é mais como antes: elogio do perdão na vida amorosa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- SIMÕES, R. B. As vicissitudes do amor: narcisismo e sublimação. **Psicologia para a América Latina**. México, n. 9, abril, 2007.
- VILTARD, M. Amor. *In*: KAUFMAN, P. (Org.). **Dicionário enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.